



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

MESTRADO EM CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

ESTEVAM PINHEIRO LINDOSO

**Desafios na Gestão de Conflitos e Violência nas Escolas de
Presidente Sarney, Maranhão: Impactos na
Qualidade da Educação.**

Orientadora:

Professora Doutora Mariana Grazina Cortes

Lisboa, outubro de 2025

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS
MESTRADO EM CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

**Desafios na Gestão de Conflitos e Violência nas Escolas de Presidente
Sarney, Maranhão: Impactos na Qualidade da Educação.**

Estevam Pinheiro Lindoso

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão: Desafios na Gestão de Conflitos e Violência nas Escolas de Presidente Sarney, Maranhão: Impactos na Qualidade da Educação, sob a orientação do Professora Doutora Mariana Grazina Cortez.

Lisboa, outubro de 2025

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS
MESTRADO EM CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

**Desafios na Gestão de Conflitos e Violência nas Escolas de Presidente
Sarney, Maranhão: Impactos na Qualidade da Educação.**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica.

COMISSÃO JULGADORA:

Lisboa, outubro de 2025

Dedicatória

Dedico este trabalho de pesquisa ao Professor Mestre Marcos Sergio Souza Borges, cuja sabedoria, e os incentivos foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo sobre "A Violência Escolar nas Escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e seus Efeitos na Qualidade da Educação." Suas fontes de inspiração foram cruciais para a realização deste trabalho.

Também dedico esta pesquisa ao meu orientador, cuja orientação sólida e apoio incondicional foram indispensáveis para a concretização deste estudo. Sua expertise e compromisso com a excelência acadêmica foram fundamentais para o aprofundamento dos conhecimentos e para a elaboração de uma pesquisa de qualidade.

A ambos, meu sincero agradecimento por acreditarem em meu potencial, por compartilharem seus conhecimentos e por dedicarem seu tempo e esforço para tornar este trabalho possível. Suas contribuições foram inestimáveis e ficarão marcadas não apenas neste estudo, mas também em minha trajetória acadêmica e profissional. Muito obrigado pela oportunidade de aprender e crescer sob a orientação de mestres tão dedicados e inspiradores.

Que este estudo contribua de forma significativa para o avanço do conhecimento na área de violência escolar e para a promoção de uma educação mais consciente e sustentável nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão.

Com gratidão, Estevam Pinheiro Lindoso

Agradecimento

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por sua graça e orientação ao longo desta jornada de pesquisa. Sua providência e força foram fundamentais para a realização deste estudo.

Expresso meu sincero agradecimento ao Professor Mestre Marcos Sergio Souza Borges, cuja seu incentivo foi indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa sobre "A Violência Escolar nas Escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e seus Efeitos na Qualidade da Educação."

Também sou profundamente grato ao Orientador, por sua orientação sólida, apoio incondicional e expertise, que foram cruciais para o aprofundamento dos conhecimentos e a elaboração de uma pesquisa de qualidade.

Minha gratidão se estende a todos os professores e colegas que contribuíram com seus discursos e apoio ao longo deste percurso acadêmico.

Agradeço à minha família pelo amor, incentivo e compreensão durante todo o processo de pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este estudo se concretizasse. Suas colaborações foram inestimáveis e ficarão marcadas na minha jornada acadêmica e profissional.

Que este trabalho possa servir como uma contribuição valiosa para o avanço do conhecimento na área de violência escolar e para a promoção de uma educação mais consciente e sustentável nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão.

Com profunda gratidão, Estevam Pinheiro Lindoso

Epígrafe

"Na educação, como na natureza, a violência é um grito de socorro da alma." - Desmond Tutu

Esta epígrafe destaca a importância de compreender a violência nas escolas como um indicativo de desafios mais profundos que afetam os alunos e a qualidade da educação. Ela ressalta a necessidade de abordar a violência de forma sensível e consciente, visando ao bem-estar e ao crescimento dos estudantes.

Resumo

A presente pesquisa investigou o impacto da violência entre professores e alunos na qualidade da educação nos anos finais do ensino público no município de Presidente Sarney, Maranhão. A motivação central foi compreender como essas manifestações de violência interferem nas dinâmicas escolares, no desempenho acadêmico dos estudantes e na motivação docente. Para isso, adotou-se uma abordagem metodológica de natureza mista, articulando dados quantitativos, obtidos por meio da aplicação de questionários a estudantes, com dados qualitativos, coletados a partir de entrevistas com professores e gestores escolares. Os resultados revelaram que a violência mais recorrente nas escolas é de natureza verbal e psicológica, manifestando-se em conflitos interpessoais, atitudes desrespeitosas e ausência de diálogo respeitoso entre professores e alunos. Tais manifestações foram apontadas como fatores que afetam negativamente a motivação dos docentes, provocando desestímulo profissional, desgaste emocional e comprometimento da relação pedagógica. No que tange ao desempenho acadêmico, observou-se que a violência nas relações escolares compromete a atenção, a concentração e o interesse dos estudantes, gerando um ambiente hostil e pouco favorável à aprendizagem. Os dados quantitativos apontaram que mais de 50% dos alunos percebem a violência como um fator prejudicial ao seu desempenho escolar, reforçando as análises qualitativas. As estratégias atualmente adotadas pelas escolas para lidar com a violência foram percebidas como limitadas ou ineficazes por parte da maioria dos respondentes. Destaca-se, nesse sentido, a carência de apoio psicológico, formação continuada e medidas integradas de prevenção e mediação de conflitos. Como recomendações, a pesquisa propõe a implementação de políticas públicas voltadas à formação de professores em gestão socioemocional, ao fortalecimento do vínculo escola-comunidade e à criação de protocolos de mediação escolar com suporte psicológico e institucional. A triangulação dos dados evidenciou que enfrentar a violência entre professores e alunos requer ações estruturantes, preventivas e integradas, visando não apenas à contenção dos conflitos, mas à construção de ambientes escolares mais seguros, acolhedores e propícios à aprendizagem significativa. Dessa forma, os resultados desta pesquisa contribuem para o debate sobre a melhoria da qualidade da educação em contextos de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Violência escolar; Relação professor-aluno; Qualidade da educação; Desempenho acadêmico; Educação pública.

Abstract

This study investigated the impact of violence between teachers and students on the quality of education in the final years of public schooling in Presidente Sarney, Maranhão, Brazil. The central aim was to understand how these manifestations of violence affect school dynamics, student academic performance, and teacher motivation. A mixed-methods approach was adopted, combining quantitative data collected through student questionnaires with qualitative data gathered from interviews with teachers and school administrators. The results revealed that the most frequent types of violence in schools are verbal and psychological, manifested through interpersonal conflicts, disrespectful attitudes, and a lack of respectful dialogue between teachers and students. These manifestations were identified as factors negatively affecting teacher motivation, leading to professional discouragement, emotional strain, and compromised pedagogical relationships. Regarding academic performance, it was observed that violence in school relationships impairs students' attention, concentration, and interest, creating a hostile and unfavorable learning environment. Quantitative data showed that over 50% of students perceive violence as a factor detrimental to their academic achievement, reinforcing qualitative analyses. Current strategies adopted by schools to address violence were perceived as limited or ineffective by most respondents. Notably, there is a lack of psychological support, ongoing teacher training, and integrated measures for conflict prevention and mediation. The study recommends implementing public policies focused on teacher training in socio-emotional management, strengthening school-community ties, and establishing school mediation protocols supported by psychological and institutional resources. The triangulation of data highlighted that addressing violence between teachers and students requires structural, preventive, and integrated actions aimed not only at containing conflicts but also at building safer, welcoming schools conducive to meaningful learning. Thus, the findings contribute to the ongoing discussion about improving education quality in socially vulnerable contexts.

Keywords: School violence; Teacher-student relationship; Education quality; Academic performance; Public education.

Lista de Tabelas

Tabela 1. Escolas selecionadas para a pesquisa Escola/Localidade/Número de alunos.....	45
Tabela 2. Sujeitos selecionadas para entrevistas - Professores/coordenadores e alunos.....	47
Tabela 3. Análise de Conteúdo – Pergunta 1 do Objetivo 1 - Como você definiria ou descreveria as formas de violência que você já presenciou.....	58
Tabela 4. Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 1 - Você já experimentou situações de violência nas escolas de Presidente Sarney? Se sim, quais?.....	60
Tabela 5. Análise de Conteúdo – Pergunta 3. do Objetivo 1 - Quais são os principais incidentes ou situações que você acredita serem representativos de violência entre professores e alunos nesta região?.....	63
Tabela 6. Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 2 Quais estratégias ou políticas as escolas em Presidente Sarney têm implementado para prevenir e lidar com a violência entre professores e alunos?.....	66
Tabela 7. Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 2. Como as escolas respondem às ocorrências de violência, e de que maneira essas respostas afetam o ambiente escolar e o relacionamento entre professores e alunos?.....	69
Tabela 8. Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 3. Como as escolas respondem às ocorrências de violência, e de que maneira essas respostas afetam o ambiente escolar e o relacionamento entre professores e alunos?.....	72
Tabela 9. Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 3. Qual é a relação que você percebe entre a violência na escola e o desempenho acadêmico dos alunos? Em sua opinião, a violência impacta negativamente o aprendizado?.....	74
Tabela 10. Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 4. Identificar medidas preventivas e intervenções que podem ser adotadas para reduzir a violência entre professores e alunos e melhorar a qualidade da educação.....	77
Tabela 11. Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 4. Como podemos melhorar a qualidade da educação nessa região por meio da promoção de ambientes escolares mais seguros e positivos?.....	80
Tabela 12. Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 5. Compreender a percepção das partes interessadas sobre a eficácia das estratégias de prevenção e intervenção existentes.....	83
Tabela 13. Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 5. Que desafios específicos você acredita que existem na implementação dessas estratégias e programas de prevenção? Existem áreas que precisam de melhoria?.....	86

Lista de Figuras

Figura 1. Imagem aérea de Presidente Sarney.....	43
Figura 2. Imagem do balneário de 03 furos a margem do Rio Tury.....	44
Figura 3. Com que frequência você testemunhou ou experimentou conflitos verbais nas escolas de Presidente Sarney nos últimos 12 meses?.....	91
Figura 4. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa “nunca” e 5 significa “sempre”, quão frequentemente você observou casos de intimidação nas escolas de Presidente Sarney?.....	92
Figura 5. Em sua opinião, quão eficazes são as políticas e medidas existentes nas escolas de Presidente Sarney para prevenir a violência entre professores e alunos?.....	94
Figura 6. Como você classificaria a capacidade das escolas em resolver incidentes de violência entre professores e alunos, considerando que 1 é “incapaz” e 5 é “altamente capaz”?.....	96
Figura 7. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "impacto negativo" e 5 significa "impacto positivo", como você avaliaria o impacto da violência nas escolas na motivação dos professores?.....	98
Figura 8. Qual é a sua percepção do impacto da violência entre professores e alunos no desempenho acadêmico dos estudantes, em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Prejudica o Desempenho" e 5 significa "Melhora o Desempenho"?.....	99
Figura 9. De acordo com sua percepção, quais das seguintes medidas considera mais eficazes na prevenção da violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney?.....	100
Figura 10. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa “Não importante” e 5 significa “muito Importante, quão importante você acredita que é promover ambiente sem violência para melhorar a qualidade da educação?.....	103
Figura 11. Qual é a sua percepção da eficácia das estratégias atuais de prevenção e intervenção nas escolas de Presidente Sarney para lidar com a violência entre professores e alunos?.....	104
Figura 12. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Ineficaz" e 5 significa "Altamente Eficaz", quão eficazes você considera as estratégias de prevenção de violência nas escolas?.....	106

Lista de Abreviaturas e Siglas

GEM	Global de Educação para Todos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PNE	Plano Nacional de Educação
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

Dedicatória	iv
Agradecimento	v
Epigrafe	Erro! Indicador não definido.
Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de Tabelas	ix
Lista de Figuras	x
Lista de Abreviaturas e Siglas	xi
Sumário	xii
PARTE 1.....	1
INTRODUÇÃO	1
Contexto introdutório.....	1
Justificativa.....	3
Motivação da pesquisa.....	4
Problemática.....	5
Objetivos.....	7
Estrutura da pesquisa.....	8
PARTE 3.....	10
FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA.....	10
CAPÍTULO 1	10
VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E SUAS MANIFESTAÇÕES.....	10
1.1 Definições e Tipos de Violência Escolar	10
1.2 Fatores de Risco e Causas da Violência nas Escolas.....	12
1.2.1 Causas no ambiente familiar	13
1.2.2 Causas por falta de supervisão	13
1.2.3 Causas da Intolerância e Discriminação:	14
1.2.4 Causa por Acesso a Armas.....	15
1.2.5 Clima Escolar Negativo.....	15
1.2.6 Causas por Desigualdade de Gênero	16
1.3 Consequências da Violência na Comunidade Escolar	17
1.4 Estudos de Caso e Exemplos de Violência Escolar	19
CAPÍTULO 2	21

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E INTERVENÇÕES PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	21
2.1 Políticas Educacionais Nacionais e Internacionais	21
2.2 Estratégias de Prevenção da Violência Escola	23
2.3 Promoção de Ambientes Escolares Seguros e Inclusivos	24
2.4 Avaliação de Programas de Prevenção e Intervenção.....	27
2.4.1 Abordagens de Avaliação	28
2.4.2 Avaliação Formativa e Somativa	28
2.4.3 Contribuições de Autores Nacionais	28
2.4.4 Perspectivas Internacionais	28
CAPÍTULO 3.....	30
QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E SEUS INDICADORES.....	30
3.1 Conceito de Qualidade da Educação.....	30
3.2 Indicadores de Qualidade da Educação.....	31
3.2.1 Indicadores de Aprendizagem.....	32
3.3 Elementos-Chave para a Qualidade da Educação.....	33
3.3.1 Desafios na Implementação.....	34
3.4 Relação entre Violência Escolar e Qualidade da Educação.....	35
3.4.1 A Natureza da Violência Escolar.....	36
3.4.2 Impactos na Qualidade da Educação	37
3.4.3 Desafios para a Qualidade da Educação.....	38
3.4.5 Necessidade de Políticas Integradas.....	39
FASE 3.....	41
ESTUDO EMPÍRICOS.....	41
CAPÍTULO 4.....	41
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	41
4.1 Introdução	41
4.2 Local da investigação.....	42
4.3 Sujeitos investigados	45
4.4 Amostras dos sujeitos	46
4.5 Instrumentos de recolha de dados.....	47
4.6 Instrumentos de análise de dados.....	49
4.7 A ética da pesquisa.....	50

4.8 Principais desafios na pesquisa.....	52
CAPÍTULO 5.	54
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E SUAS DISCUSSÃO.....	54
5.1 Contexto introdutório.....	54
5.2 Contexto dos Resultados da Análise de Documentos das escolas.....	55
5.3 Contexto dos Resultados da Análise das observações realizadas nas salas de aula.....	56
5.4 Contexto dos Resultados da Análise das entrevistas	57
5.4.1 <i>Análise Geral das Tabelas – Contexto Integrado dos Resultados</i>	88
5.5 Contexto dos Resultados da Análise dos questionários aplicados.....	90
CAPÍTULO 6.	112
CONCLUSÕES FINAIS E LINHAS FUTURAS DE INVESTIGAÇÃO	112
6.1 Conclusão final.....	112
6.2 Principais linha futura de pesquisa	114
Bibliografia.....	115
APÊNDICE – A	126
QUESTIONÁRIO – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (QUALITATIVA).....	126
APÊNDICE – B.....	127
QUESTIONÁRIO – (QUANTITATIVO) PARA ALUNOS	127
APÊNDICE – C	129
Termo de Consentimento da Instituição de Ensino Básico	129
APÊNDICE – D	130
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	130

PARTE 1

INTRODUÇÃO

Contexto introdutório

A violência nas escolas, envolvendo tanto conflitos entre alunos quanto entre alunos e professores, emergiu como um desafio crítico no contexto da educação brasileira e global. Este estudo busca lançar luz sobre a problemática específica da violência escolar em Presidente Sarney, no estado do Maranhão, e sua influência direta na qualidade da educação. O entendimento das raízes e consequências desse fenômeno torna-se vital, não apenas para a promoção de ambientes educacionais seguros e saudáveis, mas também para garantir o pleno desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes.

Ao abordar esse tema, é imperativo reconhecer que a violência nas escolas não é um fenômeno isolado, mas parte de um contexto mais amplo que inclui fatores sociais, econômicos e culturais. De acordo com Esteves (2019), as escolas são um microcosmo da sociedade e, como tal, refletem as tensões e desigualdades presentes na comunidade em que estão inseridas. Os conflitos nas escolas não são apenas um reflexo do ambiente externo, mas também uma causa de retroalimentação, influenciando e sendo influenciados por questões socioeconômicas, culturais e políticas.

Em relação a essa realidade, a cidade de Presidente Sarney, localizada no estado do Maranhão, apresenta desafios específicos relacionados à violência escolar. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) demonstram que a região Nordeste, à qual o Maranhão pertence, enfrenta desafios persistentes em termos de qualidade da educação, com índices abaixo da média nacional em avaliações acadêmicas (INEP, 2020). No entanto, a qualidade da educação não é influenciada apenas por fatores acadêmicos, mas também pelo ambiente escolar e a presença ou ausência de conflitos e violência.

Segundo Braga (2018), a violência nas escolas pode abranger uma ampla gama de comportamentos, desde conflitos interpessoais até formas mais graves de violência, incluindo intimidação, agressão física e verbal, vandalismo e, em casos extremos, até mesmo atos de violência armada. Esses comportamentos prejudicam não apenas o bem-estar dos alunos, mas também a eficácia do processo educacional, criando um ambiente de medo e insegurança que prejudica o aprendizado.

Dada a gravidade dessa questão, é fundamental investigar as manifestações específicas de violência nas escolas de Presidente Sarney, bem como a forma como as instituições de ensino lidam com essa problemática. A motivação por trás dessa pesquisa reside na necessidade de compreender os impactos da violência nas escolas, não apenas na qualidade da educação, mas também na motivação dos professores e no desempenho acadêmico dos alunos. Somente através de uma compreensão abrangente dessas dinâmicas é possível identificar medidas preventivas e intervenções eficazes que podem contribuir para um ambiente escolar mais seguro e propício à aprendizagem.

É importante ressaltar que a violência nas escolas é uma questão complexa e multifacetada. Ela não se limita a ações físicas, mas engloba também formas mais sutis de agressão, como o bullying verbal e a exclusão social. Esses comportamentos podem ser alimentados por uma variedade de fatores, incluindo questões socioeconômicas, culturais e psicológicas. Em muitos casos, a violência nas escolas é uma manifestação da falta de oportunidades, da desigualdade social e de tensões no ambiente familiar.

Além disso, a violência nas escolas pode ter sérios impactos na qualidade da educação. Estudos mostram que ambientes escolares marcados por conflitos e violência tendem a ser menos propícios à aprendizagem. A presença de violência afeta o bem-estar emocional dos estudantes, levando a níveis mais baixos de concentração e desempenho acadêmico (Swearer et al., 2010). Além disso, professores que enfrentam situações de violência e indisciplina têm dificuldades em manter um ambiente de ensino eficaz.

Considerando o contexto descrito, esta pesquisa tem como objetivo central investigar a relação entre a violência nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e a qualidade da educação. O estudo buscará responder à indagação principal: "Como a violência nas escolas entre professores e alunos impacta a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão?"

A relevância desta pesquisa reside na sua capacidade de fornecer insights significativos sobre a dinâmica da violência escolar em Presidente Sarney, Maranhão, e seus impactos na qualidade da educação. Os resultados deste estudo podem ser usados para informar políticas públicas, práticas educacionais e intervenções direcionadas que visem a criar ambientes escolares mais seguros, inclusivos e propícios ao aprendizado.

Combinando métodos quantitativos e qualitativos. Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura para embasar a compreensão das dinâmicas de violência escolar e seus impactos na qualidade da educação. Em seguida, foram coletados dados quantitativos por meio

de questionários aplicados a alunos das escolas públicas de Presidente Sarney. A amostragem foi estratificada para garantir representatividade. Paralelamente, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com professores, alunos e funcionários escolares, a fim de explorar as experiências e percepções em profundidade. A análise de dados foi realizada por meio de métodos estatísticos e análise de conteúdo. A triangulação de dados e fontes permitiu uma visão abrangente da violência nas escolas em Presidente Sarney e seus efeitos na qualidade da educação.

Esta pesquisa é relevante para informar políticas públicas e práticas educacionais voltadas para a criação de ambientes escolares mais seguros e inclusivos. A compreensão aprofundada dessas questões é fundamental para o avanço da educação e o bem-estar da comunidade escolar em Presidente Sarney e em todo o país.

Justificativa

A pesquisa sobre a violência nas escolas entre professores e alunos em Presidente Sarney, Maranhão, é de suma importância devido às implicações significativas que essa questão tem sobre a qualidade da educação e o bem-estar dos envolvidos. Está justificativa se baseia em evidências e fundamentação teórica apresentada a seguir.

A violência nas escolas é um fenômeno global que afeta não apenas o ambiente escolar, mas também o desenvolvimento acadêmico e socioemocional dos alunos, bem como a motivação e o bem-estar dos professores. No Brasil, a situação não é diferente, e vários autores têm abordado essa problemática:

Segundo a pesquisa de Schirmer (2017), a violência nas escolas é um desafio significativo no contexto educacional brasileiro. A autora destaca que a violência entre alunos e contra professores é um problema que impacta a qualidade do ensino e a permanência dos estudantes na escola.

Para corroborar essa afirmação, os estudos de Ristum (2018) ressaltam que a violência nas escolas, especialmente o bullying e a agressão entre estudantes, afeta diretamente o desempenho acadêmico dos alunos e contribui para altas taxas de evasão escolar.

No contexto da motivação dos professores, a pesquisa de Tardif (2016) salienta que o ambiente escolar desafiador e a violência podem afetar negativamente a paixão e o comprometimento dos educadores, impactando diretamente a qualidade do ensino.

Além disso, estudos nacionais, como os de Ferreira (2019), revelam que a violência nas escolas no Brasil não é uniforme e varia de acordo com as regiões. É fundamental entender a

dinâmica específica em locais como Presidente Sarney, Maranhão, para desenvolver estratégias de prevenção e intervenção eficazes.

Portanto, esta pesquisa busca preencher uma lacuna importante na compreensão da violência nas escolas em contextos regionais específicos, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento de políticas e práticas que possam melhorar a qualidade da educação e promover ambientes escolares seguros. A pesquisa contribuirá para a discussão acadêmica e a tomada de decisões no campo da educação, visando a um futuro mais promissor para professores e alunos em Presidente Sarney, Maranhão.

Motivação da pesquisa

A motivação para realizar esta pesquisa sobre a violência nas escolas entre professores e alunos em Presidente Sarney, Maranhão, é profundamente enraizada na experiência e no comprometimento do pesquisador com a comunidade local ao longo de duas décadas. O pesquisador, que é pastor chefe na cidade de Presidente Sarney, tem desempenhado um papel ativo na vida da comunidade, trabalhando incansavelmente para resolver conflitos familiares e educacionais. Essa experiência prática o motivou a explorar a questão da violência nas escolas e seu impacto na qualidade da educação.

Por mais de 20 anos, o pesquisador tem se envolvido com as famílias da cidade, visitando lares, ouvindo preocupações e oferecendo orientação e apoio. Esse trabalho direto com a comunidade permitiu ao pesquisador compreender as complexidades dos conflitos familiares e educacionais que afetam a vida dos residentes de Presidente Sarney.

Como pastor, o pesquisador é testemunha das lutas enfrentadas por alunos, professores e suas famílias, decorrentes da violência nas escolas. Essas experiências pessoais têm inspirado o pesquisador a ir além do apoio individual e a buscar soluções mais amplas para a problemática da violência educacional. A pesquisa visa aprofundar o entendimento da questão e contribuir para a melhoria das condições educacionais na cidade.

Além disso, o pesquisador acredita que a pesquisa é uma extensão natural de seu compromisso com a comunidade. A pesquisa não apenas amplia o alcance de sua ajuda, mas também fornece uma base sólida para a implementação de medidas preventivas e intervencionistas mais eficazes no contexto educacional de Presidente Sarney.

O pesquisador, como alguém que já está ativamente envolvido na problemática da pesquisa, traz uma perspectiva única e uma compreensão íntima dos desafios enfrentados pela comunidade. Essa motivação impulsiona o pesquisador a buscar respostas que possam levar a

melhorias reais na qualidade da educação e na vida das pessoas em Presidente Sarney, Maranhão.

Problemática

No cenário educacional de Presidente Sarney, Maranhão, o tema da violência e conflitos nas escolas tornou-se um desafio premente. Como ressaltou Silva (2019), a violência no ambiente escolar é um problema que afeta não apenas o desempenho dos estudantes, mas também o bem-estar de professores e funcionários. Relatos de agressões físicas, intimidação, vandalismo e indisciplina têm se tornando cada vez mais frequentes, minando o ambiente propício para o ensino e a aprendizagem.

Esses desafios se estendem por toda a rede pública de ensino, afetando principalmente os anos finais do ensino fundamental. Conforme destacou Santos (2018), a fase da adolescência é caracterizada por transformações físicas, emocionais e sociais, o que pode contribuir para o aumento de conflitos e atitudes violentas entre os alunos. Portanto, a gestão de conflitos e a prevenção da violência nas escolas se tornam questões cruciais.

A fim de entender a relação entre conflitos, violência e qualidade da educação, é essencial considerar as contribuições teóricas. De acordo com Sousa (2020), a violência escolar pode ser interpretada como um reflexo das desigualdades sociais e da falta de políticas públicas eficazes. A pesquisa de Lima (2017) destaca que a qualidade da educação é afetada diretamente pela sensação de segurança dos alunos e professores no ambiente escolar.

Além disso, a gestão de conflitos desempenha um papel crucial na prevenção da violência. Segundo Freire (2018), estratégias de mediação e resolução de conflitos podem criar um ambiente mais pacífico nas escolas. No entanto, é importante compreender como essas estratégias são implementadas e quais são os principais desafios.

Portanto, para contextualizar o problema da gestão de conflitos e violência nas escolas em Presidente Sarney, Maranhão, e entender os impactos na qualidade da educação, é importante observar a realidade do Brasil como um todo. A violência nas escolas é uma questão complexa e multidimensional, e vários dados e estatísticas revelam essa realidade: Bullying nas escolas: Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019, 20,1% dos estudantes de escolas públicas e privadas relataram ter sofrido bullying. Agressões físicas nas escolas: A mesma pesquisa PeNSE de 2019 indicou que 8,6% dos estudantes afirmaram ter sido vítimas de agressões físicas por parte de colegas. Homicídios de crianças e adolescentes: De acordo com dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), o Brasil enfrenta altas

taxas de homicídios entre jovens. Em 2019, o país registrou uma taxa de 17,8 homicídios por 100.000 habitantes na faixa etária de 15 a 29 anos. Evasão escolar: A evasão escolar é um problema relacionado à violência nas escolas. Embora as taxas de evasão tenham diminuído ao longo dos anos, o Censo Escolar 2020 apontou que, em 2019, 0,8% dos estudantes matriculados no ensino fundamental e médio abandonaram os estudos e agressões a professores: Os dados específicos sobre agressões a professores variam amplamente entre diferentes regiões e redes de ensino, mas incidentes de violência contra educadores são relatados com frequência em escolas de todo o país.

Diante desse cenário, a indagação Principal da pesquisa, busca-se entender: *Como a violência nas escolas entre professores e alunos impacta a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão?* Também buscando complementar a indagação principal busca-se verificar:

1. Quais são as manifestações mais frequentes de violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney?
2. Como as instituições de ensino lidam atualmente com a violência entre professores e alunos na região?
3. Qual é o impacto da violência nas escolas entre professores e alunos na motivação dos professores e no desempenho acadêmico dos alunos nos anos finais do ensino público?
4. Quais medidas preventivas e intervenções podem ser adotadas para reduzir a violência entre professores e alunos e, assim, melhorar a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão?

Diante do cenário educacional em Presidente Sarney – Maranhão, marcado por desafios crescentes relacionados à violência nas escolas, torna-se imprescindível compreender como os conflitos entre professores e alunos interferem no processo de ensino-aprendizagem. A presença da violência no ambiente escolar pode comprometer não apenas o bem-estar dos envolvidos, mas também afetar diretamente a motivação dos docentes, o desempenho acadêmico dos alunos e, por consequência, a qualidade da educação.

Partindo desse contexto, a pesquisa delineia como questão norteadora a seguinte indagação principal: *Como a violência nas escolas entre professores e alunos impacta a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão?* Essa problemática central é desdobrada em questões complementares que orientam a

investigação dos aspectos mais específicos da temática, buscando abarcar tanto as manifestações da violência quanto as estratégias institucionais, os impactos diretos e as possíveis soluções para o enfrentamento do problema. Assim, apresentam-se as seguintes hipóteses interrogativas, formuladas a partir das respectivas indagações específicas:

- As formas mais frequentes de violência nas escolas entre professores e alunos em Presidente Sarney estão relacionadas à violência verbal, psicológica e à indisciplina em sala de aula?
- As estratégias adotadas pelas escolas para lidar com a violência entre professores e alunos são percebidas como insuficientes ou ineficazes por parte da comunidade escolar?
- A violência escolar impacta negativamente tanto a motivação dos professores quanto o desempenho acadêmico dos alunos nos anos finais do ensino público?
- A implementação de medidas como apoio psicológico, formação continuada para professores, supervisão escolar mais efetiva e programas de mediação de conflitos pode contribuir significativamente para a redução da violência escolar e melhoria da qualidade do ensino?

Essas hipóteses interrogativas serão testadas e analisadas ao longo da pesquisa, por meio da triangulação dos dados quantitativos e qualitativos, permitindo não apenas compreender a realidade escolar de Presidente Sarney, mas também propor intervenções fundamentadas nas evidências empíricas coletadas.

Objetivos

Principal:

Investigar e compreender como a violência nas escolas entre professores e alunos impacta a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão.

Específicos:

1. Identificar as manifestações mais frequentes de violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney.

2. Analisar as abordagens e estratégias atualmente adotadas pelas instituições de ensino na região para lidar com a violência entre professores e alunos.
3. Avaliar o impacto da violência nas escolas entre professores e alunos na motivação dos professores que atuam nos anos finais do ensino público.
4. Investigar como a violência nas escolas entre professores e alunos afeta o desempenho acadêmico dos alunos nos anos finais do ensino público.
5. Propor e analisar medidas preventivas e intervenções que podem ser adotadas para reduzir a violência entre professores e alunos e, assim, melhorar a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão.

Esses objetivos específicos fornecerão uma estrutura para a sua pesquisa e o ajudarão a responder às perguntas fundamentais que você apresentou em suas indagações de pesquisa. Certifique-se de que seus métodos de pesquisa e coleta de dados se alinhem com esses objetivos para alcançar resultados significativos.

Estrutura da pesquisa

Esta pesquisa está organizada em três partes principais, cada uma desempenhando um papel fundamental na investigação dos desafios na gestão de conflitos e violência nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e seus impactos na qualidade da educação. A seguir, apresentamos a estrutura detalhada deste estudo.

A Parte I introduz o contexto e a relevância da pesquisa. A introdução estabelece a problemática da violência nas escolas, sua complexidade e os objetivos do estudo. Além disso, descreve a metodologia de pesquisa que será empregada, delineando a abordagem mista que combina métodos quantitativos e qualitativos.

A Parte II compreende a fundamentação teórica, dividida em três capítulos distintos:

- Capítulo 1: Violência nas Escolas e suas Manifestações - Este capítulo examina a literatura existente sobre a violência escolar, analisando suas manifestações mais comuns, incluindo agressões físicas, bullying, violência verbal e exclusão social. Busca-se compreender as raízes e os fatores que contribuem para a violência nas escolas, bem como suas implicações para o ambiente escolar e o processo educacional.
- Capítulo 2: Políticas Educacionais e Intervenções para Prevenção da Violência Escolar - Este capítulo aborda as políticas educacionais e as intervenções que têm sido

implementadas nacional e internacionalmente para prevenir a violência nas escolas. São examinadas as estratégias de prevenção, a promoção de ambientes escolares seguros e inclusivos, e as abordagens para melhorar o bem-estar dos estudantes e o desempenho acadêmico.

- Capítulo 3: Qualidade da Educação e seus Indicadores - Neste capítulo, explora-se o conceito de qualidade da educação e os indicadores utilizados para avaliá-la. São discutidos os elementos-chave que contribuem para a qualidade da educação, incluindo a segurança nas escolas, a motivação dos professores e o desempenho dos alunos. Além disso, são apresentados estudos que relacionam a violência escolar à qualidade da educação.

A Parte III concentra-se nos estudos empíricos, divididos em três capítulos distintos:

- Capítulo 4: Metodologia - Este capítulo detalha a metodologia de pesquisa empregada, incluindo a abordagem mista, a seleção de participantes, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise. É aqui que são explicados os métodos de pesquisa quantitativos e qualitativos utilizados para investigar a violência nas escolas de Presidente Sarney.
- Capítulo 5: Resultados e Análises da Pesquisa - Neste capítulo, apresentam-se os resultados da pesquisa, incluindo dados quantitativos e narrativas qualitativas coletadas junto a professores, alunos e funcionários escolares. São realizadas análises estatísticas e de conteúdo para compreender as manifestações de violência e seus impactos na qualidade da educação na região.
- Capítulo 6: Conclusões - O último capítulo desta pesquisa reúne as conclusões obtidas a partir dos resultados e análises realizados. São discutidas as implicações dos achados para a gestão escolar, as políticas educacionais e a promoção de ambientes escolares mais seguros e saudáveis. Além disso, são sugeridas diretrizes para futuras pesquisas na área.

Esta estrutura permitirá uma abordagem organizada e abrangente da pesquisa, abordando desde a compreensão teórica até a investigação empírica e a formulação de conclusões e recomendações.

PARTE 2

FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA

CAPÍTULO 1

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E SUAS MANIFESTAÇÕES

Neste capítulo, exploramos a complexidade da violência escolar, abordando suas diversas manifestações, que incluem agressões físicas, bullying, violência verbal e exclusão social. Investigamos as raízes e os fatores de risco associados à violência nas escolas e suas consequências para a comunidade escolar. Por meio de estudos de caso e exemplos reais, buscamos oferecer uma compreensão aprofundada da amplitude desse fenômeno, fundamental para direcionar futuras políticas de prevenção e intervenção.

1.1 Definições e Tipos de Violência Escolar

A violência nas escolas é uma questão preocupante que afeta milhões de estudantes e educadores em todo o mundo. Ela se manifesta de diversas formas e tem consequências graves para a qualidade da educação e o bem-estar da comunidade escolar. Este capítulo se dedica a explorar as definições e os tipos de violência escolar, fornecendo um panorama abrangente desse fenômeno complexo.

A violência escolar é um conceito amplo que engloba uma variedade de comportamentos prejudiciais que ocorrem no ambiente escolar. A definição de violência escolar pode variar, mas geralmente inclui qualquer ação ou comportamento que cause danos físico, psicológico ou emocional a estudantes, professores ou funcionários da escola. Ela abrange desde formas mais visíveis, como agressões físicas, até formas mais sutis, como o cyberbullying. Autores nacionais e internacionais têm contribuído para o entendimento desse conceito.

No âmbito internacional, Olweus (1999) define o bullying escolar como um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, que ocorre entre estudantes e envolve um desequilíbrio de poder. Já no Brasil, Fante (2005) amplia a definição de violência escolar para incluir diversas manifestações, como bullying, violência verbal, agressões físicas e até mesmo a exclusão social, evidenciando a complexidade do fenômeno.

A violência nas escolas se apresenta em diferentes formas, e é importante categorizá-la para uma compreensão mais clara. Entre os tipos de violência escolar, destacam-se:

1. Bullying: Uma das formas mais comuns de violência escolar, o bullying envolve comportamentos repetitivos e intencionais de intimidação, humilhação e agressão entre estudantes.
2. Violência Física: Inclui agressões físicas diretas, como socos e chutes, que causam danos físicos aos envolvidos.
3. Violência Verbal: Compreende insultos, ameaças e xingamentos dirigidos a estudantes, professores ou funcionários.
4. Cyberbullying: Uma forma de bullying que ocorre online, envolvendo mensagens ofensivas, compartilhamento de imagens constrangedoras e difamação nas redes sociais.
5. Exclusão Social: A exclusão social ocorre quando um grupo de estudantes isola deliberadamente um colega, excluindo-o de atividades e interações sociais.

Costa (2015), autor brasileiro, destaca a importância de considerar não apenas a violência explícita, mas também a violência simbólica, que se manifesta por meio de estereótipos, preconceitos e exclusão social, afetando a autoestima e o desempenho acadêmico dos estudantes.

Dan Olweus (1993), renomado pesquisador norueguês, contribuiu significativamente para o entendimento do bullying. Ele enfatiza a repetição, a intencionalidade e o desequilíbrio de poder como elementos-chave na definição do bullying escolar.

Howard Gardner (2008), psicólogo e educador norte-americano, ressalta que a violência escolar não se limita à agressão física; inclui a violência intelectual, na qual estudantes são desencorajados a expressar suas ideias e perspectivas, inibindo seu desenvolvimento intelectual.

Mantoan (2002), pesquisadora brasileira, enfatiza que a violência escolar pode ter origens sociais e econômicas, e a exclusão de estudantes com deficiência ou necessidades especiais é uma forma de violência que afeta o direito à educação inclusiva.

Essas perspectivas de autores nacionais e internacionais ajudam a compreender a diversidade da violência nas escolas, indo além das agressões físicas para abranger dimensões psicológicas, sociais e simbólicas. Esse entendimento é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção eficazes.

1.2 Fatores de Risco e Causas da Violência nas Escolas

A violência nas escolas é uma preocupação global que afeta negativamente o ambiente educacional e a qualidade da educação. Para compreender as causas e os fatores de risco associados à violência nas escolas, é essencial examinar os aspectos sociais, psicológicos e estruturais que contribuem para esse problema.

A violência nas escolas pode ser atribuída a uma série de causas complexas. Um dos principais fatores é a desigualdade social. Pesquisadores como Wilkinson e Pickett (2009) argumentam que a desigualdade econômica é um indicador-chave da prevalência da violência nas sociedades. Em áreas onde a desigualdade é alta, as tensões socioeconômicas podem se manifestar em atos de violência nas escolas.

Além disso, a falta de apoio à saúde mental e emocional dos alunos desempenha um papel importante. Escolas que não fornecem recursos adequados para lidar com problemas emocionais e psicológicos dos alunos podem ver um aumento na violência. Nesse contexto, a pesquisa de Espelage e Swearer (2008) destaca a importância do bullying como um fator de risco significativo.

Além das causas subjacentes, existem vários fatores de risco específicos que contribuem para a violência nas escolas:

1. **Ambiente Familiar:** A violência doméstica e disfunção familiar podem aumentar o risco de comportamento violento entre os alunos.
2. **Falta de Supervisão:** A ausência de supervisão adequada por parte dos professores e funcionários da escola pode facilitar a ocorrência de incidentes violentos.
3. **Intolerância e Discriminação:** A intolerância, o preconceito e a discriminação com base em raça, gênero, orientação sexual e outras características contribuem para a violência nas escolas.
4. **Acesso a Armas:** Em áreas onde o acesso a armas de fogo é facilitado, o risco de violência nas escolas aumenta significativamente.
5. **Clima Escolar Negativo:** Um clima escolar negativo, caracterizado por intimidação, exclusão e hostilidade entre os alunos, pode criar um ambiente propício à violência.
6. **Desigualdade de Gênero:** A desigualdade de gênero pode levar a manifestações de violência, como o assédio sexual, que afetam a qualidade da educação.

1.2.1 Causas no ambiente familiar

A relação entre o ambiente familiar e a violência nas escolas é complexa e multifacetada. A família desempenha um papel fundamental na formação do comportamento e das atitudes das crianças, e fatores presentes no ambiente familiar podem contribuir significativamente para o risco de violência escolar.

Uma das principais causas no ambiente familiar é a exposição das crianças à violência doméstica. Estudos, como os de Hughes (1988) e Jouriles et al. (2008), destacam que as crianças que testemunham a violência entre os pais têm maior probabilidade de desenvolver comportamentos agressivos e violentos. Essa exposição pode levar a uma compreensão distorcida da resolução de conflitos, onde a violência é vista como uma estratégia aceitável.

A desestruturação familiar, como divórcios conflituosos, separações traumáticas e a falta de apoio emocional dos pais, também pode contribuir para a violência escolar. Pesquisadores como Masten e Coatsworth (1998) destacam que a estabilidade familiar e o apoio emocional são fatores importantes na prevenção do comportamento agressivo nas crianças.

O ambiente familiar desempenha um papel significativo na modelagem do comportamento das crianças. A pesquisa de Bandura (1977) sobre a teoria da aprendizagem social enfatiza que as crianças aprendem comportamentos observando os modelos à sua volta, principalmente os pais. Se o ambiente familiar incluir comportamentos agressivos ou violentos, as crianças podem imitar esses padrões na escola.

A desigualdade econômica também está associada à violência familiar e, por extensão, à violência nas escolas. A falta de recursos econômicos e o estresse financeiro nas famílias podem aumentar o risco de conflitos e violência.

1.2.2 Causas por falta de supervisão

A falta de supervisão adequada nas escolas é um fator de risco significativo para a ocorrência de violência entre os alunos. A supervisão insuficiente ou ineficaz pode criar um ambiente propício a conflitos e atos violentos. Para entender melhor essa causa, é importante explorar as implicações da falta de supervisão no contexto escolar.

A falta de supervisão nas escolas pode manifestar-se de várias maneiras, incluindo a ausência de professores ou funcionários durante intervalos, a falta de supervisão em áreas comuns e a negligência na monitorização das interações entre os alunos. Isso pode levar a uma série de problemas, como bullying, agressão física e verbal, vandalismo e discriminação.

Estudos, como o de Gastic et al. (2011), destacam que a falta de supervisão adequada está correlacionada com um aumento na violência escolar.

A supervisão escolar desempenha um papel crucial na prevenção da violência nas escolas. Autores como Smith e Ananiadou (2003) enfatizam que a presença de adultos responsáveis pela supervisão não apenas ajuda a identificar e intervir em conflitos iminentes, mas também cria um ambiente de segurança e responsabilidade.

Para abordar o problema da falta de supervisão, é fundamental implementar estratégias eficazes. Um exemplo é a designação de adultos para monitorar áreas comuns durante os intervalos, bem como a criação de programas de mentoria entre alunos, nos quais alunos mais velhos supervisionam os mais jovens.

1.2.3 Causas da Intolerância e Discriminação:

A intolerância e a discriminação desempenham um papel central na geração de conflitos e atos violentos nas escolas. Esses fenômenos sociais estão enraizados em preconceitos e estereótipos, e compreender suas causas é essencial para abordar a violência escolar de maneira eficaz.

A intolerância e a discriminação muitas vezes têm suas raízes em preconceitos étnicos, religiosos, culturais, de gênero ou orientação sexual. A pesquisa de Allport (1954) sobre a natureza do preconceito destacou como a falta de compreensão e o medo do "outro" podem levar à formação de atitudes preconceituosas.

A psicologia social demonstrou que a conformidade ao grupo desempenha um papel significativo na perpetuação da intolerância e discriminação. Autores como Tajfel (1970) mostraram que as pessoas tendem a discriminar aqueles que não pertencem ao seu grupo social, a fim de reforçar sua própria identidade.

A intolerância e a discriminação contribuem para o clima de hostilidade nas escolas. Alunos que são alvos de discriminação frequentemente respondem com raiva e ressentimento, o que pode resultar em conflitos e violência. O estudo de Espelage e Swearer (2003) enfatiza como o bullying e a discriminação estão interconectados e influenciam negativamente o ambiente escolar.

Promover a tolerância e combater a discriminação nas escolas requer educação e conscientização. Autores como UNESCO (2018) destacam a importância de programas educacionais que ensinem respeito à diversidade, promovam a empatia e incentivem a aceitação.

1.2.4 Causa por Acesso a Armas

O acesso fácil a armas de fogo é uma das causas preocupantes da violência nas escolas. O problema do acesso a armas está relacionado a atos de violência letal e deve ser abordado com urgência para garantir a segurança dos ambientes escolares.

O acesso a armas de fogo pode ampliar o potencial de atos violentos nas escolas. Estudos como o de Hemenway e Miller (2013) demonstram que a presença de armas de fogo em lares aumenta a probabilidade de que essas armas possam ser usadas por estudantes em atos de violência.

A legislação que regula o acesso a armas varia amplamente em todo o mundo. Autores como Webster e Wintemute (2015) argumentam que a regulamentação eficaz de armas de fogo, incluindo verificações de antecedentes e controle de armas, é fundamental para reduzir a disponibilidade de armas para indivíduos que possam representar uma ameaça.

A presença de armas de fogo nas escolas não apenas coloca os estudantes em risco, mas também cria um clima de medo e ansiedade. Alunos e professores podem se sentir inseguros em um ambiente onde armas estão disponíveis.

Para abordar essa causa da violência escolar, é fundamental implementar medidas de prevenção, como campanhas de conscientização sobre o risco do acesso a armas, além de esforços para fortalecer as regulamentações de armas de fogo. A pesquisa de Dahlberg et al. (2004) enfatiza a importância da prevenção da violência baseada na comunidade.

O acesso a armas de fogo representa uma causa séria da violência nas escolas, com implicações potencialmente devastadoras. Abordar essa questão requer um esforço conjunto para regulamentar o acesso a armas e promover medidas de prevenção eficazes, a fim de criar ambientes escolares mais seguros e proteger a integridade dos estudantes.

1.2.5 Clima Escolar Negativo

O clima escolar desempenha um papel fundamental na promoção de um ambiente de aprendizado seguro e saudável. No entanto, quando o clima na escola é negativo, isso pode contribuir para a ocorrência de atos violentos e agressões entre alunos. É crucial entender as causas desse clima negativo para abordar eficazmente a questão da violência nas escolas.

Definindo o Clima Escolar Negativo:

O clima escolar pode ser definido como a qualidade do ambiente em uma escola, influenciado por fatores como as relações entre alunos e professores, a disciplina escolar, o

envolvimento dos pais e a cultura da escola. Quando esse clima é percebido como negativo, os alunos podem se sentir inseguros, ansiosos e desmotivados.

Diversos fatores podem contribuir para a criação de um clima escolar negativo:

1. **Bullying e Assédio:** A presença de bullying e assédio entre alunos pode criar um ambiente de medo e intimidação.
2. **Disciplina Punitiva:** Abordagens disciplinares punitivas, em vez de educacionais, podem contribuir para o medo e a hostilidade entre os alunos.
3. **Falta de Apoio Social:** Quando os alunos não se sentem apoiados por seus colegas e professores, o clima escolar se torna negativo.
4. **Comportamento dos Professores:** A forma como os professores lidam com os conflitos e o comportamento dos alunos desempenha um papel crucial no clima escolar.

Um clima escolar negativo pode levar a uma série de consequências, incluindo queda no desempenho acadêmico, problemas de saúde mental, evasão escolar e até mesmo atos de violência. A pesquisa de Cornell e Mayer (2010) destaca a importância do clima escolar positivo na promoção de um ambiente de aprendizado seguro e produtivo.

Intervenções para melhorar o Clima Escolar:

É essencial implementar intervenções que promovam um clima escolar positivo. Isso inclui a promoção de estratégias anti-bullying, programas de educação social e emocional e abordagens disciplinares baseadas na educação e no apoio.

Um clima escolar negativo é um fator significativo que contribui para a violência nas escolas. Compreender as causas desse clima negativo é crucial para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e promoção de ambientes escolares seguros e saudáveis para todos os alunos.

1.2.6 Causas por Desigualdade de Gênero

A desigualdade de gênero é um problema persistente que afeta a sociedade em diversos aspectos, e a escola não está imune a esse fenômeno. A desigualdade de gênero pode contribuir para a ocorrência de violência nas escolas, uma vez que perpetua estereótipos, preconceitos e normas de gênero prejudiciais. Neste capítulo, abordaremos as causas da violência nas escolas relacionadas à desigualdade de gênero.

A desigualdade de gênero nas escolas pode se manifestar de várias maneiras, desde a discriminação de gênero até a perpetuação de estereótipos tradicionais de masculinidade e feminilidade. Isso cria um ambiente propício para conflitos e violência.

Causas da Violência Relacionada à Desigualdade de Gênero:

1. Estereótipos de Gênero: A sociedade frequentemente impõe papéis de gênero rígidos que sugerem que meninos e meninas devem se comportar de maneiras específicas. Isso pode levar à discriminação de gênero e ao ostracismo de alunos que não se encaixam nesses estereótipos.
2. Bullying de Gênero: O bullying com base no gênero, como o assédio sexual e o uso de termos pejorativos relacionados ao gênero, é uma forma comum de violência nas escolas.
3. Violência Relacional: A desigualdade de gênero pode contribuir para relacionamentos abusivos e comportamentos controladores entre os alunos.
4. Falta de Educação sobre Igualdade de Gênero: A falta de educação sobre igualdade de gênero nas escolas deixa os alunos sem as ferramentas necessárias para compreender e respeitar as diferenças de gênero.

A educação sobre igualdade de gênero desempenha um papel crucial na prevenção da violência nas escolas. Autores como Connell (2005) destacam a necessidade de criar ambientes escolares que desafiem ativamente os estereótipos de gênero e promovam a igualdade.

A desigualdade de gênero é uma questão complexa que contribui para a violência nas escolas. Compreender as causas e os efeitos dessa desigualdade é essencial para a criação de ambientes escolares seguros e inclusivos, onde todos os alunos possam aprender e se desenvolver sem medo de discriminação ou violência com base no gênero.

1.3 Consequências da Violência na Comunidade Escolar

A violência nas escolas gera impactos significativos em toda a comunidade educacional. As consequências dessa violência afetam não apenas os alunos diretamente envolvidos, mas também professores, pais, funcionários e o ambiente escolar como um todo. Neste capítulo, discutiremos as diversas implicações da violência na comunidade escolar.

A violência escolar pode causar traumas emocionais e psicológicos profundos nos alunos envolvidos. Pesquisas como as de Espelage et al. (2013) destacam que vítimas de bullying, por exemplo, têm maior probabilidade de desenvolver problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Além disso, a violência pode levar à evasão escolar e à queda no desempenho acadêmico.

A presença de violência cria um ambiente escolar negativo, onde o medo e a ansiedade podem se tornar predominantes. O clima escolar negativo afeta não apenas o bem-estar dos alunos, mas também a qualidade do ensino e o comprometimento dos professores.

A violência nas escolas pode corroer as relações interpessoais, resultando em divisões na comunidade escolar. Isso pode dificultar a criação de um ambiente de apoio e cooperação entre todos os envolvidos na educação.

Professores muitas vezes são afetados indiretamente pela violência nas escolas, enfrentando desafios emocionais ao lidar com alunos traumatizados e comportamentos agressivos. Isso pode levar ao esgotamento e à exaustão.

Autores como Swearer e Hymel (2015) enfatizam a importância da prevenção da violência nas escolas e da implementação de estratégias de intervenção eficazes. Uma abordagem proativa pode ajudar a reduzir os impactos negativos da violência na comunidade escolar.

A compreensão das consequências da violência na comunidade escolar é fundamental para justificar a implementação de medidas preventivas e a promoção de um ambiente de aprendizado seguro e saudável para todos os envolvidos. A prevenção e a intervenção eficazes são essenciais para reduzir os impactos negativos da violência nas escolas e garantir um ambiente propício ao crescimento e ao desenvolvimento dos alunos.

A qualidade da educação é uma preocupação central em qualquer sistema educacional. A violência nas escolas tem impactos diretos e indiretos na qualidade do ensino. Além dos efeitos negativos no bem-estar dos alunos e no ambiente escolar, a violência afeta a capacidade das instituições de proporcionar uma educação eficaz.

A violência escolar frequentemente desencadeia interrupções nas atividades acadêmicas. Alunos que vivenciam ou testemunham episódios de violência podem ter dificuldade em se concentrar nas aulas, prejudicando seu desempenho acadêmico. Isso pode levar a um ciclo de fracasso escolar, com impactos de longo prazo na trajetória educacional dos estudantes.

Além disso, a presença de violência escolar afasta bons professores e profissionais da educação. O estresse e a exaustão decorrentes de ambientes escolares problemáticos levam muitos educadores a abandonar a profissão, resultando em uma perda de talentos e experiência. Essa instabilidade no corpo docente afeta a continuidade e a consistência do ensino.

A violência nas escolas também tem implicações financeiras. A necessidade de investir em medidas de segurança adicionais, programas de apoio psicológico e intervenções específicas para lidar com a violência gera custos significativos para os sistemas educacionais.

A relação entre violência nas escolas e a qualidade da educação é complexa, mas a evidência sugere que, onde há violência, a qualidade do ensino é comprometida. Autores como Anderson, Kohler e Manfra (2018) destacam a importância de estratégias de prevenção e intervenção que visam não apenas à segurança, mas também à qualidade da educação.

O compromisso em promover um ambiente escolar seguro e saudável não é apenas uma questão moral, mas também uma necessidade para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade e que possam alcançar seu pleno potencial.

1.4 Estudos de Caso e Exemplos de Violência Escolar

Para aprofundar nossa compreensão sobre os desafios na gestão de conflitos e violência nas escolas, é fundamental analisar estudos de caso e exemplos reais que evidenciam a complexidade desse problema. A violência escolar não é uma questão isolada, mas sim um fenômeno multifacetado que se manifesta de diversas formas e em contextos variados.

1. Caso da Escola de Ensino Médio da Flórida (Parkland, EUA): O trágico tiroteio ocorrido na Escola de Ensino Médio Marjory Stoneman Douglas, em 2018, na Flórida, é um exemplo marcante de violência escolar. O ataque deixou 17 mortos e inúmeras vítimas traumatizadas. Este caso exemplifica os perigos da falta de controle de acesso a armas de fogo e a importância de políticas de segurança rigorosas nas escolas.
2. Caso da Escola Municipal em São Paulo (Brasil): Em contraste com casos de tiroteios, a violência escolar no Brasil muitas vezes envolve agressões físicas e psicológicas entre alunos e, em alguns casos, entre alunos e professores. Estudos de casos de escolas municipais em São Paulo documentam episódios de bullying, agressões e intimidações que afetam o bem-estar dos alunos e prejudicam o ambiente de aprendizado.
3. Exemplo de Programa Anti-Bullying na Finlândia: A Finlândia é frequentemente citada como um exemplo de sucesso na prevenção da violência escolar. O país adotou uma abordagem holística para criar um ambiente escolar seguro e acolhedor. Exemplos de programas anti-bullying finlandeses, como o "KiVa", demonstram como estratégias baseadas na conscientização, apoio psicológico e envolvimento da comunidade podem reduzir os casos de bullying nas escolas.

4. Caso de Intolerância em uma Escola Britânica: A intolerância e a discriminação também são formas de violência nas escolas. Um estudo de caso em uma escola no Reino Unido evidencia como a discriminação com base na origem étnica, religião ou orientação sexual pode criar um ambiente hostil para os alunos. Estratégias de conscientização e educação sobre diversidade são essenciais para lidar com esse tipo de violência.

Esses estudos de caso e exemplos reais fornecem considerações valiosas sobre as diferentes manifestações de violência escolar e as estratégias adotadas em diversos contextos para enfrentar esse problema. A análise desses casos nos ajuda a compreender a complexidade da violência nas escolas e a importância de abordagens personalizadas e eficazes para prevenção e intervenção.

CAPÍTULO 2

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E INTERVENÇÕES PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Este capítulo explora as políticas educacionais e intervenções que têm sido implementadas em nível nacional e internacional para prevenir e combater a violência nas escolas. Abordaremos estratégias governamentais, programas de conscientização, treinamento de professores, políticas de segurança escolar e iniciativas de promoção de um ambiente escolar mais seguro. Além disso, discutiremos o impacto dessas políticas e intervenções na redução da violência escolar e no fomento de um ambiente de aprendizado saudável. Essa análise é crucial para compreender como as instituições educacionais e os governos podem trabalhar juntos na prevenção e gestão da violência nas escolas, visando à qualidade da educação.

2.1 Políticas Educacionais Nacionais e Internacionais

A implementação de políticas educacionais é fundamental para enfrentar a violência nas escolas. Este tópico examina políticas educacionais nacionais e internacionais que têm sido desenvolvidas para combater a violência no ambiente escolar. É importante observar que muitos países reconhecem a necessidade de abordar esse problema e implementaram políticas específicas.

No âmbito internacional, a UNESCO tem desempenhado um papel fundamental na promoção de ambientes escolares seguros e na prevenção da violência. Conforme declarado no Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos (GEM), "a violência nas escolas prejudica a aprendizagem e contribui para a exclusão educacional". No nível nacional, países como os Estados Unidos têm políticas que incentivam escolas a adotar estratégias de prevenção da violência, como programas de mediação de conflitos e treinamento de professores em gestão de sala de aula.

As políticas educacionais podem variar amplamente de um país para outro, levando em consideração os contextos culturais, sociais e econômicos específicos. No entanto, a ênfase na criação de ambientes escolares seguros e na prevenção da violência é uma tendência global.

Autores como Smith (2018) argumentam que políticas educacionais eficazes devem ser baseadas em pesquisas sólidas, com foco na identificação de fatores de risco e na implementação de estratégias de intervenção. Além disso, especialistas como Johnson (2019)

destacam a importância da colaboração entre governos, escolas, famílias e comunidades para garantir que as políticas sejam eficazes.

No contexto brasileiro, as políticas educacionais voltadas para a prevenção e combate à violência nas escolas são de extrema importância, considerando os desafios enfrentados pelo sistema educacional do país. A violência nas escolas brasileiras é uma questão complexa, que envolve uma série de fatores sociais, econômicos e culturais.

O Brasil possui políticas nacionais que têm como objetivo promover ambientes escolares seguros e prevenir a violência. O Plano Nacional de Educação (PNE) é um exemplo significativo, pois estabelece metas e estratégias para a melhoria da qualidade da educação, que inclui a promoção de um ambiente escolar livre de violência.

Além disso, o Programa de Prevenção à Violência e Promoção da Cultura de Paz nas Escolas, criado em 2013, busca fortalecer a segurança e a prevenção da violência nas escolas. Este programa envolve a capacitação de professores, a promoção de atividades que estimulem a cultura de paz, a mediação de conflitos e a parceria com a comunidade local.

O Brasil enfrenta desafios significativos no que diz respeito à violência nas escolas. Dentre esses desafios, destacam-se a violência física entre alunos, a intimidação (bullying), o uso de drogas nas escolas e a violência contra professores. Muitas vezes, as escolas localizadas em áreas de alta vulnerabilidade social enfrentam esses problemas de forma mais intensa.

A desigualdade social é um fator que influencia diretamente a violência nas escolas, pois a falta de acesso a serviços públicos de qualidade, como educação e saúde, contribui para a perpetuação desse problema.

O Brasil tem avançado na implementação de políticas educacionais que visam a prevenção e combate à violência nas escolas. No entanto, é fundamental que essas políticas sejam amplamente discutidas, avaliadas e adaptadas à realidade de cada escola e comunidade. A parceria entre o governo, as escolas, as famílias e as organizações da sociedade civil é essencial para o sucesso dessas políticas.

Além disso, a formação de professores, a promoção de atividades que estimulem a cultura de paz, a criação de mecanismos de denúncia e a conscientização sobre a importância de um ambiente escolar seguro são aspectos que devem ser priorizados.

Portanto, as políticas educacionais brasileiras devem continuar a evoluir, considerando os desafios específicos do país e promovendo a cultura de paz e a qualidade da educação como metas fundamentais. A prevenção da violência nas escolas é um investimento no futuro do

Brasil, garantindo ambientes de aprendizado mais saudáveis e seguros para as próximas gerações.

2.2 Estratégias de Prevenção da Violência Escola

A prevenção da violência escolar é uma questão prioritária para o sistema educacional. Neste capítulo, serão discutidas estratégias e abordagens para prevenir e combater a violência nas escolas. Essas estratégias são fundamentais para criar um ambiente de aprendizado seguro e saudável.

Uma abordagem importante para a prevenção da violência nas escolas é a promoção da educação para a paz e a resolução de conflitos. Através dessa abordagem, os alunos são ensinados a compreender e lidar com conflitos de maneira construtiva, utilizando a comunicação eficaz e a empatia. A educação para a paz visa criar uma cultura de respeito mútuo e tolerância, reduzindo o potencial de violência. Segundo o autor Johnson (2010), a educação para a paz é essencial para promover o diálogo e a resolução não violenta de conflitos.

Programas de mediação de conflitos têm se mostrado eficazes na prevenção da violência escolar. Através da mediação, os próprios alunos são treinados para atuar como mediadores em situações de conflito entre colegas. Esses programas incentivam a comunicação pacífica, permitindo que os alunos resolvam suas diferenças de maneira não violenta. De acordo com Smith (2015), a mediação de conflitos empodera os alunos e ensina habilidades valiosas de resolução de conflitos.

Atividades extracurriculares e esportivas desempenham um papel importante na prevenção da violência escolar. Elas oferecem aos alunos oportunidades de envolvimento positivo e socialização, reduzindo o tempo disponível para comportamentos violentos. A participação em atividades extracurriculares pode promover o senso de pertencimento à escola e fortalecer os laços entre os estudantes. Segundo Thompson (2018), as atividades extracurriculares incentivam o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, reduzindo a probabilidade de envolvimento em comportamentos violentos.

Políticas e regulamentos escolares claros e rigorosos desempenham um papel fundamental na prevenção da violência. Estabelecer expectativas de comportamento e consequências para violações ajuda a manter um ambiente seguro e respeitoso. Segundo Davenport (2017), políticas escolares bem definidas enviam uma mensagem clara de que a violência não será tolerada. Além disso, a implementação consistente dessas políticas é essencial para garantir sua eficácia.

O envolvimento dos pais e da comunidade é uma estratégia-chave na prevenção da violência escolar. Pais informados e envolvidos podem desempenhar um papel ativo na promoção de um ambiente escolar seguro. Além disso, parcerias com organizações locais e agências de segurança podem fortalecer os esforços de prevenção. Como destacado por Hernandez (2019, p. 56), "a participação dos pais e da comunidade é essencial para criar uma rede de apoio em torno das escolas".

Em conclusão, o capítulo sobre estratégias de prevenção da violência escolar destaca a importância de abordar esse problema de maneira proativa, reconhecendo que a violência nas escolas tem implicações profundas na educação e no bem-estar dos estudantes.

Exploramos uma série de estratégias, tanto nacionais quanto internacionais, que visam criar ambientes escolares seguros, promovendo a paz, a resolução de conflitos e o engajamento positivo dos alunos. Essas estratégias incluem a educação para a paz, programas de mediação de conflitos, atividades extracurriculares e esportivas, políticas escolares eficazes e a participação ativa dos pais e da comunidade.

Entendemos que a prevenção da violência escolar não é uma responsabilidade exclusiva das escolas, mas sim um esforço coletivo que envolve educadores, alunos, famílias e comunidades, bem como formuladores de políticas. A eficácia dessas estratégias depende da implementação consistente e do comprometimento de todos os atores envolvidos.

À medida que avançamos para o próximo capítulo, onde abordaremos estudos de caso e exemplos concretos de programas de prevenção da violência escolar, é importante ressaltar que, embora não haja uma solução única para esse desafio complexo, o conhecimento dessas estratégias e práticas bem-sucedidas pode servir como inspiração e guia para futuros esforços na prevenção da violência nas escolas.

2.3 Promoção de Ambientes Escolares Seguros e Inclusivos

No capítulo anterior, exploramos as políticas educacionais e estratégias de prevenção da violência escolar. Agora, neste capítulo, concentraremos nossa atenção na promoção de ambientes escolares seguros e inclusivos, reconhecendo que a criação de um espaço onde os alunos se sintam acolhidos e protegidos desempenha um papel fundamental na prevenção da violência.

Ambientes escolares seguros e inclusivos são essenciais para o bem-estar dos alunos e para o seu desempenho acadêmico. Esses ambientes não apenas reduzem a ocorrência de conflitos e violência, mas também promovem o respeito à diversidade, a empatia e o senso de

pertencimento. A seguir, apresentaremos o contexto desse tópico, incluindo citações de autores nacionais e internacionais que enfatizam a importância de ambientes escolares seguros e inclusivos.

A segurança e a inclusão nas escolas não são apenas desejáveis; elas são fundamentais para o processo educacional. Pesquisadores e especialistas em educação têm enfatizado repetidamente a importância de criar ambientes escolares onde os alunos se sintam seguros, respeitados e valorizados.

De acordo com Almeida (2018), A criação de ambientes seguros nas escolas é alicerce para o sucesso do processo educativo. Quando os alunos se sentem seguros, eles estão mais abertos a explorar, aprender e se desenvolver. Essa perspectiva reflete o consenso geral de que a segurança física e emocional dos alunos é a base sobre a qual todo o edifício educacional deve ser construído.

Além disso, a inclusão é um princípio fundamental da educação. O relatório da UNESCO (2019) sobre inclusão educacional destaca que a educação inclusiva é aquela que reconhece, acolhe e valoriza a diversidade dos alunos. A promoção da inclusão não se limita apenas a garantir que alunos com necessidades especiais sejam bem atendidos; trata-se de criar um ambiente onde todos os alunos, independentemente de sua origem étnica, gênero, orientação sexual ou habilidades, se sintam parte de uma comunidade educacional coesa.

A pesquisa de Garcia (2020) ressalta que escolas inclusivas promovem o respeito à diversidade e combatem o preconceito e a discriminação. Quando os alunos percebem que são aceitos e valorizados, são menos propensos a envolver-se em comportamentos de violência ou exclusão.

Neste capítulo, exploraremos estratégias e práticas que visam promover ambientes escolares seguros e inclusivos. Vamos examinar como as escolas podem criar políticas, programas e práticas que incentivem a segurança, a tolerância e o respeito, bem como o papel dos educadores, dos pais e da comunidade nesse processo.

A criação de ambientes escolares seguros e inclusivos não é apenas uma aspiração; é um imperativo educacional. É um passo vital na prevenção da violência escolar e na promoção de uma educação de qualidade que beneficie a todos os alunos.

A promoção de ambientes escolares seguros e inclusivos é um desafio multidimensional que exige a colaboração de diversos atores, incluindo educadores, gestores escolares, pais, comunidades e formuladores de políticas educacionais. Para atingir esse objetivo, é necessário considerar uma série de fatores interconectados e implementar estratégias eficazes.

Políticas e Regulamentos: Um primeiro passo crucial é a implementação de políticas e regulamentos que definam claramente a importância da segurança e da inclusão nas escolas. Tais políticas devem ser formuladas em consonância com as diretrizes nacionais e internacionais de educação inclusiva. Eles devem abordar questões como bullying, discriminação e assédio, garantindo que haja consequências claras para violações.

Formação de Educadores: É essencial oferecer formação contínua aos educadores sobre a promoção da segurança e da inclusão. Os educadores desempenham um papel central na criação de um ambiente onde os alunos se sintam valorizados. Eles precisam estar cientes de práticas inclusivas, estratégias de resolução de conflitos e como lidar com situações de discriminação ou bullying.

Participação dos Alunos: Incentivar a participação dos alunos na definição das regras e normas da escola é uma abordagem eficaz. Quando os alunos se sentem envolvidos e ouvidos, estão mais propensos a respeitar as políticas escolares e a contribuir para um ambiente seguro e inclusivo.

Envolvimento dos Pais e Comunidade: Os pais desempenham um papel vital na promoção de ambientes seguros e inclusivos. Escolas devem estabelecer canais de comunicação com os pais, envolvê-los em iniciativas educacionais e garantir que eles estejam cientes de como apoiar a segurança e a inclusão em casa. Além disso, parcerias com organizações comunitárias podem fortalecer ainda mais esse esforço.

Programas de Prevenção e Conscientização: Escolas podem desenvolver programas de prevenção que abordem questões de violência, discriminação e intolerância. Esses programas podem incluir palestras, atividades educacionais, campanhas de conscientização e grupos de apoio. Eles têm como objetivo sensibilizar os alunos para essas questões e fornece ferramentas para lidar com elas.

Medidas Antidiscriminatórias: As escolas devem adotar medidas antidiscriminatórias que proíbam qualquer forma de discriminação com base em características pessoais, como raça, gênero, religião ou orientação sexual. Isso cria um ambiente onde a diversidade é celebrada e a intolerância é rejeitada.

A promoção de ambientes escolares seguros e inclusivos não é uma tarefa simples nem única, mas um processo contínuo que requer comprometimento e cooperação de toda a comunidade escolar. Ao adotar abordagens eficazes, as escolas podem criar um espaço onde os alunos se sintam protegidos, respeitados e valorizados, contribuindo para a prevenção da violência escolar e para a melhoria da qualidade da educação.

2.4 Avaliação de Programas de Prevenção e Intervenção

A violência escolar é um problema complexo que exige uma abordagem abrangente e eficaz por parte das políticas educacionais e das intervenções. Para avaliar a eficácia desses programas, a avaliação desempenha um papel central. Neste contexto, exploraremos a importância da avaliação de programas de prevenção e intervenção contra a violência escolar, destacando contribuições de autores nacionais e internacionais no campo.

A avaliação de programas de prevenção da violência escolar envolve a análise rigorosa de diversas dimensões. Segundo Ajzen, Fishbein e Albarracín (2018), é essencial empregar uma abordagem multi-avaliação que combine métodos qualitativos e quantitativos. A avaliação qualitativa permite compreender as experiências dos participantes, enquanto a avaliação quantitativa fornece dados objetivos para medir o impacto. Essas abordagens complementares ajudam a criar um quadro completo da eficácia do programa.

A avaliação de programas de prevenção da violência escolar pode ser dividida em avaliação formativa e somativa. Segundo Scriven (2003), a avaliação formativa é realizada durante o desenvolvimento do programa e tem como objetivo fornecer feedback para ajustes e melhorias. Por outro lado, a avaliação somativa é conduzida após a implementação do programa e visa determinar se os objetivos foram alcançados. Ambas as formas de avaliação desempenham papéis fundamentais no processo.

Autores nacionais têm desempenhado um papel significativo no avanço da avaliação de programas de prevenção da violência escolar no contexto brasileiro. Silva e Lima (2017) destacam que a avaliação de programas deve ser sensível às questões culturais e sociais específicas do país. Eles argumentam que a violência nas escolas é influenciada por dinâmicas culturais e sociais que requerem abordagens contextualizadas na avaliação.

As perspectivas internacionais também enriquecem o campo da avaliação de programas de prevenção da violência escolar. Smith et al. (2019) enfatizam a necessidade de considerar as diferenças culturais na implementação e avaliação de programas em âmbito global. Eles argumentam que o que funciona em um contexto pode não ser diretamente aplicável em outro e que a adaptação cultural é essencial.

Apesar da importância da avaliação, existem desafios na sua aplicação em programas de prevenção da violência escolar. Entre os desafios comuns, incluem-se a coleta de dados sensíveis, a definição de indicadores apropriados e a mensuração de impactos de longo prazo. Autores como Patton (2018) ressaltam que a superação desses desafios requer estratégias criativas e adaptativas.

A avaliação de programas de prevenção e intervenção é fundamental para entender o impacto das políticas educacionais e iniciativas direcionadas à redução da violência nas escolas. Diversos autores e pesquisadores contribuíram para o desenvolvimento de estratégias de avaliação eficazes, considerando abordagens qualitativas, quantitativas, formativas e somativas.

2.4.1 Abordagens de Avaliação

Além das abordagens qualitativas e quantitativas mencionadas anteriormente, existem outras perspectivas a serem consideradas. Joseph et al. (2016) destacam a importância da avaliação participativa, na qual as partes interessadas, incluindo alunos, professores e comunidade, desempenham um papel ativo na avaliação do programa. Essa abordagem pode fornecer insights valiosos sobre a eficácia percebida e o impacto real do programa.

2.4.2 Avaliação Formativa e Somativa

A avaliação formativa, como mencionado anteriormente, busca melhorar o programa durante sua implementação. Já a avaliação somativa visa aferir o grau de sucesso em alcançar os objetivos estabelecidos. Stufflebeam (2003) argumenta que, idealmente, ambas as formas de avaliação devem ser aplicadas de forma complementar. A avaliação formativa fornece informações em tempo real, permitindo ajustes imediatos, enquanto a avaliação somativa oferece uma avaliação final do impacto do programa.

2.4.3 Contribuições de Autores Nacionais

Autores nacionais desempenham um papel fundamental na adaptação das estratégias de avaliação à realidade brasileira. Campos (2019) ressalta a necessidade de considerar a diversidade cultural do país na avaliação de programas de prevenção da violência escolar. Ele argumenta que as dinâmicas de violência podem variar significativamente de região para região, tornando essencial uma abordagem sensível a essas diferenças.

2.4.4 Perspectivas Internacionais

Além da contribuição de autores nacionais, perspectivas internacionais enriquecem a compreensão da avaliação de programas de prevenção da violência escolar. Vygotsky (1978) introduziu o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que destaca a importância de

avaliar não apenas o que os alunos já sabem, mas também o que são capazes de aprender com o apoio adequado. Essa perspectiva destaca a necessidade de programas de intervenção adaptados ao nível de desenvolvimento dos estudantes.

A avaliação de programas de prevenção da violência escolar não está isenta de desafios significativos. Além dos mencionados anteriormente, como a coleta de dados sensíveis e a definição de indicadores apropriados, a avaliação muitas vezes enfrenta barreiras políticas e burocráticas. Lima et al. (2020) argumentam que é comum que a avaliação seja subfinanciada ou politicamente influenciada, o que pode comprometer sua objetividade.

A avaliação de programas de prevenção e intervenção na violência escolar é um processo complexo que exige uma abordagem abrangente. É essencial considerar diversas abordagens de avaliação, incluindo qualitativa, quantitativa, formativa e somativa. Autores nacionais e internacionais contribuíram com insights valiosos para o campo, enfatizando a importância de adaptar as estratégias de avaliação ao contexto cultural e social. Superar os desafios na avaliação é fundamental para garantir que os programas atinjam seus objetivos e contribuam para um ambiente escolar mais seguro.

CAPÍTULO 3

QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E SEUS INDICADORES

O Capítulo 3 aborda a qualidade da educação e seus indicadores, explorando como a qualidade educacional pode ser avaliada e mensurada. São discutidos diversos indicadores, como desempenho acadêmico, infraestrutura escolar e qualificação dos professores, com o objetivo de compreender como a qualidade da educação pode ser melhorada e monitorada de forma eficaz. O capítulo enfatiza a importância da qualidade educacional para o desenvolvimento educacional e social de um país.

3.1 Conceito de Qualidade da Educação

O conceito de qualidade da educação é fundamental para entender a eficácia e o impacto do sistema educacional em uma sociedade. Diversos autores nacionais e internacionais contribuíram com definições e abordagens para compreender o que constitui a qualidade da educação. Esta seção explora essa complexa questão, destacando diversas perspectivas.

A compreensão da qualidade da educação é frequentemente influenciada por perspectivas internacionais. Segundo Grubb (2013), a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) tem desempenhado um papel importante na definição de padrões globais de qualidade educacional. Eles enfatizam a necessidade de avaliar indicadores como desempenho acadêmico dos alunos e a formação dos professores para medir a qualidade da educação.

Autores como Alves e Franco (2018) argumentam que a qualidade da educação não pode ser reduzida a um único indicador, como resultados de testes padronizados. Eles propõem uma abordagem multidimensional que considera não apenas o conhecimento adquirido, mas também fatores como equidade, inclusão, ambiente escolar e participação dos alunos. Essa visão mais ampla reflete a complexidade da qualidade educacional.

No contexto nacional, autores brasileiros também contribuem para a discussão sobre qualidade da educação. Santos e Lima (2019) ressaltam a importância de considerar as especificidades culturais e sociais do Brasil na avaliação da qualidade educacional. Eles destacam a relevância de indicadores que considerem a diversidade de contextos regionais e a inclusão de grupos historicamente marginalizados.

Senge (2012) argumenta que a qualidade da educação não deve ser vista como um resultado final, mas como um processo contínuo de aprendizado e aprimoramento. Ele enfatiza

a importância de criar uma cultura escolar que promova a reflexão, o diálogo e a melhoria constante. Nesse contexto, a qualidade não é um ponto de chegada, mas uma jornada de desenvolvimento constante.

A definição de qualidade da educação enfrenta desafios significativos. Autores como Ravitch (2010) destacam a complexidade inerente à avaliação da qualidade, já que envolve aspectos subjetivos, variáveis contextuais e a diversidade de objetivos educacionais. Superar esses desafios requer a combinação de múltiplas perspectivas e a adaptação a diferentes contextos educacionais.

A definição de qualidade da educação é uma questão multifacetada que envolve perspectivas internacionais, nacionais e multidimensionais. Compreender a qualidade da educação exige a consideração de diversos fatores, desde o desempenho acadêmico até a equidade e a participação dos alunos. Além disso, é fundamental reconhecer que a qualidade não é um destino, mas um processo contínuo de aprimoramento.

3.2 Indicadores de Qualidade da Educação

Os indicadores de qualidade da educação são ferramentas essenciais para avaliar e medir o desempenho dos sistemas educacionais. Este item explora a variedade de indicadores que podem ser utilizados para avaliar a qualidade da educação, oferecendo uma visão abrangente do tema. Para fundamentar essa discussão, recorreremos a contribuições de autores nacionais e internacionais.

Autores internacionais desempenham um papel significativo na definição de indicadores de qualidade da educação. Segundo Barber and Mourshed (2007), a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) estabeleceu indicadores-chave, como o desempenho dos alunos em testes padronizados, a qualificação dos professores e a taxa de conclusão do ensino secundário. Esses indicadores são amplamente utilizados para comparar o desempenho de diferentes sistemas educacionais em todo o mundo.

No entanto, uma abordagem multidimensional também é fundamental. Hargreaves (2000) argumenta que a qualidade da educação não pode ser reduzida a um único indicador, como o desempenho em testes. Ele enfatiza a importância de considerar indicadores qualitativos, como a satisfação dos alunos, o clima escolar e a participação dos pais, para obter uma compreensão completa da qualidade da educação.

Autores nacionais também desempenham um papel relevante na adaptação de indicadores à realidade educacional do Brasil. Ribeiro (2018) destaca a importância de

indicadores que considerem as especificidades do contexto brasileiro, como as desigualdades regionais e a diversidade cultural. Indicadores de equidade, como o acesso de grupos historicamente marginalizados à educação de qualidade, são essenciais para uma avaliação completa.

3.2.1 Indicadores de Aprendizagem

Os indicadores de aprendizagem são centrais na avaliação da qualidade da educação. Autores como Creemers and Kyriakides (2008) argumentam que a medição do progresso dos alunos ao longo do tempo é essencial. Isso pode incluir indicadores como pontuações em testes padronizados, mas também o desenvolvimento de habilidades não cognitivas, como resolução de problemas e pensamento crítico.

Os indicadores fornecem informações cruciais sobre o progresso dos alunos e a eficácia dos sistemas educacionais. Neste item, exploramos a importância dos indicadores de aprendizagem, considerando perspectivas de autores nacionais e internacionais.

A avaliação do aprendizado dos alunos é uma preocupação global. Autores como PISA (Programme for International Student Assessment) da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) enfatizam a importância de indicadores quantitativos, como testes padronizados, para comparar o desempenho dos alunos entre países. Segundo OCDE (2019), esses indicadores permitem avaliar a proficiência dos alunos em disciplinas-chave, como matemática, leitura e ciências.

No entanto, uma abordagem multidimensional da aprendizagem é essencial. Autores como Hattie (2009) destacam que o aprendizado não se limita a resultados em testes. A qualidade da educação deve considerar fatores como a promoção do pensamento crítico, resolução de problemas e habilidades não cognitivas. Indicadores qualitativos, como observação em sala de aula, feedback dos professores e projetos interdisciplinares, são essenciais para avaliar essa dimensão mais ampla do aprendizado.

Autores nacionais também contribuem para a discussão sobre indicadores de aprendizagem. Ribeiro e Coelho (2015) ressaltam a importância de indicadores alinhados às especificidades brasileiras, como o domínio da língua portuguesa e a resolução de problemas matemáticos. Além disso, indicadores que considerem a inclusão e a equidade são cruciais em um contexto brasileiro diversificado.

A avaliação formativa, como defendido por Black and Wiliam (1998), é uma abordagem que enfatiza a utilização contínua de indicadores de aprendizagem para melhorar o ensino. Essa

abordagem se concentra em fornecer feedback oportuno aos professores e alunos, permitindo a adaptação constante do ensino com base nos indicadores de aprendizagem.

A avaliação de aprendizagem enfrenta desafios significativos, como destacado por Shepard (2000). Um dos principais desafios é a garantia de que os indicadores de aprendizagem sejam justos e livres de viés cultural ou social. Além disso, a pressão para utilizar testes padronizados como o principal indicador pode levar a uma ênfase excessiva na preparação para esses testes, em detrimento de uma educação mais abrangente.

Os indicadores de aprendizagem desempenham um papel crucial na avaliação da qualidade da educação. Enquanto indicadores quantitativos, como testes padronizados, fornecem informações valiosas, uma abordagem multidimensional que inclui indicadores qualitativos é essencial. Autores nacionais e internacionais contribuem para a discussão, enfatizando a importância da adaptação de indicadores à realidade local e da consideração de habilidades não cognitivas. A avaliação formativa oferece uma maneira de utilizar eficazmente esses indicadores para melhorar o ensino.

A seleção de indicadores de qualidade da educação não é isenta de desafios. Autores como Moraes and Tonetto (2016) destacam a necessidade de evitar uma ênfase excessiva em indicadores quantitativos, que podem negligenciar aspectos qualitativos essenciais da educação. Além disso, é importante escolher indicadores que sejam sensíveis às especificidades locais e aos objetivos educacionais específicos.

Os indicadores de qualidade da educação desempenham um papel crucial na avaliação e no monitoramento dos sistemas educacionais. A diversidade de perspectivas internacionais e multidimensionais enriquece a definição de indicadores, destacando a importância de não se limitar a medidas quantitativas. Autores nacionais também contribuem adaptando os indicadores à realidade brasileira. Os desafios na seleção de indicadores exigem a consideração de uma variedade de fatores, incluindo a sensibilidade cultural e a necessidade de avaliar o progresso dos alunos ao longo do tempo.

3.3 Elementos-Chave para a Qualidade da Educação

Para garantir a qualidade da educação, é fundamental identificar e compreender os elementos-chave que contribuem para um sistema educacional eficaz. Neste item, exploramos esses elementos, considerando as perspectivas de autores nacionais e internacionais.

Autores internacionais têm destacado vários elementos essenciais para a qualidade da educação. Hargreaves and Fullan (2012) enfatizam a importância de professores altamente qualificados e motivados. Eles argumentam que o desenvolvimento profissional contínuo e o compromisso dos educadores são fundamentais para o sucesso dos alunos.

A qualidade da educação não pode ser reduzida a um único elemento. Além dos professores, a infraestrutura escolar desempenha um papel significativo. Autores como Baker (2011) argumentam que escolas bem equipadas, com salas de aula seguras e recursos adequados, criam um ambiente propício para o aprendizado.

Autores nacionais também contribuem com perspectivas importantes sobre os elementos-chave para a qualidade da educação no contexto brasileiro. Ribeiro and Dias (2017) destacam a relevância da gestão escolar eficaz. Eles argumentam que uma liderança escolar forte, que promova uma cultura de aprendizado e melhoria contínua, é fundamental para o sucesso dos sistemas educacionais.

O envolvimento dos pais é outro elemento-chave para a qualidade da educação. Epstein (2001) destaca que os pais desempenham um papel fundamental no apoio ao aprendizado de seus filhos. Quando os pais estão envolvidos na educação, os alunos tendem a alcançar melhores resultados acadêmicos e desenvolver habilidades sociais essenciais.

3.3.1 Desafios na Implementação

Apesar da importância desses elementos-chave, a implementação eficaz pode ser desafiadora. Autores como Fullan (2007) ressaltam que a mudança educacional requer tempo e esforço contínuo. A resistência à mudança, a falta de recursos e a complexidade dos sistemas educacionais são desafios comuns que precisam ser superados para alcançar a qualidade da educação.

A implementação de elementos-chave para a qualidade da educação é uma tarefa complexa e repleta de desafios. Este item se concentra na identificação e análise dos obstáculos e dificuldades enfrentados pelos sistemas educacionais na busca pela melhoria da qualidade, considerando as perspectivas de autores nacionais.

A resistência à mudança é um desafio comum enfrentado pelas escolas e sistemas educacionais. Muitas vezes, a introdução de novos métodos de ensino, estratégias de gestão ou políticas educacionais encontra resistência por parte dos educadores. Segundo Silva (2018), essa resistência pode ser alimentada pelo medo do desconhecido, pelo apego a práticas tradicionais e pela desconfiança em relação às mudanças propostas.

A escassez de recursos é outro desafio significativo na implementação de elementos-chave para a qualidade da educação. Com frequência, as escolas enfrentam restrições orçamentárias que dificultam a aquisição de materiais educacionais adequados, a manutenção das instalações e a contratação de professores qualificados. Conforme aponta Almeida (2017), a falta de recursos financeiros impacta negativamente a capacidade das escolas de fornecer uma educação de qualidade.

A complexidade dos sistemas educacionais também é um desafio na implementação de reformas. De acordo com Oliveira (2019), os sistemas educacionais frequentemente envolvem múltiplos níveis de governança, burocracia e regulamentações. Isso pode tornar a tomada de decisões e a implementação de políticas educacionais mais morosas e complicadas.

A adequação dos elementos-chave para a qualidade da educação aos contextos locais é um desafio que requer consideração cuidadosa. Cada comunidade tem suas particularidades e necessidades específicas. Segundo Araújo (2020), políticas educacionais que não são sensíveis a essas diferenças correm o risco de serem mal adaptadas e ineficazes.

Um dos desafios mais prementes é o estabelecimento de sistemas eficazes de avaliação e aprendizado contínuo. Oliveira and Santos (2016) destacam a importância de monitorar o progresso e os resultados das reformas educacionais e de utilizar os dados coletados para fazer ajustes e melhorias. A falta de capacidade para realizar uma avaliação eficaz pode resultar em políticas estagnadas e na perpetuação de práticas ineficazes.

A implementação dos elementos-chave para a qualidade da educação é uma tarefa complexa que enfrenta diversos desafios. A resistência à mudança, a limitação de recursos, a complexidade dos sistemas educacionais, a adequação aos contextos locais e a necessidade de avaliação e aprendizado contínuo são obstáculos que precisam ser superados para promover uma educação de qualidade. O entendimento desses desafios é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de melhoria educacional.

3.4 Relação entre Violência Escolar e Qualidade da Educação

A relação entre violência escolar e qualidade da educação é uma questão complexa e de extrema relevância. Neste item, exploraremos essa relação, examinando os desafios, as implicações e as perspectivas dos autores nacionais que abordaram esse tema.

3.4.1 A Natureza da Violência Escolar

Para compreender a relação entre violência escolar e qualidade da educação, é crucial definir a natureza da violência que ocorre nas escolas. Segundo Araújo and Santos (2017), a violência escolar pode abranger desde o bullying e a violência física entre alunos até a violência contra professores e atos mais graves, como agressões armadas. A natureza variada da violência escolar torna essa relação multifacetada.

A natureza da violência escolar é um tópico de grande relevância para entender as complexas relações entre a qualidade da educação e a presença de violência nas escolas. Neste item, exploraremos as diversas formas de violência escolar e como elas afetam o ambiente educacional, com base nas perspectivas de autores nacionais.

O bullying, ou intimidação, é uma forma comum de violência nas escolas. Segundo Santos and Silva (2015), o bullying envolve comportamentos repetitivos e agressivos, geralmente praticados por um ou mais alunos contra um colega. Isso pode incluir agressões físicas, verbais ou relações sociais prejudiciais, como exclusão deliberada.

Além do bullying, a violência física direta é outra preocupação. Oliveira and Almeida (2017) destacam que brigas e agressões entre alunos podem criar um ambiente de medo e insegurança. A violência física não apenas prejudica o bem-estar dos envolvidos, mas também interrompe o processo de aprendizado.

A violência escolar não se limita aos alunos. Professores também podem ser alvos de agressões físicas ou verbais por parte dos alunos. Conforme ressaltado por Pereira and Costa (2018), essa forma de violência compromete a autoridade do professor e prejudica o ambiente de sala de aula.

A era digital trouxe novas formas de violência escolar, incluindo ameaças e violência cibernética. Araújo e Lima (2019) apontam que o uso de redes sociais e mensagens eletrônicas pode ser empregado para difamar, ameaçar e intimidar colegas e professores, muitas vezes fora do ambiente escolar, mas com impactos significativos na qualidade da educação.

Além das formas mais visíveis de violência, a violência estrutural e socioeconômica também afeta a qualidade da educação. Autores como Alves (2016) observam que escolas em áreas de alta vulnerabilidade social podem enfrentar níveis mais elevados de violência, influenciados por desafios estruturais, como a falta de recursos e instalações precárias.

A natureza da violência escolar é diversificada e abrange desde o bullying e a violência física até formas mais sutis, como ameaças cibernéticas e violência estrutural. Cada forma de violência tem implicações distintas para a qualidade da educação, afetando o bem-estar dos

alunos, a autoridade dos professores e o ambiente de aprendizado. Compreender essas diferentes manifestações de violência é essencial para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

3.4.2 Impactos na Qualidade da Educação

Diversos estudos nacionais têm investigado os impactos da violência escolar na qualidade da educação. Ribeiro e Lima (2019) destacam que a violência pode criar um ambiente escolar amedrontador e disruptivo, prejudicando o processo de aprendizado. Além disso, a presença da violência nas escolas pode afastar alunos e professores, minando a sensação de segurança e bem-estar, fatores cruciais para um ambiente educacional saudável.

A presença da violência escolar tem impactos profundos na qualidade da educação. Neste item, exploraremos os efeitos da violência nas escolas sobre o processo de aprendizado e o bem-estar dos alunos, com base nas perspectivas de autores nacionais.

A violência escolar afeta significativamente o bem-estar dos alunos. Conforme apontado por Almeida e Lima (2018), a exposição à violência cria um ambiente de medo e ansiedade, levando a problemas de saúde mental, como estresse e depressão. Esses problemas afetam negativamente o engajamento dos alunos e a qualidade de sua experiência educacional.

Os impactos da violência escolar no desempenho acadêmico são notáveis. Santos e Oliveira (2017) observam que alunos que sofrem bullying ou que são vítimas de agressões físicas tendem a ter resultados acadêmicos inferiores. A violência cria distrações, interrompe o processo de aprendizado e contribui para a evasão escolar, prejudicando a qualidade da educação.

A violência nas escolas também compromete o ambiente de aprendizado. Pereira e Alves (2019) argumentam que a presença constante de ameaças, conflitos e intimidações cria um ambiente desfavorável para a concentração e o aprendizado. Isso afeta não apenas os alunos diretamente envolvidos na violência, mas toda a comunidade escolar.

A evasão escolar é um dos impactos mais graves da violência escolar na qualidade da educação. Segundo Lima (2016), muitos alunos optam por abandonar a escola devido ao medo e à exposição constante à violência. A evasão escolar tem consequências a longo prazo para o acesso à educação e o desenvolvimento das habilidades dos alunos.

Além dos impactos nos alunos, a violência escolar também prejudica a qualidade do ensino. Ribeiro e Costa (2018) destacam que professores que enfrentam violência física ou

ameaças têm dificuldade em manter a autoridade na sala de aula e em proporcionar um ambiente de aprendizado produtivo.

Os impactos da violência escolar na qualidade da educação são substanciais. A violência prejudica o bem-estar dos alunos, afeta negativamente seu desempenho acadêmico, cria um ambiente de aprendizado desfavorável, leva à evasão escolar e prejuízos à qualidade do ensino. Compreender esses impactos é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

3.4.3 Desafios para a Qualidade da Educação

Os desafios da violência escolar para a qualidade da educação são significativos. Autores como Alves (2016) ressaltam que a violência nas escolas pode levar à evasão escolar e à queda no desempenho acadêmico. Além disso, o estresse e a ansiedade causados pela exposição à violência podem impactar negativamente a saúde mental dos alunos, afetando seu envolvimento e rendimento escolar.

A violência escolar apresenta uma série de desafios significativos para a qualidade da educação. Neste item, exploraremos os obstáculos que as escolas e sistemas educacionais enfrentam ao lidar com a violência e como isso afeta a qualidade do ensino, com base nas perspectivas de autores nacionais.

Um dos principais desafios na melhoria da qualidade da educação em face da violência é a resistência à mudança. De acordo com Silva e Ribeiro (2016), a introdução de programas de prevenção e intervenção muitas vezes encontra resistência por parte dos educadores e comunidades escolares. A resistência pode ser alimentada pelo medo do desconhecido e a crença em práticas tradicionais.

As escolas muitas vezes enfrentam limitações de recursos que dificultam a implementação de estratégias eficazes de combate à violência. Lima (2017) destaca que a falta de recursos financeiros e materiais adequados pode impedir a criação de ambientes seguros e programas de prevenção consistentes.

A complexidade dos sistemas educacionais também é um desafio para a promoção da qualidade da educação em um contexto de violência. Pereira e Almeida (2018) argumentam que sistemas educacionais frequentemente envolvem múltiplos níveis de governança e regulamentações, tornando a implementação de políticas de prevenção e intervenção mais complicada e morosa.

O envolvimento da comunidade é fundamental na abordagem da violência escolar, mas isso também pode ser um desafio. Santos (2019) destaca que o envolvimento ativo dos pais e da comunidade pode ser dificultado por barreiras culturais, falta de tempo ou compreensão insuficiente dos problemas de violência nas escolas.

A avaliação eficaz dos programas de prevenção e intervenção é um desafio adicional. Segundo Alves e Oliveira (2017), a coleta de dados, o monitoramento do progresso e a análise dos resultados são essenciais, mas muitas escolas e sistemas educacionais não têm os recursos ou a expertise necessária para realizar uma avaliação adequada.

Os desafios para a promoção da qualidade da educação em um contexto de violência escolar são significativos. A resistência à mudança, as limitações de recursos, a complexidade dos sistemas educacionais, o envolvimento da comunidade e a avaliação eficaz são obstáculos que precisam ser superados para garantir um ambiente escolar seguro e de qualidade.

Muitos autores nacionais têm explorado abordagens de prevenção e intervenção para lidar com a violência escolar. Segundo Santos (2018), a promoção de ambientes escolares seguros, a implementação de programas de mediação de conflitos e a capacitação de professores para lidar com situações de violência são estratégias que podem contribuir para a redução da violência nas escolas.

3.4.5 Necessidade de Políticas Integradas

Para lidar eficazmente com a relação entre violência escolar e qualidade da educação, é essencial a implementação de políticas públicas integradas. Autores como Pereira (2020) enfatizam a necessidade de coordenação entre as áreas de segurança pública, saúde e educação para abordar essa questão de forma abrangente e eficaz.

A abordagem da violência escolar e a promoção da qualidade da educação requerem a implementação de políticas integradas que envolvam diversas áreas e setores. Neste item, exploraremos a importância das políticas integradas e como elas podem contribuir para melhorar a qualidade da educação, com base nas perspectivas de autores nacionais.

Para enfrentar eficazmente a violência escolar, é essencial compreender sua complexidade. Alves e Santos (2019) destacam que a violência nas escolas não é um problema isolado, mas está interconectada com questões sociais, econômicas e de saúde. A abordagem eficaz requer uma compreensão holística dessa complexidade.

A coordenação entre diferentes instituições é fundamental para abordar a violência escolar de maneira abrangente. Silva (2020) observa que a colaboração entre o sistema de

educação, as autoridades de segurança pública, serviços de saúde mental e outros setores é essencial para identificar, prevenir e lidar com a violência nas escolas.

A criação de políticas públicas integradas é um passo crucial. Santos e Oliveira (2018) argumentam que essas políticas devem ser baseadas em evidências e envolver uma ampla gama de partes interessadas, incluindo educadores, pais, alunos e especialistas, para garantir que abordem adequadamente as causas da violência escolar.

As políticas integradas também devem promover uma cultura de paz nas escolas. Ribeiro (2017) destaca que a educação para a paz e a resolução de conflitos deve ser incorporada ao currículo, ajudando os alunos a desenvolver habilidades de comunicação e respeito mútuo.

Para garantir o sucesso das políticas integradas, o monitoramento e a avaliação contínua são essenciais. Pereira (2019) enfatiza a importância de acompanhar a implementação das políticas, coletar dados relevantes e ajustar as estratégias conforme necessário para garantir resultados positivos.

A necessidade de políticas integradas para abordar a violência escolar e promover a qualidade da educação é clara. Compreender a complexidade da violência, promover a coordenação interinstitucional, desenvolver políticas públicas integradas, promover uma cultura de paz e realizar monitoramento contínuo são elementos-chave para alcançar um ambiente escolar seguro e de qualidade.

A relação entre violência escolar e qualidade da educação é um desafio complexo e multifacetado que impacta negativamente o processo educacional. A natureza variada da violência, os impactos prejudiciais na qualidade da educação e a necessidade de abordagens de prevenção e intervenção demandam a atenção de educadores, pesquisadores e formuladores de políticas. Políticas integradas e a colaboração entre diferentes setores são essenciais para abordar essa questão de forma eficaz.

FASE 3

ESTUDO EMPÍRICOS

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA DA PESQUISA

O Capítulo 4 aborda a "Metodologia da Pesquisa," fornecendo uma estrutura para a condução do estudo. Ele detalha as abordagens, métodos e técnicas que serão utilizados para coletar e analisar dados, garantindo rigor e validade na pesquisa. Este capítulo é fundamental para compreender como o estudo será realizado e as etapas envolvidas na investigação.

4.1 Introdução

A violência no ambiente escolar constitui um fenômeno variado que compromete significativamente o processo de ensino-aprendizagem, afetando não apenas os alunos, mas também os professores e a gestão pedagógica como um todo. Nos últimos anos, a crescente incidência de comportamentos agressivos e conflitos interpessoais dentro das instituições de ensino tem despertado atenção de pesquisadores, gestores e formuladores de políticas públicas. No município de Presidente Sarney, no estado do Maranhão, a problemática assume contornos particulares, especialmente quando se trata das relações entre professores e alunos nos anos finais do ensino público.

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e quantitativa, caracterizando-se como uma investigação de natureza mista (Creswell & Plano Clark, 2011). Essa estratégia metodológica foi escolhida com o objetivo de proporcionar uma análise mais abrangente, permitindo não apenas quantificar percepções e fenômenos relacionados à violência entre professores e alunos, mas também compreender suas causas, implicações e significados no contexto escolar. Segundo Flick (2009), a pesquisa mista é especialmente útil quando se deseja captar a complexidade de problemas sociais e educacionais, como é o caso da violência nas escolas.

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois visa produzir conhecimentos voltados à solução de problemas concretos do contexto educacional em Presidente Sarney – MA, com foco na melhoria da qualidade do ensino público. De acordo com Gil (2008), a pesquisa aplicada objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos.

No que diz respeito aos objetivos, a pesquisa tem caráter exploratório e descritivo. É exploratória por buscar aprofundar a compreensão sobre um tema ainda pouco estudado localmente – a violência escolar entre professores e alunos – e suas repercussões na qualidade da educação. Segundo Severino (2007), pesquisas exploratórias são adequadas quando se deseja adquirir maior familiaridade com um fenômeno pouco conhecido. Por outro lado, é também descritiva, pois objetiva registrar, analisar e interpretar os fatos observados, descrevendo com precisão as manifestações de violência e suas consequências percebidas por diferentes sujeitos da comunidade escolar.

Quanto aos procedimentos técnicos, foram utilizados: a) Questionários fechados aplicados a alunos do ensino fundamental II e ensino médio das escolas públicas, para coleta de dados quantitativos; b) Entrevistas semiestruturadas com professores, gestores e equipe pedagógica, visando aprofundar a percepção qualitativa sobre as práticas de violência, suas causas e estratégias de enfrentamento; c) Análise documental, com base em registros escolares e normativas institucionais; d) observações em sala de aula; e) Triangulação de dados, conforme recomenda Denzin (1978), para garantir a validade e confiabilidade da pesquisa por meio da combinação de múltiplas fontes de evidência.

Essa metodologia permitiu atender de forma robusta aos objetivos propostos na investigação, favorecendo uma análise crítica e fundamentada da realidade escolar e das implicações da violência na educação pública local.

4.2 Local da investigação

O lócus da pesquisa em Presidente Sarney, Maranhão, é uma escolha significativa e estratégica, uma vez que oferece um ambiente rico para a exploração dos desafios na gestão de conflitos e violência nas escolas e seus impactos na qualidade da educação. Como enfatiza Jackson (2015), "o contexto local desempenha um papel crucial na compreensão dos problemas educacionais e na busca por soluções eficazes."

Presidente Sarney, Maranhão, é um município situado no nordeste do Brasil, com uma população diversificada e uma estrutura educacional que abrange escolas públicas que atendem aos anos finais do ensino público. A escolha desse lócus se baseia em várias considerações importantes.

Figura 1.

Imagem aérea de Presidente Sarney



Fonte: <https://www.google.com.br/search?sxsrf=ALiCzsbCHI6yxDk6fZWP>

Primeiramente, a pesquisa em Presidente Sarney permitirá a exploração das manifestações mais frequentes de violência entre professores e alunos nas escolas locais, conforme enfatizado por Silva (2018) em seu estudo sobre violência escolar no Brasil. Além disso, a diversidade dos participantes, incluindo alunos de diferentes origens socioeconômicas e culturais, bem como professores com variadas experiências, oferece uma oportunidade única para uma análise abrangente, como destacado por Souza (2019) em sua pesquisa sobre a diversidade nas escolas.

Outra razão significativa para escolher Presidente Sarney é a possibilidade de analisar como as instituições de ensino lidam com a violência entre professores e alunos na região. Conforme apontado por Oliveira (2017), as abordagens e políticas adotadas pelas escolas desempenham um papel fundamental na prevenção e gestão da violência. Este contexto local permitirá uma análise aprofundada de como as estratégias de intervenção são aplicadas em escolas específicas.

Além disso, a pesquisa tem como objetivo investigar o impacto da violência nas escolas entre professores e alunos na motivação dos professores e no desempenho acadêmico dos alunos nos anos finais do ensino público. Como argumentado por Santos (2016), o ambiente

escolar influencia diretamente a motivação dos professores e a aprendizagem dos alunos. O contexto local de Presidente Sarney proporciona uma plataforma relevante para avaliar esses impactos.

Figura 2.

Imagem do balneário de 03 furos a margem do Rio Tury



Fonte: <https://www.google.com.br/search?sxsrf=ALiCzsbCHI6yxDk6fZWPv>

Por fim, a pesquisa visa identificar medidas preventivas e intervenções que podem ser adotadas para reduzir a violência entre professores e alunos e, assim, melhorar a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney. Isso está alinhado com as recomendações de Oliveira (2018) sobre a necessidade de estratégias eficazes de prevenção da violência nas escolas.

Em resumo, a escolha do lócus da pesquisa em Presidente Sarney, Maranhão, é baseada na relevância e no potencial impacto da pesquisa para a comunidade educacional local, bem como na sua contribuição para a compreensão de questões mais amplas relacionadas à violência escolar e à qualidade da educação no contexto brasileiro.

4.3 Sujeitos investigados

Desta forma, traçados os objetivos e formuladas as perguntas-mestras, serão escolhidas as duas escolas públicas de maiores números de alunos matriculados da cidade de Presidente Sarney e uma escola do Distrito de 03 furos, pois as localizações estão concentradas em local de maior número de famílias e infraestrutura básica, buscando assim de forma intencional estabelecer diferenças quanto à localização (zona urbana e rural), número de alunos e proveniência social de sua clientela.

As escolas situadas na zona central da cidade e atende a um número estimado em mais de 4.000 alunos. As duas escolas situadas no distrito da cidade, atende a um número estimado em 1740 alunos. Ambas as escolas oferecem Ensino Fundamental.

Tabela 1

Escolas selecionadas para a pesquisa Escola/Localidade/Número de alunos

ESCOLA	LOCALIDADE	Número de alunos
Em Pe Thomaz Beckman	Cidade de Presidente Sarney	1700
Em Pe Thomaz Beckman	Cidade de Presidente Sarney	1400
Em Ricardo Pedro Paglia	Distrito de Presidente Sarney	900

Nota: Controle do aluno

A seleção apropriada dos sujeitos investigados é crucial para a validade e a relevância de qualquer pesquisa. Conforme destacado por Smith (2019), a escolha dos participantes é uma etapa crítica na pesquisa, uma vez que os resultados e conclusões dependem da representatividade e da diversidade da amostra.

Nesta pesquisa, os sujeitos investigados abrangem um grupo diversificado de atores no contexto das escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão. A escolha de múltiplos grupos de participantes é apoiada por Johnson (2020), que enfatiza a importância de coletar dados de várias fontes para obter uma compreensão abrangente do fenômeno estudado.

1. Professores: Os professores desempenham um papel fundamental no contexto escolar e são frequentemente afetados pela violência nas escolas. Conforme ressaltado por Brown (2018), "os professores são testemunhas e, às vezes, alvos diretos da violência nas escolas". Entender sua perspectiva é crucial para avaliar o impacto da violência na motivação e na eficácia do ensino.

2. Alunos: Os alunos são parte fundamental do ambiente escolar e podem ser afetados de várias maneiras pela violência. A pesquisa de Silva (2017) enfatiza que "os alunos podem experimentar estresse e ansiedade devido à exposição à violência escolar." Portanto, é essencial explorar as percepções e experiências dos alunos em relação à violência.

3. Administradores Escolares: Os administradores escolares desempenham um papel na formulação de políticas e estratégias para lidar com a violência nas escolas. Conforme observado por Oliveira (2019), "a liderança escolar desempenha um papel crucial na promoção de ambientes escolares seguros." Entender como os administradores lidam com a violência é fundamental para avaliar a eficácia das abordagens adotadas.

4. Pais e Responsáveis: Os pais desempenham um papel importante na comunidade escolar, e suas perspectivas podem fornecer informações. A pesquisa de Souza (2018) enfatiza que "os pais podem estar preocupados com a segurança de seus filhos na escola." Portanto, a inclusão de pais e responsáveis como sujeitos investigados é relevante para compreender as preocupações da comunidade escolar.

5. Profissionais de Saúde e Psicólogos Escolares: Esses profissionais desempenham um papel crítico na promoção da saúde mental e no apoio aos alunos e professores afetados pela violência. Como destacado por Smith (2020), "os profissionais de saúde têm um papel na identificação e no tratamento de traumas relacionados à violência." Portanto, sua perspectiva é valiosa para avaliar as necessidades de suporte.

A inclusão desses diferentes grupos de participantes permitiu uma visão abrangente dos desafios na gestão de conflitos e violência nas escolas de Presidente Sarney e de seus impactos na qualidade da educação. Cada grupo trouxe uma perspectiva única, contribuindo para uma compreensão mais completa do fenômeno estudado.

4.4 Amostras dos sujeitos

A escolha da amostra é um aspecto crítico da pesquisa, uma vez que afeta a representatividade e a generalização dos resultados. Como destacado por Johnson (2019), uma amostra cuidadosamente selecionada é essencial para obter insights confiáveis e significativos.

Nesta pesquisa, a amostra de sujeitos investigados será selecionada com base em critérios específicos para garantir uma representação adequada das diferentes perspectivas. Conforme enfatizado por Thomas (2017), a amostragem intencional é apropriada quando se busca uma compreensão aprofundada de grupos específicos.

Professores: Para os professores, a amostra incluirá uma seleção intencional de professores de diferentes escolas públicas em Presidente Sarney. A amostra será diversificada em termos de idade, gênero e tempo de serviço para obter uma ampla gama de perspectivas.

Alunos: A amostra de alunos será composta por alunos dos anos finais do ensino público em diferentes escolas de Presidente Sarney. Será considerada a diversidade em termos de idade, desempenho acadêmico e origens socioeconômicas.

Tabela 2

Sujeitos selecionadas para entrevistas - Professores/coordenadores e alunos

ESCOLA	Nº Professores	Nº Coordenadores	Nº Alunos	Nº Gestores	Nº Pais	Nº Prof. Saúde
Em Pe Thomaz Beckman	04	01	30	01	04	01
Em Pe Thomaz Beckman	04	01	30	01	04	01
Em Ricardo Pedro Paglia	04	01	40	01	04	01
TOTAL	12	03	100	03	12	03

Nota: Controle do aluno

Administradores Escolares: A amostra de administradores escolares incluirá diretores e coordenadores pedagógicos de várias escolas públicas na região. A amostra será selecionada para representar diferentes tipos de escolas e abordagens de gestão.

Pais e Responsáveis: Para os pais e responsáveis, a amostra será composta por aqueles que têm filhos matriculados nas escolas públicas de Presidente Sarney. A amostra será diversificada em termos de idade, nível de escolaridade e envolvimento na comunidade escolar.

Profissionais de Saúde e Psicólogos Escolares: A amostra desses profissionais incluirá aqueles que atuam em escolas públicas da região. A seleção será baseada em sua experiência e envolvimento na prestação de serviços de saúde mental e apoio psicológico.

A amostragem cuidadosamente planejada e intencional permitirá que esta pesquisa capture uma variedade de perspectivas e experiências relacionadas à violência nas escolas e à qualidade da educação em Presidente Sarney. Isso é essencial para obter uma compreensão abrangente do fenômeno estudado.

4.5 Instrumentos de recolha de dados

A escolha dos instrumentos de coleta de dados desempenha um papel crítico em qualquer pesquisa, uma vez que afeta diretamente a qualidade e a validade das informações

coletadas. Conforme ressalta Smith (2018), a seleção apropriada dos instrumentos é fundamental para a precisão dos resultados e para a fidelidade das conclusões da investigação.

Nesta pesquisa, foram empregados quatro principais instrumentos de coleta de dados, com o objetivo de captar diferentes perspectivas e dimensões do fenômeno da violência entre professores e alunos nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney – Maranhão. A multiplicidade de instrumentos justifica-se pela natureza complexa e multidimensional da temática, permitindo uma compreensão mais holística e contextualizada.

Entrevistas Semiestruturadas: As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com professores, gestores escolares e profissionais da saúde educacional. Essa técnica permitiu obter dados qualitativos profundos, possibilitando que os participantes relatassem suas experiências, percepções e interpretações acerca da violência escolar, suas causas e consequências. Como destaca Johnson (2019), as entrevistas são ferramentas eficazes para explorar nuances que dificilmente seriam captadas por meios exclusivamente quantitativos.

Questionários: Foram aplicados questionários estruturados a uma amostra significativa de alunos dos anos finais do ensino público. Os questionários abordaram percepções sobre diferentes formas de violência vivenciadas ou testemunhadas no ambiente escolar, bem como suas consequências na aprendizagem. A escolha por esse instrumento visou à coleta de dados quantitativos passíveis de análise estatística, conforme argumenta Thomas (2017), que reconhece os questionários como recursos valiosos para captar tendências e padrões em grandes populações.

Análise Documental: A análise documental contemplou o exame de políticas escolares, registros de ocorrências disciplinares, atas de reuniões pedagógicas e relatórios institucionais sobre saúde e segurança escolar. Essa análise permitiu avaliar a formalização das estratégias preventivas e interventivas das escolas diante da violência. Oliveira (2018) afirma que "a análise de documentos pode revelar práticas, omissões e diretrizes institucionais que nem sempre são verbalizadas nas entrevistas."

Observações Diretas em Sala de Aula: As observações diretas constituíram um instrumento essencial para captar comportamentos espontâneos, interações cotidianas e dinâmicas reais entre professores e alunos. As observações foram realizadas em turmas dos anos finais do ensino fundamental, durante o período regular de aula, sem interferência direta do pesquisador. Foram utilizados roteiros de observação baseados em categorias como: respeito mútuo, uso da autoridade docente, situações de indisciplina, sinais de agressividade verbal ou física e estratégias de mediação de conflitos.

As anotações feitas em campo revelaram episódios de tensões recorrentes entre alunos e professores, bem como momentos de cooperação e empatia. Essa abordagem permitiu compreender de forma empírica como se materializa a violência relacional no ambiente escolar, complementando as percepções relatadas nos questionários e entrevistas. Segundo Flick (2022), "a observação direta permite ao pesquisador mergulhar na realidade investigada, reconhecendo padrões de interação que podem não ser percebidos pelos próprios participantes" (p. 115).

A triangulação desses diferentes instrumentos — entrevistas, questionários, análise documental e observação direta — proporcionou uma base sólida para a análise interpretativa dos dados, respeitando a complexidade do fenômeno e assegurando maior validade interna à pesquisa (Denzin, 2017).

4.6 Instrumentos de análise de dados

A análise dos dados coletados na presente pesquisa foi conduzida com base em procedimentos metodológicos que asseguraram rigor científico, coerência e fidedignidade na interpretação das informações obtidas. A diversidade dos instrumentos de coleta de dados — entrevistas semiestruturadas, questionários, análise documental e observações diretas em sala de aula — exigiu a adoção de diferentes técnicas analíticas, adequadas à natureza (qualitativa e quantitativa) dos dados.

Conforme Flick (2022), a análise de dados deve respeitar as especificidades metodológicas da pesquisa mista, articulando técnicas qualitativas e quantitativas para gerar interpretações mais robustas e consistentes. Deste modo, a presente pesquisa adotou dois enfoques principais: análise estatística descritiva para os dados quantitativos e análise de conteúdo temática para os dados qualitativos.

Análise Quantitativa: Os dados coletados por meio dos questionários foram organizados e analisados utilizando ferramentas estatísticas descritivas (frequência, porcentagem e média), com o auxílio do software Microsoft Excel. Essa análise permitiu identificar padrões de percepção dos estudantes sobre a violência escolar, sua frequência, impacto no processo de ensino-aprendizagem, e as estratégias preventivas percebidas. Como ressaltam Lakatos e Marconi (2017), a estatística descritiva fornece uma visão panorâmica e objetiva dos dados, contribuindo para fundamentar interpretações mais amplas.

Análise Qualitativa: Os dados oriundos das entrevistas, observações diretas e análise documental foram analisados com base na técnica de análise de conteúdo temática, conforme proposta por Bardin (2016). Essa abordagem permitiu a categorização de enunciados em temas

recorrentes, como: tipos de violência, fatores causadores, impactos emocionais e cognitivos, estratégias institucionais e relações interpessoais no ambiente escolar.

A análise de conteúdo envolveu as etapas de pré-análise, codificação, categorização e interpretação dos dados. O processo foi conduzido de forma sistemática, preservando o sentido das falas dos participantes e observações registradas em campo. De acordo com Bardin (2016), essa técnica possibilita o aprofundamento na compreensão dos significados presentes nos discursos, facilitando a construção de inferências teóricas coerentes com os objetivos da pesquisa.

Triangulação dos Dados: A integração dos resultados obtidos por diferentes métodos foi realizada por meio da triangulação metodológica, conforme defendido por Denzin (2017), com o objetivo de ampliar a validade interna da pesquisa. A confrontação entre os dados numéricos e as narrativas qualitativas possibilitou a identificação de convergências e divergências que enriqueceram a compreensão sobre a complexa relação entre violência escolar e qualidade da educação.

Esse processo interpretativo permitiu mapear com maior precisão os impactos da violência nas práticas pedagógicas e no desempenho dos alunos, respondendo diretamente aos objetivos e hipóteses levantadas na investigação. Como destaca Minayo (2014), a triangulação favorece uma visão mais ampla e crítica da realidade pesquisada, consolidando a credibilidade e a profundidade analítica dos resultados.

4.7 A ética da pesquisa

A ética na pesquisa científica representa um pilar fundamental para assegurar o respeito à dignidade humana, à integridade dos participantes e à validade dos dados coletados. Nesta pesquisa, que investigou os impactos da violência entre professores e alunos na qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney – Maranhão, todos os procedimentos seguiram rigorosamente os princípios éticos preconizados pelas normas nacionais e internacionais, conforme estabelecido pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata especificamente das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

De acordo com Lakatos e Marconi (2017), a ética na pesquisa envolve desde a elaboração do projeto até a divulgação dos resultados, exigindo responsabilidade científica, transparência metodológica e respeito aos direitos dos participantes. Para garantir tais prerrogativas, esta pesquisa utilizou um conjunto de ferramentas e protocolos de proteção e

validação, iniciando com a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a todos os participantes. Este documento foi elaborado com linguagem acessível, contendo informações claras sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos adotados, os riscos e benefícios envolvidos, bem como a garantia do anonimato e da confidencialidade das informações.

Os participantes, especialmente os estudantes menores de idade, foram autorizados a participar da pesquisa mediante consentimento dos responsáveis legais, em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990). A aplicação dos instrumentos de pesquisa ocorreu com pleno respeito à autonomia dos sujeitos, sem imposição ou indução de respostas, assegurando o direito à desistência a qualquer momento, sem prejuízos.

A verificação da originalidade e integridade científica do trabalho também foi uma etapa fundamental para garantir o rigor ético. Para isso, foi utilizada a ferramenta CopySpider, um software de detecção de plágio acadêmico, amplamente aceito no meio universitário. O relatório gerado apontou índice de similaridade inferior a 2%, indicando ausência de plágio e confirmando a autenticidade da produção. Além disso, foram seguidas as diretrizes da American Psychological Association (APA), 7ª edição, para a citação e referenciamento das fontes utilizadas, reforçando a transparência na construção do conhecimento científico.

Todas as fontes consultadas foram devidamente citadas no corpo do texto e listadas nas referências, respeitando os direitos autorais e evitando o uso indevido de ideias alheias, conforme recomenda Severino (2016), que salienta que “o compromisso ético do pesquisador começa com o reconhecimento da autoria das ideias que utiliza e com a honestidade na apresentação dos dados e interpretações” (p. 122).

Do ponto de vista institucional, o projeto foi previamente submetido à apreciação e aprovação do comitê científico da instituição de ensino vinculada ao programa de mestrado, seguindo os trâmites exigidos pelos regulamentos internos e pelas orientações do orientador responsável. Essa submissão garante a legitimidade da pesquisa no contexto acadêmico e respalda a confiabilidade dos resultados obtidos.

Em relação à segurança e confidencialidade dos dados, os registros foram armazenados em arquivos protegidos por senha e somente acessados pelos pesquisadores envolvidos. Nenhum nome ou dado pessoal dos participantes foi divulgado, mantendo-se o sigilo e o respeito às identidades individuais, conforme orientações de Gil (2017), que destaca a importância da proteção da privacidade como um princípio ético indispensável nas investigações sociais.

Portanto, pode-se afirmar que esta pesquisa cumpriu com todos os requisitos éticos e metodológicos exigidos pela comunidade científica. Os cuidados tomados desde a elaboração até a conclusão do trabalho asseguraram não apenas a legalidade e a legitimidade do estudo, mas também a sua contribuição responsável e ética ao debate educacional sobre a violência escolar e seus impactos.

4.8 Principais desafios na pesquisa

A pesquisa é uma jornada complexa que frequentemente envolve diversos desafios. É fundamental reconhecer esses desafios para abordá-los de maneira adequada e garantir a qualidade da pesquisa. Conforme destacado por Johnson (2019), a pesquisa educacional enfrenta vários desafios que podem influenciar a validade e a confiabilidade dos resultados.

Nesta pesquisa sobre a violência nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e seus impactos na qualidade da educação, vários desafios surgiram ao longo do processo de investigação.

Coleta de Dados Sensíveis: A pesquisa envolveu a coleta de dados sobre um tema sensível, a violência nas escolas. A obtenção de informações detalhadas sobre incidentes de violência foi desafiadora, uma vez que os participantes hesitaram em relatar experiências traumáticas. Conforme enfatizado por Thomas (2017), a coleta de dados sensíveis requer abordagens cuidadosas e empáticas.

Recrutamento de Participantes: O recrutamento de participantes, como professores, alunos, pais e profissionais de saúde, também foi um desafio, pois requereu acesso às instituições escolares e a cooperação das partes interessadas. A resistência à participação devido à natureza sensível do tema é um desafio adicional. Conforme observado por Oliveira (2018), o recrutamento de participantes exige negociação e parceria.

Gestão de Dados: A pesquisa envolveu a coleta de uma quantidade significativa de dados qualitativos e quantitativos. A gestão eficaz desses dados, incluindo armazenamento, organização e análise, foi desafiadora. É importante garantir que os dados sejam mantidos com segurança e que as análises sejam conduzidas de maneira precisa. Como destacado por Smith (2018), a gestão de dados é um aspecto crítico da pesquisa.

Aspectos Éticos: As considerações éticas, como a obtenção de consentimento informado e a proteção da privacidade dos participantes, representou desafios em cada fase da pesquisa. É fundamental garantir que todas as práticas de pesquisa estejam alinhadas com princípios éticos. Conforme enfatizado por Brown (2016), a ética na pesquisa é uma consideração constante.

Interpretação dos Dados: A interpretação dos dados coletados foi um desafio, especialmente quando se lida com informações qualitativas complexas. Garantir que as interpretações sejam objetivas, precisas e fundamentadas nos dados é essencial para a validade da pesquisa. Conforme observado por Johnson (2019), a interpretação dos dados requer rigor e atenção aos detalhes.

Abordar esses desafios requer planejamento, preparação e flexibilidade por parte dos pesquisadores. É fundamental estar ciente dos obstáculos potenciais e adotar estratégias adequadas para superá-los, a fim de garantir a qualidade da pesquisa.

CAPÍTULO 5.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E SUAS DISCUSSÃO

O Capítulo 5 apresenta os resultados da pesquisa sobre a violência nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e seus impactos na qualidade da educação. Os dados coletados por meio de entrevistas, questionários, análise documental e observações diretas são analisados e discutidos. As descobertas revelam as manifestações mais frequentes de violência, como as instituições de ensino lidam com o problema, o impacto da violência na motivação dos professores e no desempenho dos alunos, bem como as medidas preventivas e intervenções sugeridas. A discussão aborda as implicações dos resultados para a qualidade da educação na região, destacando desafios e possíveis soluções.

5.1 Contexto introdutório

A pesquisa tem como objetivo compreender as complexas dinâmicas da violência escolar e seu impacto na qualidade da educação em Presidente Sarney, Maranhão. Neste capítulo, apresentamos uma análise profunda dos resultados obtidos ao longo da pesquisa, discutindo as conclusões em relação às perguntas de pesquisa e relacionando-as com a literatura existente sobre o tema. A estrutura deste capítulo segue as diretrizes da norma acadêmica, proporcionando uma abordagem sistemática e lógica para a apresentação dos resultados e sua discussão.

Resultados da Pesquisa - são apresentados os resultados da pesquisa de maneira clara e objetiva. Os resultados são divididos de acordo com as perguntas de pesquisa e os grupos de participantes, incluindo professores, alunos, administradores escolares, pais e profissionais de saúde. Cada seção fornece uma visão abrangente das percepções, experiências e dados coletados.

Discussão dos Resultados - os resultados são analisados à luz da teoria e da literatura existente sobre violência escolar e qualidade da educação. As implicações dos resultados são consideradas em relação aos objetivos da pesquisa e às perguntas de pesquisa. São exploradas as conexões entre os achados e os desafios identificados, bem como as possíveis soluções.

Contribuições para a Literatura - destacamos as contribuições da pesquisa para a literatura existente sobre violência nas escolas e qualidade da educação. Identificamos lacunas no conhecimento e áreas que requerem mais investigação com base em nossos achados.

Limitações da Pesquisa - Reconhecemos as limitações da pesquisa, como desafios metodológicos, possíveis vieses e restrições no escopo da investigação. Isso proporciona transparência e ajuda os leitores a avaliar a validade e a generalização dos resultados.

No encerramento do capítulo, apresentamos conclusões finais com base nos resultados e na discussão. Respondemos às perguntas de pesquisa e resumimos os principais pontos destacados na pesquisa, destacando seu significado e implicações.

A apresentação dos resultados e discussão segue rigorosamente as normas acadêmicas, fornecendo uma estrutura clara e coerente para a análise dos dados e a interpretação dos achados da pesquisa.

5.2 Contexto dos Resultados da Análise de Documentos das escolas

No contexto dos resultados da análise da documentação das escolas, esta seção do Capítulo 5 da pesquisa sobre a violência nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão, fornece uma análise detalhada dos documentos escolares, incluindo políticas, registros de incidentes de violência e outros registros relevantes. Os resultados desta análise são essenciais para compreender as práticas e políticas institucionais relacionadas à violência escolar e para avaliar como esses fatores impactam a qualidade da educação na região.

A análise de documentos das escolas é uma parte integral da pesquisa, uma vez que fornece uma visão abrangente das políticas, práticas e ocorrências relacionadas à violência nas instituições de ensino de Presidente Sarney. A documentação analisada inclui políticas escolares de prevenção e combate à violência, registros de incidentes de violência, planos de segurança escolar e outros documentos relacionados.

A análise desses documentos revelou uma série de resultados importantes. Primeiramente, foi identificado que a maioria das escolas possui políticas escritas de prevenção e combate à violência. No entanto, a implementação eficaz dessas políticas nem sempre é evidente. Como destacado por Smith (2018), a existência de políticas por si só não garante a eficácia na prevenção da violência; é necessário um compromisso real com a implementação.

A análise dos registros de incidentes de violência também proporcionou pontos valiosos. Foi constatado que uma variedade de incidentes ocorreu nas escolas, incluindo confrontos entre alunos, agressões físicas e verbais, intimidação e vandalismo. Esses incidentes afetam não apenas a segurança dos alunos, mas também o ambiente de aprendizado. Como ressaltado por Thomas (2017), a violência nas escolas pode criar um clima de medo e insegurança que prejudica o desempenho acadêmico.

Além disso, a análise dos documentos revelou que as escolas têm planos de segurança em vigor, que geralmente incluem medidas como a presença de profissionais de segurança, políticas de zero tolerância e programas de conscientização sobre violência. No entanto, a eficácia dessas medidas varia e é afetada por fatores como o envolvimento da comunidade e a capacitação dos funcionários. Conforme observado por Brown (2016), a segurança escolar eficaz requer abordagens holísticas que envolvam todos os interessados.

A discussão dos resultados destaca a importância de uma abordagem integrada para lidar com a violência nas escolas. Isso inclui não apenas políticas e planos de segurança eficazes, mas também a promoção de um clima escolar positivo, a formação dos professores em habilidades de gestão de conflitos e a participação ativa da comunidade na prevenção da violência. Essas conclusões estão alinhadas com as recomendações da literatura sobre a prevenção da violência escolar.

5.3 Contexto dos Resultados da Análise das observações realizadas nas salas de aula

Na análise dos resultados da observação realizada nas salas de aula das escolas em Presidente Sarney, Maranhão, destaca-se a importância de compreender as dinâmicas de sala de aula e como elas estão relacionadas à violência escolar e à qualidade da educação na região. Esta seção do Capítulo 5 da pesquisa oferece uma visão detalhada das observações realizadas, incluindo a identificação de padrões de comportamento, interações entre professores e alunos e o ambiente geral de aprendizado.

A observação direta das salas de aula é um componente crucial da pesquisa, permitindo a coleta de dados em tempo real sobre o ambiente de aprendizado e as interações entre professores e alunos. Durante as observações, foram registrados diversos aspectos, como o comportamento dos alunos, a dinâmica das aulas, as estratégias de ensino e a presença de conflitos ou situações de violência.

Os resultados das observações revelaram várias conclusões significativas. Primeiramente, foram identificados padrões de comportamento entre os alunos que sugerem a presença de conflitos e desrespeito mútuo. Isso incluiu comportamentos disruptivos, desinteresse nas atividades escolares e confrontos verbais entre os alunos. Como apontado por Johnson (2019), a dinâmica da sala de aula desempenha um papel crucial na prevenção da violência escolar.

Além disso, as observações destacaram a importância do papel dos professores na gestão de sala de aula. Foi observado que os professores que implementam estratégias eficazes de

gerenciamento de sala de aula, como estabelecer regras claras e consistentes, fornecer apoio emocional aos alunos e envolver-se ativamente no processo de ensino, geralmente experimentam menos incidentes de violência. Isso está alinhado com a pesquisa de Oliveira (2018), que enfatiza a importância do apoio do professor na promoção de um ambiente de aprendizado seguro.

As observações também forneceram alguns pontos cruciais sobre a relação entre a motivação dos alunos e a ocorrência de violência. Alunos que parecem desinteressados ou desengajados nas atividades escolares podem ser mais propensos a se envolver em comportamentos disruptivos ou confrontos com outros alunos. A motivação dos alunos, conforme destacado por Thomas (2017), é um fator-chave na prevenção da violência escolar.

A discussão dos resultados aborda a necessidade de estratégias de ensino eficazes que promovam o envolvimento dos alunos e o respeito mútuo. Além disso, enfatiza a importância da formação de professores em habilidades de gestão de sala de aula e na promoção de um clima de respeito e segurança. Essas conclusões têm implicações significativas para a promoção da qualidade da educação nas escolas de Presidente Sarney.

5.4 Contexto dos Resultados da Análise das entrevistas

Com o intuito de identificar as manifestações mais frequentes de violência entre professores e alunos nas escolas públicas do município de Presidente Sarney (MA), foram realizadas entrevistas com um total de 33 participantes, distribuídos entre os seguintes perfis:

- 03 diretores escolares
- 03 coordenadores pedagógicos
- 12 professores dos anos finais do ensino público
- 12 pais ou responsáveis por alunos da rede pública
- 03 profissionais da área da saúde (enfermeiras)

As respostas foram organizadas e analisadas com base na técnica da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016), que propõe a categorização das falas em unidades de significado (temas recorrentes) e sua posterior quantificação interpretativa, permitindo identificar padrões, frequências e sentidos atribuídos à violência no ambiente escolar.

A seguir, são apresentadas as tabelas referentes à análise das respostas das perguntas, destacando as categorias temáticas emergentes, as falas representativas e a frequência de ocorrência entre os entrevistados.

Tabela 3.

Análise de Conteúdo – Pergunta 1 do Objetivo 1 - Como você definiria ou descreveria as formas de violência que você já presenciou

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Violência Verbal	"Violências verbais"; "violência verbal são mais comuns"; "violência verbal"; "palavras ofensivas"; "alunos não respeitam os funcionários"	Alta	A mais citada entre os entrevistados. Presente em diversos relatos.
Violência Física	"violência física"; "super agressivas, impiedosas"; "dano físico"	Média	Aparece associada a outras formas, como verbal e psicológica.
Violência Psicológica/Moral	"violência moral", "violência psicológica", "dano psicológico", "formas desagradáveis", "desmotiva o profissional", "constrangedor"	Média	Relacionada ao impacto emocional e desrespeito.
Violência Patrimonial	"violência patrimonial", "dano material"	Baixa	Citada pontualmente.
Violência Doméstica e Sexual (reflexos no ambiente escolar)	"violência doméstica", "violência sexual"	Média	Ligadas ao histórico de vida dos alunos e seus reflexos no comportamento escolar.
Falta de Experiência Direta com Violência	"Nunca presenciei atos de violência"; "Não houve violência"; "Ainda não presenciei"	Média	Importante para mostrar a variação da percepção entre os entrevistados.
Chamado à Cultura de Paz e Inteligência Emocional	Texto reflexivo: "Cada uma dessas cenas revela a dura realidade da falta de empatia... é urgente cultivarmos uma cultura de paz, amor e respeito mútuo..."	Isolado (1 ocorrência)	Reflexão ampla, com forte valor simbólico e ético.

A violência nas escolas constitui uma preocupação crescente nas políticas educacionais brasileiras, refletindo um fenômeno complexo que transcende os muros escolares e envolve fatores sociais, culturais e psicológicos. De acordo com Abramovay (2012), a escola, como espaço social, sofre os impactos das tensões que permeiam a sociedade e, por isso, torna-se palco de diferentes manifestações de violência. Este estudo, inserido no contexto das escolas públicas de Presidente Sarney – MA, visa identificar e compreender as formas de violência mais frequentemente presenciadas por profissionais da educação, a fim de embasar ações preventivas e interventivas mais eficazes.

A Tabela 1 apresenta os resultados da análise de conteúdo da primeira pergunta relacionada ao Objetivo 1 da pesquisa, que buscou entender como os participantes definem ou descrevem as formas de violência presenciadas no contexto escolar.

A análise dos dados revela que a violência verbal é a forma mais recorrente nas escolas públicas de Presidente Sarney, segundo os relatos dos entrevistados. Esta constatação reforça estudos como os de Silva e Oliveira (2020), que apontam a agressão verbal como a mais comum nas interações escolares, muitas vezes naturalizada no cotidiano.

Além disso, a violência psicológica/moral surge como um fator relevante, muitas vezes relacionada à desvalorização dos profissionais da educação e ao impacto emocional causado por alunos, pais ou colegas. Segundo Faleiros (2011), essa forma de violência pode ser silenciosa, mas deixa marcas profundas no ambiente escolar e no bem-estar dos educadores.

A violência física foi citada com frequência média e, em geral, aparece associada a contextos de conflito mais intensos. Para Zaffaroni (2013), a violência física nas escolas tende a ser visibilizada quando atinge um ponto crítico, mas pode ser precedida por uma escalada de outras violências negligenciadas, como a verbal e a moral.

Já a violência patrimonial foi pontualmente mencionada, o que pode indicar que, embora ocorra, ela não é percebida como uma ameaça constante. A presença de relatos sobre violência doméstica e sexual, mesmo que indiretamente, aponta para a influência do contexto familiar e social no comportamento dos alunos, como defendido por Libâneo (2013), ao considerar que a escola reflete as dinâmicas sociais externas.

Interessantemente, parte dos participantes afirmou não ter presenciado situações de violência, o que revela tanto uma diversidade de experiências como também possíveis diferenças na percepção do que é ou não considerado violência, conforme argumenta Charlot (2002), ao destacar que o sentido atribuído às situações escolares varia de acordo com a vivência de cada sujeito.

Por fim, destaca-se uma fala que propõe a promoção de uma cultura de paz, trazendo um apelo humanizador e reflexivo. Essa perspectiva está alinhada aos princípios da Educação para a Paz, conforme apontado por Tiba (2015), que defende a escola como espaço de construção de valores, respeito mútuo e resolução pacífica de conflitos.

A análise da Tabela 1 evidencia que as formas de violência presenciadas no ambiente escolar são variadas, com destaque para a violência verbal e psicológica, que afetam diretamente o clima escolar e a saúde emocional dos profissionais. As manifestações de

violência estão, muitas vezes, conectadas a contextos sociais e familiares mais amplos, o que demanda uma abordagem sistêmica e humanizada.

A ausência de experiência direta relatada por alguns participantes reforça a necessidade de aprofundar a formação sobre o reconhecimento e enfrentamento das múltiplas expressões da violência. Além disso, o apelo por uma cultura de paz reforça a importância da escola como espaço de acolhimento, empatia e formação ética.

É fundamental que as escolas, apoiadas por políticas públicas eficazes, desenvolvam práticas preventivas e interventivas que promovam o respeito mútuo e o bem-estar coletivo, alinhando-se a princípios de justiça social e educação transformadora.

Tabela 4.

Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 1 - Você já experimentou situações de violência nas escolas de Presidente Sarney? Se sim, quais?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Ausência de experiência com violência escolar	"Nenhuma."; "Não passei."; "Nunca tive experiência relacionadas a violência escolar."; "Bom diálogo entre professores e alunos."; "Ainda não."; "Não, sempre tento evitar."	Alta	A maioria dos entrevistados afirma não ter vivenciado diretamente episódios de violência.
Vivência de violência verbal, psicológica ou física	"O que mais chama atenção são os motivos e as formas de agressões: verbal, psicológica e física."; "No sentido dos alunos não darem respeito e palavras absurdos."	Média	Relatos apontam formas variadas de violência, especialmente verbal e psicológica.
Reconhecimento geral de violência escolar	"Sim."; "De certa forma sim."	Média	Há reconhecimento de violência sem detalhamento das situações específicas.
Vivência direta de violência verbal	"Já sofri violência verbal de alunos indisciplinados."	Baixa	Relato direto, porém isolado, de agressão verbal sofrida por professor.
Percepção crítica do ambiente escolar violento	"É inconcebível que espaços destinados à formação e ao cuidado se tornem palco de medo e opressão. Precisamos lutar contra qualquer forma de violência."	Muito Baixa	Enfoque reflexivo e opinativo sobre a presença de violência no ambiente educacional.
Vivência indireta ou contextual	"As mais comuns nas escolas de Presidente Sarney são: violência doméstica, violência sexual e maus tratos."	Muito Baixa	Observação geral sobre o contexto social que influencia a escola, não uma vivência direta.

A violência no ambiente escolar, além de comprometer o processo de ensino-aprendizagem, impacta a saúde emocional e profissional dos educadores, bem como o desenvolvimento dos estudantes. A vivência ou percepção de atos violentos no contexto escolar é uma dimensão essencial para se compreender os desafios enfrentados pelas instituições de ensino. De acordo com Sposito (2010), a violência escolar não se limita a atos físicos, mas incluem dimensões simbólicas e estruturais que se manifestam nas relações interpessoais. Esta análise tem como objetivo examinar as experiências relatadas por educadores e profissionais da educação do município de Presidente Sarney – MA, buscando compreender a presença e a natureza da violência escolar a partir de suas falas.

A Tabela 2 apresenta as respostas à segunda pergunta do Objetivo 1 da pesquisa: *“Você já experimentou situações de violência nas escolas de Presidente Sarney? Se sim, quais?”*. A maioria dos entrevistados relatou não ter vivenciado diretamente experiências de violência, destacando aspectos como o bom diálogo com os alunos e a busca por evitar conflitos. Essa categoria temática, “Ausência de experiência com violência escolar”, apresentou alta frequência nas respostas. Em contrapartida, uma parcela considerável dos participantes reconheceu a existência de violência verbal, psicológica e física, com relatos que abordam a indisciplina dos alunos e o uso de linguagem ofensiva. Esses relatos aparecem com frequência média, evidenciando a percepção de que a violência, embora não vivenciada diretamente por todos, é parte da realidade escolar. Houve também menções mais gerais, como respostas afirmativas sem detalhamento, classificadas como “Reconhecimento geral de violência escolar”, que também tiveram frequência média.

Casos de vivência direta de violência verbal, como agressões sofridas por professores, foram pontuais e classificados com baixa frequência. Além disso, duas categorias de menor incidência foram identificadas: uma percepção crítica e reflexiva sobre o ambiente escolar violento, e a menção à influência da violência doméstica e social nas escolas, ambas com frequência muito baixa.

Os resultados revelam um paradoxo comum no ambiente educacional: embora muitos entrevistados não relatem experiências diretas de violência, há um reconhecimento coletivo de sua existência, ainda que expressa de forma indireta ou generalizada. Essa constatação dialoga com os apontamentos de Charlot (2002), que destaca a subjetividade da experiência escolar, ou seja, diferentes sujeitos percebem e vivenciam o ambiente escolar de formas distintas, de acordo com seus referenciais, contextos e trajetórias.

A alta frequência de respostas que indicam ausência de experiência direta com violência escolar pode ser interpretada sob duas óticas. A primeira considera que, de fato, esses profissionais não enfrentaram situações de violência, especialmente em escolas com ambientes mais harmoniosos. A segunda aponta para uma possível banalização ou invisibilização da violência simbólica e verbal, como alertam Bourdieu e Passeron (2014), cujas formas mais sutis de agressão (como desrespeito ou desqualificação) muitas vezes passam despercebidas ou são naturalizadas.

A presença de relatos sobre violência verbal, psicológica e física, mesmo que em frequência média, evidencia a coexistência de conflitos no cotidiano escolar, muitas vezes relacionados à indisciplina e ao comportamento desrespeitoso dos alunos. Como destaca Abramovay (2012), a violência nas escolas muitas vezes reflete tensões sociais mais amplas, sendo a escola uma extensão dos conflitos vividos na comunidade.

A menção à violência doméstica, sexual e aos maus-tratos, mesmo que indireta, reforça a ideia de que os problemas externos à escola afetam diretamente o ambiente escolar, comprometendo a qualidade das relações e o bem-estar dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, Libâneo (2013) enfatiza a necessidade de compreender o processo educativo de forma contextualizada, reconhecendo as influências do meio social sobre o comportamento dos alunos.

A fala reflexiva que denuncia a presença do medo e da opressão no espaço escolar amplia a análise para além da experiência empírica, propondo um olhar crítico e engajado, alinhado às abordagens da educação para a paz (Tiba, 2015), que propõe a construção de ambientes educacionais baseados na empatia, no diálogo e no respeito mútuo.

A análise da Tabela 2 aponta que, embora muitos profissionais relatem não terem experienciado diretamente situações de violência escolar, há um reconhecimento significativo de que essas situações fazem parte do cotidiano das instituições de ensino de Presidente Sarney – MA. A predominância de relatos sobre violência verbal e psicológica, ainda que com frequência moderada, sugere a necessidade de ampliar o debate sobre o que se compreende por violência no ambiente escolar, incluindo suas formas simbólicas e emocionais.

Além disso, a menção a violências de origem familiar ou comunitária reforça a interconexão entre escola e sociedade, exigindo ações intersetoriais que envolvam a escola, a família e os serviços de proteção social. Torna-se urgente fortalecer políticas públicas de prevenção à violência nas escolas, com foco na formação continuada de professores, na promoção da cultura de paz e na valorização das relações humanas.

Tabela 5.

Análise de Conteúdo – Pergunta 3. do Objetivo 1 - Quais são os principais incidentes ou situações que você acredita serem representativos de violência entre professores e alunos nesta região?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Violência verbal e falta de respeito	"Algumas formas verbais por parte de alunos (xingamentos, etc)."; "Entre professor e alunos as situações mais comuns são agressões verbais."; "Palavras ofensivas e o desrespeito por parte dos alunos."; "Durante as atividades docentes, as mais comuns são verbais."	Alta	Reiteradamente apontada como a principal forma de violência vivenciada entre alunos e professores.
Indisciplina e desobediência dos alunos	"Por falta de disciplina dos alunos."; "A falta de respeito e indisciplina dos alunos."; "Discussão por desrespeito para com o professor em sala de aula, alunos indisciplinados ou faccionados."	Alta	Relação direta entre indisciplina e episódios de violência.
Violência física e ameaças	"Violência física, verbal."; "Agressões físicas e verbais entre alunos, bullying, discriminação e, em alguns casos, violência contra professores."	Média	Embora menos frequente que a verbal, a violência física também foi mencionada de forma expressiva.
Falta de diálogo e tolerância mútua	"Falta de diálogo."; "A falta de tolerância entre ambos."	Média	Indicativo de problemas na comunicação e no relacionamento interpessoal em sala de aula.
Ausência de acompanhamento familiar	"A falta de acompanhamento da família no âmbito escolar."; "Muitas situações têm raízes em contextos familiares desestruturados."; "Família desestruturada, pais separados, alcoólatras."	Média	Os entrevistados associam o comportamento agressivo dos alunos à negligência ou abandono familiar.
Causas estruturais e sociais	"Contextos familiares desestruturados, abandono, dependência química, ausência dos pais."; "Ao terceirizar a educação, os responsáveis deixam um vazio emocional que reflete no comportamento dos filhos."	Baixa	Falas mais reflexivas e analíticas, relacionando a violência escolar com fatores sociais e familiares complexos.

A violência entre professores e alunos tem se configurado como uma das principais problemáticas da educação básica no Brasil, influenciando diretamente o ambiente escolar, o rendimento dos estudantes e o bem-estar dos docentes. Compreender os tipos de violência mais frequentes e suas possíveis causas é essencial para a formulação de estratégias eficazes de

prevenção e intervenção. Segundo Abramovay (2012), a violência escolar está profundamente enraizada nas relações sociais e na fragilidade dos vínculos entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

A Tabela 3 apresenta os dados da análise de conteúdo da terceira pergunta do Objetivo 1: *“Quais são os principais incidentes ou situações que você acredita serem representativos de violência entre professores e alunos nesta região?”* As categorias com maior incidência foram violência verbal e falta de respeito, e indisciplina e desobediência dos alunos, ambas com frequência alta. Os relatos destacam o uso de palavras ofensivas, xingamentos e atitudes desrespeitosas por parte dos alunos como os principais episódios de violência nas escolas da região. Em seguida, com frequência média, surgem as categorias: violência física e ameaças, falta de diálogo e tolerância mútua, e ausência de acompanhamento familiar. Os entrevistados relataram situações que envolvem agressões físicas, ameaças a docentes, ausência de comunicação construtiva entre alunos e professores e contextos familiares problemáticos que afetam diretamente o comportamento escolar. Por fim, a categoria causas estruturais e sociais, embora com baixa frequência, apresenta uma análise mais ampla e crítica, relacionando a violência escolar com fatores como abandono afetivo, dependência química e negligência familiar.

A predominância da violência verbal e da indisciplina nas respostas confirma uma tendência apontada por pesquisas nacionais, como a de Sposito (2010), que indica a violência simbólica como a forma mais recorrente nas escolas brasileiras. Nesse sentido, o desrespeito, os xingamentos e as agressões verbais afetam diretamente o clima escolar, comprometendo a autoridade pedagógica do professor e a integridade psicológica dos alunos.

A violência verbal é frequentemente subestimada por não deixar marcas físicas visíveis, mas, conforme destaca Tiba (2015), ela gera impactos duradouros na autoestima e na motivação dos envolvidos, podendo desencadear quadros de estresse, evasão escolar e dificuldades de aprendizagem.

A indisciplina, mencionada com a mesma frequência, evidencia o desgaste da autoridade do professor e a fragilidade da gestão de sala de aula. Libâneo (2013) ressalta que o papel da escola como espaço de formação cidadã depende da construção de normas de convivência baseadas no respeito mútuo, o que exige diálogo, mediação de conflitos e apoio institucional. As categorias de violência física e ameaças mostram que, embora menos comuns que as verbais, há registros significativos de agressões físicas e ameaças entre alunos e contra

professores. Esses dados são preocupantes, pois revelam a escalada da violência em contextos em que o controle institucional é frágil e a mediação de conflitos é ineficaz (Charlot, 2002).

As menções à falta de diálogo e tolerância mútua apontam para uma crise na comunicação entre professores e alunos, que pode agravar os conflitos existentes. Segundo Freire (1996), a educação se faz no encontro dialógico entre sujeitos. A ausência de espaços para escuta, compreensão e negociação favorece relações autoritárias ou indiferentes, propensas à violência. A ausência de acompanhamento familiar e as causas estruturais e sociais completam o quadro analítico, demonstrando que os comportamentos violentos muitas vezes são reflexos de realidades familiares disfuncionais e contextos sociais de vulnerabilidade. Bourdieu e Passeron (2014) argumentam que o *habitus* social influencia diretamente as disposições dos sujeitos, o que explica, em parte, a reprodução de comportamentos violentos na escola. A compreensão da violência escolar, portanto, exige uma leitura ampla que articule os aspectos microsociais (relações interpessoais e disciplina escolar) e macrosociais (desigualdades sociais, negligência familiar, políticas públicas).

Os dados da Tabela 3 evidenciam que as formas mais frequentes de violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney – MA são a violência verbal e a indisciplina, seguidas por episódios de violência física e ameaças. Além disso, aspectos como falhas na comunicação, ausência de acompanhamento familiar e fragilidades sociais contribuem para a complexidade do fenômeno. Esses resultados confirmam a importância de ações integradas de prevenção da violência escolar, que incluam a formação continuada de professores, a promoção de práticas restaurativas, o fortalecimento do vínculo escola-família e a construção de uma cultura de paz. É necessário que a escola seja um espaço de acolhimento e desenvolvimento humano, o que só será possível com políticas públicas eficazes e com a participação ativa da comunidade.

Tabela 6.

Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 2 Quais estratégias ou políticas as escolas em Presidente Sarney têm implementado para prevenir e lidar com a violência entre professores e alunos?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Diálogo com alunos, pais e direção	"Apenas o diálogo com direção e alunos, e quando necessário com os pais e responsáveis."; "Através do diálogo com os alunos e também com os pais."	Alta	Estratégia mais recorrente apontada pelos entrevistados.
Palestras e rodas de conversa	"Palestras com a família nas escolas e também apoio dos conselheiros tutelares."; "Palestras, reuniões e debates."; "Palestras com os alunos falando sobre o assunto violência."; "Ações como roda de conversa."	Alta	Método utilizado para promover conscientização e prevenir conflitos.
Parcerias com família e órgãos externos	"A escola tenta buscar parceria com as famílias e os órgãos como Conselho Tutelar."; "Apoio dos conselheiros tutelares."; "Apoio familiar e da Smed."	Média	Demonstra tentativa de articulação com a rede de proteção social.
Modelo cívico-militar e disciplina rígida	"Algumas escolas vêm adotando o modelo cívico-militar como tentativa de implantar uma disciplina mais rigorosa e eficaz."	Baixa	Prática mencionada por poucos respondentes, associada a controle e disciplina.
Ambiente inclusivo e formação docente	"Ambiente inclusivo, formação de professores e incentivo ao diálogo."	Baixa	Indicativo de ações pedagógicas estruturais para prevenir conflitos.
Ausência de políticas efetivas	"No geral das escolas não há nenhuma política ou estratégias."; "Desconheço."; "Não observo muitas intervenções para essa problemática."; "Infelizmente falta apoio da rede como um todo."	Alta	Revela fragilidade institucional na implementação de medidas sistemáticas e coordenadas contra a violência.
Promoção do respeito mútuo	"Respeito."	Baixa	Menção genérica, sem detalhamento de ações concretas.

A violência no ambiente escolar tem se constituído como um dos maiores desafios enfrentados pelas instituições de ensino, afetando diretamente a qualidade do processo educativo e o bem-estar de toda a comunidade escolar. Frente a esse cenário, as escolas têm sido instadas a adotar estratégias de prevenção e intervenção que promovam uma cultura de paz, diálogo e respeito mútuo. Conforme destaca Abramovay (2012), o enfrentamento da

violência escolar exige políticas articuladas, práticas pedagógicas democráticas e envolvimento da comunidade. Nesta perspectiva, buscou-se compreender, por meio das respostas dos entrevistados, quais ações estão sendo implementadas nas escolas do município de Presidente Sarney – MA para lidar com esse fenômeno.

Os dados da Tabela 4 referem-se à análise da pergunta 1 do Objetivo 2: *"Quais estratégias ou políticas as escolas em Presidente Sarney têm implementado para prevenir e lidar com a violência entre professores e alunos?"* Dentre as estratégias mais recorrentes, destacam-se com alta frequência o diálogo com alunos, pais e direção e o uso de palestras e rodas de conversa, sendo apontados como os principais métodos utilizados pelas escolas para prevenir conflitos. O diálogo é mencionado como uma ferramenta cotidiana para resolução de tensões, enquanto as palestras visam à conscientização sobre o tema da violência. Também com frequência média, surgem iniciativas de parcerias com a família e órgãos externos, como o Conselho Tutelar e a Secretaria Municipal de Educação, apontando para esforços de articulação com a rede de apoio. Outras estratégias, como a adoção do modelo cívico-militar, ações voltadas à formação docente e construção de ambiente inclusivo e a promoção do respeito mútuo, aparecem com baixa frequência, sugerindo ações pontuais ou limitadas a contextos específicos. No entanto, uma constatação preocupante é a alta frequência da categoria ausência de políticas efetivas, revelando que muitos profissionais não reconhecem ações sistemáticas e contínuas no combate à violência nas escolas, o que aponta para a fragilidade das políticas públicas locais nesse aspecto.

O diálogo como estratégia mais citada reflete a valorização das relações interpessoais na mediação de conflitos escolares. Para Freire (1996), o diálogo é essencial no processo educativo e deve ser exercido como prática libertadora, contribuindo para a construção de uma escola democrática e humanizadora. Essa abordagem é compatível com os princípios da pedagogia dialógica, que privilegia a escuta ativa, a empatia e a coautoria dos sujeitos no processo formativo.

As palestras e rodas de conversa são igualmente destacadas como práticas educativas para prevenir a violência. Segundo Tiba (2015), essas ações têm valor formativo quando realizadas de forma contínua e integradas ao currículo escolar, não apenas como eventos pontuais. Elas promovem a reflexão crítica sobre comportamentos, fortalecem valores sociais e incentivam a resolução pacífica de conflitos. A parceria com órgãos externos e famílias evidencia a tentativa de uma abordagem intersetorial, alinhada ao que propõe Abramovay (2012), que defende a articulação entre escola, família, instituições públicas e comunidade

como um dos pilares para o enfrentamento da violência escolar. No entanto, a frequência média com que essa estratégia aparece sugere que tais parcerias ainda não são efetivas ou universais no contexto analisado. A menção ao modelo cívico-militar revela a adoção, mesmo que pontual, de estratégias baseadas em controle e disciplina rígida. Tal modelo é alvo de debates acadêmicos por sua ênfase na obediência e no autoritarismo, sendo frequentemente criticado por não resolver as causas estruturais da violência escolar, como aponta Charlot (2002). Para Libâneo (2013), a disciplina deve estar a serviço da construção da autonomia dos sujeitos, e não de sua subordinação.

A baixa incidência de ações estruturais, como a formação docente contínua e a promoção de ambientes inclusivos, indica um desafio persistente. Charlot (2002) destaca que, para além da punição ou da contenção, a prevenção da violência exige uma transformação das condições institucionais de ensino e aprendizagem. A ausência de políticas efetivas, destacada por muitos entrevistados, demonstra a precariedade da gestão educacional na região. A falta de planejamento estratégico e de programas institucionais voltados à convivência escolar representa um entrave à superação dos problemas de violência. Como salientam Bourdieu e Passeron (2014), o sistema escolar tende a reproduzir desigualdades quando não há intervenções capazes de romper com a lógica da exclusão social.

Os resultados da Tabela 4 indicam que, embora existam ações pontuais voltadas para o enfrentamento da violência escolar, como o uso do diálogo, palestras e parcerias com famílias, há uma carência significativa de políticas públicas estruturadas e permanentes nas escolas de Presidente Sarney – MA. A ausência de estratégias articuladas, formação docente continuada e ambientes inclusivos compromete a eficácia das medidas adotadas.

Para que as escolas avancem na prevenção e no enfrentamento da violência entre professores e alunos, é necessário o desenvolvimento de políticas educacionais integradas, baseadas em práticas restaurativas, gestão democrática, formação ética e mediação de conflitos, bem como a efetiva articulação com a rede de proteção social.

Tabela 7.

Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 2. Como as escolas respondem às ocorrências de violência, e de que maneira essas respostas afetam o ambiente escolar e o relacionamento entre professores e alunos?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Diálogo com alunos e famílias	"De forma harmoniosa tanto no ambiente escolar, quanto na relação professor e alunos."; "Diálogo com a família."; "Sempre buscando dialogar com o indivíduo... família, conselho tutelar e polícia."; "Com diálogo e solicitando apoio familiar que na maioria das vezes não tem."	Alta	Principal forma de mediação relatada, ainda que nem sempre obtenha retorno efetivo da família.
Apoio externo: Conselho Tutelar e Polícia	"Com a colaboração do Conselho Tutelar."; "Busca família, conselho tutelar e polícia."	Média	Utilizado principalmente em casos mais graves.
Resolução interna pelos professores	"Na maioria das vezes os professores mesmo resolvem as demandas em sala."; "O corpo docente conversa com os alunos, pede ajuda da família..."	Alta	Demonstra sobrecarga dos docentes na gestão de conflitos, com pouca estrutura de apoio institucional.
Ações preventivas e psicossociais necessárias	"Campanhas e programas de conscientização nas escolas, apoio psicossocial."; "Professores mais atentos e empáticos à situação econômica e social do aluno."	Média	Aponta propostas desejadas, nem sempre implementadas.
Consequências negativas no ambiente escolar	"A violência impacta negativamente o ambiente escolar, e muitas vezes gera aversão nos alunos aos professores."; "Fica um clima meio tenso e constrangedor."; "Professores ficam desmotivados e desvalorizados."; "Afetam bastante o relacionamento."	Alta	Relatos evidenciam impactos emocionais e profissionais, afetando o vínculo professor-aluno.
Ausência de políticas e articulação efetiva	"Falta um comprometimento mais efetivo da comunidade escolar e da gestão pública."; "Necessário que todos assumam sua parte."	Média	Indicativo de fragilidade na atuação institucional coletiva frente à violência.
Medidas disciplinares formais	"Respondem com responsabilidade e advertência."; "Desde ações de prevenção até medidas de intervenção."	Baixa	Citações pontuais, sem clareza sobre regularidade e efetividade dessas medidas.

A violência nas escolas é um fenômeno complexo que compromete o processo de ensino-aprendizagem e interfere negativamente nas relações interpessoais e na construção de um ambiente saudável para o desenvolvimento educacional. A maneira como as escolas

respondem a essas situações reflete diretamente na qualidade das relações entre professores, alunos e demais membros da comunidade escolar. Segundo Faleiros (2005), as respostas institucionais à violência escolar precisam ser compreendidas a partir das condições estruturais da escola e das políticas públicas que a amparam. Neste contexto, investigou-se como as escolas do município de Presidente Sarney – MA têm reagido a episódios de violência e de que maneira essas respostas impactam o clima escolar e a relação entre professores e alunos.

A análise qualitativa dos dados da Tabela 5, referente à pergunta 2 do Objetivo 2, revela que a principal forma de resposta à violência escolar mencionada pelos entrevistados é o diálogo com alunos e famílias, citado com alta frequência. Essa prática busca promover mediações diretas para conter os conflitos, embora nem sempre obtenha apoio efetivo dos responsáveis. Também com alta frequência, os relatos evidenciam que os professores assumem de forma autônoma a resolução de conflitos, o que aponta para uma sobrecarga de responsabilidades sem suporte institucional adequado. Com frequência média, aparecem a articulação com o Conselho Tutelar e a Polícia e a necessidade de ações preventivas e psicossociais, como campanhas educativas e maior empatia dos profissionais com as realidades dos alunos. Apesar de reconhecidas como necessárias, essas estratégias muitas vezes não são implementadas de maneira sistemática. As consequências negativas da violência no ambiente escolar também são amplamente relatadas, sendo citadas com alta frequência. Destacam-se sentimentos de desmotivação docente, desvalorização profissional e prejuízos na construção do vínculo com os estudantes.

Por fim, a ausência de políticas institucionais claras e a fragilidade da articulação coletiva também aparecem com frequência média, revelando a insuficiência das estruturas de apoio à gestão da violência. Medidas disciplinares formais, como advertências ou sanções, são mencionadas com baixa frequência e sem clareza sobre sua efetividade ou aplicabilidade.

O predomínio do diálogo como estratégia de enfrentamento confirma uma prática que, embora valiosa, tende a ser insuficiente quando não acompanhada por políticas institucionais e apoio técnico. Freire (1996) enfatiza o diálogo como prática de liberdade e transformação, mas alerta que ele deve ser sustentado por condições objetivas que favoreçam a escuta mútua e a construção conjunta de soluções. Nesse sentido, o diálogo precisa ser articulado com outras dimensões do trabalho pedagógico e com ações estruturais da gestão escolar.

A sobrecarga dos professores na resolução dos conflitos, sem apoio de equipes multidisciplinares ou instâncias administrativas, revela um cenário de vulnerabilidade institucional. Segundo Charlot (2002), o professor não pode ser visto como único responsável

pelo bom funcionamento da escola, sendo necessária a corresponsabilização da gestão, das famílias e dos órgãos públicos. A ausência de suporte técnico e emocional agrava o esgotamento dos docentes e compromete seu desempenho profissional, conforme também observa Tiba (2015). A utilização eventual de órgãos externos, como o Conselho Tutelar e a Polícia, é uma prática que deve ser cuidadosamente mediada. Embora necessária em casos extremos, seu uso recorrente ou isolado pode indicar falhas na prevenção e na mediação escolar. De acordo com Abramovay (2012), a escola precisa atuar em parceria com a rede de proteção, mas de forma articulada, com objetivos formativos, e não apenas punitivos. As falas que denunciam os efeitos negativos da violência no clima escolar são particularmente relevantes. Professores desmotivados e alunos desconectados criam um ambiente propício à reprodução de conflitos. Libâneo (2013) aponta que o ambiente escolar deve ser um espaço de acolhimento, pertencimento e cooperação; quando isso é comprometido, a aprendizagem e a convivência são igualmente afetadas.

A ausência de políticas públicas claras e integradas evidencia o despreparo das instituições para lidar com a complexidade da violência escolar. Como argumenta Gatti (2018), políticas educacionais eficazes exigem planejamento, investimento e compromisso coletivo. A escola isolada não pode resolver sozinha questões que envolvem múltiplos fatores sociais, econômicos e culturais. Por fim, a baixa incidência de medidas disciplinares formais, sem que haja clareza sobre sua efetividade, pode indicar uma lacuna na definição de protocolos institucionais e na formação dos profissionais quanto à gestão de conflitos. A disciplina, segundo Libâneo (2013), deve ser compreendida como prática pedagógica formativa e não meramente corretiva.

Os dados da Tabela 5 revelam que as escolas de Presidente Sarney enfrentam grandes desafios na gestão da violência escolar. Embora o diálogo e a intervenção direta dos professores sejam práticas recorrentes, essas ações, por si só, não são suficientes para transformar o ambiente escolar. A falta de suporte institucional, ausência de políticas integradas e o impacto emocional da violência sobre professores e alunos comprometem a qualidade do ensino e a convivência escolar.

É urgente que políticas públicas mais eficazes sejam formuladas e implementadas, contemplando: formação continuada para professores, criação de equipes multiprofissionais nas escolas, ações preventivas de natureza psicossocial e fortalecimento da rede de proteção. Somente com uma abordagem integrada e coletiva será possível enfrentar a violência de forma efetiva e construir uma escola democrática, segura e humanizadora.

Tabela 8.

Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 3. Como as escolas respondem às ocorrências de violência, e de que maneira essas respostas afetam o ambiente escolar e o relacionamento entre professores e alunos?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Desmotivação e desânimo profissional	"O professor fica desmotivado."; "Não haverá aprendizagem, desmotivação e falta de interesse por parte de ambos."; "Os professores ficam desmotivados e ficam até sem saber o que fazer."; "Infelizmente ficamos impossibilitados de desenvolver uma aula dinâmica e interativa."	Alta	Relato recorrente sobre a perda de engajamento e energia para exercer a docência.
Impacto emocional e psicológico negativo	"Afeta diretamente o emocional de ambos."; "Prejudica em vários aspectos, principalmente o psicológico."; "Afeta o emocional, afeta a vontade de trabalhar."; "Professor violentado fisicamente ou verbalmente na escola entra em depressão.";	Alta	Evidencia-se o abalo na saúde mental e emocional do professor.
Insegurança, medo e sensação de impotência	"Gera medo, insegurança e desmotivação."; "Se sentem acuados, inseguros e, muitas vezes, com medo de retornar à sala de aula."; "Questionando sua própria segurança na escola.";	Alta	Sensação de vulnerabilidade é intensa, especialmente após casos testemunhados ou vividos de violência.
Exemplos específicos de frustração pedagógica	"Faz o planejamento para trabalhar uma dinâmica, no entanto a turma ou um aluno específico não colabora."; "Um aluno que perde o respeito pelo professor vai à aula para bagunçar, atrapalhando toda a organização da sala."	Média	Os exemplos ilustram o esforço docente sendo anulado por comportamentos violentos e indisciplinados.
Minimização ou ausência de impacto (visão minoritária)	"Não."; "Os ocorridos são mínimos, mas mesmo assim afeta o psicológico dos professores."	Baixa	Apenas uma menção à inexistência de impacto, contrastando com o restante dos relatos.
Chamado à valorização e respeito ao professor	"É urgente mudar esse cenário e resgatar o respeito à figura do educador."; "A violência abala o ânimo e mina a motivação de quem tem a nobre missão de educar."	Média	Discurso reflexivo e crítico sobre a necessidade de resgatar a dignidade do profissional da educação.
Empatia afetada entre professor e aluno	"Atitude de violência desencadeia a empatia do professor para com o aluno."	Baixa	Refere-se a um distanciamento afetivo como efeito colateral da violência.

A violência nas escolas públicas brasileiras configura-se como um dos grandes desafios à efetividade do processo ensino-aprendizagem, com sérias implicações sobre a atuação docente e o ambiente escolar. O presente estudo visa analisar os impactos das ocorrências de violência sobre os professores, especificamente em relação à motivação profissional, saúde emocional e dinâmica pedagógica, com base nos dados coletados por meio de análise de conteúdo da Pergunta 1, Objetivo 3 da pesquisa. As falas representativas dos participantes foram agrupadas em categorias temáticas que permitem observar tendências significativas de percepção e vivência desses profissionais no contexto escolar.

A análise da Tabela 6 revela que a violência escolar acarreta múltiplas consequências sobre os docentes, sendo as mais frequentes a desmotivação profissional, impactos emocionais e psicológicos negativos, e o sentimento de insegurança. As categorias de maior recorrência incluem: desmotivação e desânimo profissional, impacto emocional e psicológico negativo, e insegurança e medo, todas com alta frequência de ocorrência. Outras categorias relevantes, com frequência média, apontam para frustração pedagógica e apelo por valorização e respeito ao professor. Notam-se ainda categorias minoritárias como minimização dos impactos e perda de empatia entre professor e aluno.

A presença reiterada de sentimentos como medo, angústia e desvalorização profissional denuncia um contexto de vulnerabilidade docente frente à violência no ambiente escolar. A desmotivação, descrita como consequência direta dos episódios de violência, aparece nas falas como um obstáculo à construção de um ambiente educacional saudável e produtivo. Conforme aponta Esteve (1999), o mal-estar docente está intimamente ligado à deterioração das condições de trabalho e à perda do prestígio social do professor, o que se agrava diante de situações violentas.

Além disso, os impactos emocionais e psicológicos também se destacam na fala dos professores. A psicologia educacional tem apontado que o esgotamento emocional e o estresse ocupacional, oriundos da violência, são precursores da síndrome de burnout, frequentemente identificada em professores que lidam com contextos adversos (Maslach, Schaufeli & Leiter, 2001). O sentimento de insegurança, relatado em várias respostas, reforça o que já vem sendo debatido por autores como Abramovay e Rua (2002), que destacam que o medo dentro das instituições escolares compromete o vínculo entre educadores e educandos, afetando negativamente a aprendizagem e o clima escolar. Essa insegurança leva muitos docentes a se sentirem impotentes diante da necessidade de agir em um ambiente hostil, sem apoio institucional adequado. As falas também indicam uma frustração pedagógica, quando o

planejamento e a intenção de realizar aulas dinâmicas e construtivas são interrompidos por comportamentos violentos ou indisciplinados. Essa frustração, aliada à falta de apoio da gestão escolar e das famílias, reforça o ciclo de desânimo e afastamento do ideal educativo. Ainda que minoritárias, algumas falas expressam minimização dos impactos, o que pode indicar um processo de negação ou naturalização da violência, conforme discutido por Charlot (2002), ao tratar das formas pelas quais os profissionais da educação enfrentam os desafios impostos pelo cotidiano escolar.

Por fim, a categoria referente à valorização e respeito ao professor aparece como um clamor por reconhecimento e melhores condições de trabalho. Como bem destaca Libâneo (2015), a valorização do educador passa não apenas por políticas salariais, mas também por respeito institucional, formação continuada e ambientes de trabalho emocionalmente saudáveis.

Os dados da Tabela 6 revelam um quadro preocupante em relação aos efeitos da violência escolar sobre os professores. A desmotivação, o comprometimento da saúde mental, o medo e a frustração indicam a necessidade urgente de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da violência nas escolas, com ações integradas entre gestão escolar, comunidade, assistência psicossocial e órgãos de proteção. Mais do que medidas punitivas, é imprescindível a promoção de uma cultura de paz, empatia e valorização da figura do educador.

A literatura especializada confirma que o ambiente emocionalmente seguro e o respeito mútuo são condições indispensáveis para o processo educacional efetivo. Portanto, o enfrentamento da violência escolar deve considerar o professor não apenas como agente, mas também como sujeito afetado por essa realidade, que precisa ser acolhido e apoiado.

Tabela 9.

Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 3. Qual é a relação que você percebe entre a violência na escola e o desempenho acadêmico dos alunos? Em sua opinião, a violência impacta negativamente o aprendizado?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Impacto negativo direto no aprendizado	"Impacta negativamente na aprendizagem..."; "A violência interfere no desempenho dos alunos..."; "Sim, a violência impacta negativamente o aprendizado de diversas maneiras..."; "Com certeza impacta de forma significativa..."; "Com certeza."	Muito alta	Quase unanimidade nos relatos: a violência prejudica significativamente o rendimento dos alunos.

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Ambiente escolar inseguro e hostil	"Ambiente hostil pode gerar medo, ansiedade e insegurança..."; "Os alunos sentem-se inseguros tirando o foco da aprendizagem."; "Ambientes marcados por agressões físicas, verbais e práticas como bullying..."	Alta	A insegurança aparece como fator recorrente que afasta os alunos da concentração e do engajamento.
Problemas emocionais e psicológicos	"Conflitos emocionais..."; "Problemas de saúde mental e emocional..."; "Dificuldade de concentração..."; "O aluno se preocupa muito em sua defesa, tirando o foco do processo de ensino-aprendizagem."	Alta	Enfatiza-se o impacto emocional e psicológico como mediador da queda de rendimento.
Desinteresse, evasão e absenteísmo	"Gera o desinteresse em quem a pratica e em quem recebe o ato..."; "Aumento do absenteísmo e evasão escolar..."; "Esses alunos geralmente desistem antes mesmo de concluir o ensino médio."	Média	Relatos indicam que a violência contribui para o abandono escolar e a evasão precoce.
Afeta também o rendimento do corpo docente	"Impacta negativamente o rendimento, tanto do aprendizado quanto do trabalho docente."	Baixa	Um comentário pontual, mas importante: a violência também prejudica o desempenho dos professores.
Autoclassificação negativa dos alunos	"O aluno já se classifica como aluno problema."	Baixa	A internalização da violência prejudica a autoestima e a identidade estudantil.
Relação consenso unânime de impacto negativo	"Sim."; "Com certeza."; "Não há dúvida de que a violência escolar impacta diretamente o processo de ensino-aprendizagem."	Muito alta	Todas as respostas, de forma direta ou indireta, reconhecem os efeitos negativos da violência no desempenho.

A violência no ambiente escolar é um fenômeno multidimensional que compromete não apenas a integridade física e emocional dos envolvidos, mas também interfere diretamente na qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

A Tabela 7 apresenta a análise qualitativa das respostas à Pergunta 2 do Objetivo 3 da pesquisa, permitindo identificar os principais impactos da violência sobre a aprendizagem, com base em falas representativas de educadores. A análise de conteúdo revela uma unanimidade entre os participantes sobre o impacto negativo da violência no aprendizado. A categoria mais frequente refere-se ao impacto negativo direto no rendimento escolar, mencionada por quase

todos os respondentes. Outras categorias fortemente recorrentes incluem a presença de ambiente escolar hostil e inseguro, problemas emocionais e psicológicos dos alunos e desinteresse, evasão e absenteísmo. Categorias menos frequentes, mas ainda relevantes, apontam para a afetividade negativa sobre o corpo docente e a autoclassificação depreciativa por parte dos alunos, o que agrava ainda mais o quadro de dificuldades educacionais.

A ampla maioria dos respondentes reconhece que a violência escolar afeta diretamente o desempenho acadêmico. Segundo Charlot (2002), a aprendizagem é um processo que depende não apenas do conteúdo transmitido, mas do vínculo e da relação afetiva entre o aluno e o conhecimento. Em ambientes inseguros e marcados pela violência, essa relação se fragiliza, afetando a concentração, a autoestima e o engajamento dos estudantes.

A violência gera um ambiente escolar hostil, que, conforme Abramovay e Rua (2002), interfere no sentimento de pertencimento e de segurança dos alunos, criando uma atmosfera de medo e ansiedade. Tais condições psicológicas comprometem o foco e a capacidade cognitiva dos alunos, como demonstram estudos de Libâneo (2015), que defendem a necessidade de ambientes escolares emocionalmente seguros como pré-requisito para a aprendizagem significativa. Os problemas emocionais e psicológicos surgem como mediadores importantes entre a violência e o baixo rendimento escolar. Isso está em consonância com a literatura de Maslach, Schaufeli e Leiter (2001), que evidencia que o estresse crônico e os conflitos emocionais prejudicam funções executivas essenciais à aprendizagem, como atenção, memória e tomada de decisão.

Outro ponto relevante é o relato sobre evasão e absenteísmo, consequências comuns em contextos violentos, conforme indicado por Costa e Silva (2017), que apontam a violência como um dos principais fatores que levam estudantes, sobretudo em áreas de vulnerabilidade social, a abandonarem a escola. Quando o ambiente escolar deixa de ser um espaço de proteção e acolhimento, muitos alunos optam por afastar-se dele. Ainda que em menor número, os relatos que tratam da autoclassificação negativa dos alunos revelam como a violência pode ser internalizada, afetando a autoimagem e a identidade estudantil. Essa internalização é coerente com o que Vygotsky (2007) destaca como a importância da interação social positiva na formação da consciência e da autoestima dos alunos. Adicionalmente, um dos relatos aponta que a violência também afeta o rendimento dos professores, o que estabelece um ciclo vicioso: o ambiente violento desmotiva e adocece o docente, que por sua vez tem sua prática prejudicada, o que impacta negativamente os estudantes, retroalimentando a crise.

Os dados da Tabela 7 reforçam de maneira clara e coerente o entendimento de que a violência escolar compromete profundamente o desempenho acadêmico dos alunos. O impacto se dá de forma direta, ao criar um ambiente de medo e insegurança, e de forma indireta, ao provocar evasão, desinteresse, sofrimento psicológico e autodepreciação. Além disso, afeta também a atuação docente, ampliando os efeitos negativos no contexto educacional.

A unanimidade nas respostas evidencia a urgência de medidas sistêmicas voltadas para a prevenção e enfrentamento da violência no ambiente escolar. A criação de uma cultura de paz, o fortalecimento dos vínculos socioafetivos e a promoção do respeito mútuo entre todos os atores escolares devem ser prioridades em qualquer proposta de melhoria da qualidade educacional.

Tabela 10.

Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 4. Identificar medidas preventivas e intervenções que podem ser adotadas para reduzir a violência entre professores e alunos e melhorar a qualidade da educação.

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Apoio psicológico e psicossocial	“Trazer para o ambiente escolar o psicólogo...”; “Atenção especial para alunos com tendência violenta... atendimento psicológico...”; “Programas de acolhimento, acompanhamento psicossocial...”; “Promoção da saúde mental...”	Muito alta	Psicólogos e suporte emocional foram citados por quase todos os participantes como fundamentais.
Fortalecimento da parceria escola-família	“Parceria entre escola e família...” ; “Projetos para família e escola...”; “Aproximação entre escola e famílias...” ; “Isso deveria começar no ambiente familiar...”; “Filhos são reflexos do ambiente em que vivem...”; “Momentos de diálogo, oficinas e palestras...”	Muito alta	Enfatiza-se a corresponsabilidade da família na formação e no comportamento dos alunos.
Educação para valores e cultura de paz	“Programas de educação para a paz...”; “Ensinar respeito, empatia, tolerância...” ; “Projetos sobre princípios e valores morais...”; “Fortalecer o clima escolar positivo...”	Alta	Valorizar aspectos humanos e éticos foi amplamente sugerido como caminho preventivo.
Capacitação e formação continuada de professores	“Treinamento de professores e funcionários...”; “Identificação precoce dos sinais de violência...”; “Capacitação para manejo de conflitos...”	Média	Propostas voltadas à formação docente para lidar com conflitos e promover relações saudáveis.

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Criação de códigos de conduta e regras claras	“Desenvolvimento de códigos de conduta claros e justos...”; “Estabelecer expectativas claras de comportamento...”	Média	Aponta-se a necessidade de estrutura e organização para prevenir e lidar com a violência.
Eventos, palestras e oficinas de sensibilização	“Que as escolas fizessem palestras, eventos...”; “Oficinas sobre inteligência emocional...”; “Ações de sensibilização e conscientização...”	Média	Atividades complementares que promovam o diálogo e reflexão foram propostas como estratégia de prevenção.
Projetos adaptados à realidade local	“Projeto específico para a realidade de cada escola e comunidade...”; “Na comunidade que trabalho a violência é comum nas famílias...”	Média	As estratégias devem considerar o contexto cultural e social local.
Criação de espaços seguros e infraestrutura adequada	“Ambiente escolar acolhedor e seguro...”; “Espaços de convivência positivos...”	Baixa	Poucos citaram diretamente a importância da estrutura física, mas ela é parte do sentimento de segurança escolar.
Interação positiva e diálogo entre alunos e professores	“Ações interativas entre professor e aluno...”; “Um bom diálogo...”	Média	A comunicação aberta entre alunos e professores foi mencionada como forma de reduzir tensões e prevenir conflitos.

A violência no ambiente escolar configura-se como um dos maiores desafios contemporâneos da educação pública no Brasil, impactando negativamente tanto o processo de ensino-aprendizagem quanto a saúde emocional dos envolvidos. Diante desse cenário, torna-se essencial identificar medidas preventivas e estratégias de intervenção eficazes que promovam um clima escolar saudável, colaborativo e acolhedor. A Tabela 8 apresenta a análise de conteúdo das respostas à Pergunta 1 do Objetivo 4 da pesquisa, com foco nas percepções dos profissionais da educação sobre ações que podem ser adotadas para mitigar os casos de violência e melhorar a qualidade da educação.

A análise dos dados evidencia uma ênfase clara em duas categorias principais: apoio psicológico e psicossocial e fortalecimento da parceria entre escola e família, ambas com frequência muito alta. Em seguida, destaca-se a valorização da educação para valores e cultura de paz, a formação continuada de professores, e a criação de códigos de conduta e regras claras, todas com frequência média a alta. Também foram mencionadas outras estratégias, como

eventos de sensibilização, projetos adaptados ao contexto local, espaços escolares seguros e diálogo positivo entre alunos e professores.

O destaque dado ao apoio psicológico e psicossocial revela a consciência dos educadores sobre a importância de abordar os fatores emocionais e mentais envolvidos nos comportamentos violentos. Essa demanda está em consonância com a recomendação de Abramovay e Rua (2002), que defendem a presença de equipes multiprofissionais nas escolas como uma medida indispensável para a promoção de um ambiente seguro e saudável. A presença de psicólogos escolares é vista não apenas como resposta a crises, mas como um suporte contínuo para o desenvolvimento emocional dos estudantes e prevenção de comportamentos agressivos.

O fortalecimento da parceria escola-família foi igualmente apontado como pilar fundamental. Essa visão corrobora a perspectiva de Libâneo (2015), que destaca que a formação ética e comportamental dos alunos é uma tarefa que deve ser compartilhada entre escola e família. A escola, sozinha, não é capaz de transformar realidades sem o apoio do contexto familiar, que muitas vezes é o ponto de origem das atitudes agressivas. A educação para valores e cultura de paz aparece como um eixo preventivo importante. Ensinar respeito, empatia, solidariedade e convivência harmoniosa é uma proposta coerente com autores como Arroyo (2000), que afirma que a escola precisa desenvolver uma pedagogia humanizadora e inclusiva, capaz de formar sujeitos críticos e sensíveis às questões sociais. Esse tipo de educação contribui para o fortalecimento do clima escolar positivo e para a construção de relações interpessoais saudáveis. As propostas de capacitação e formação continuada de professores apontam para a necessidade de preparar os profissionais da educação para lidar com situações de conflito e violência. Segundo Moran (2015), é fundamental que os professores dominem não apenas conteúdos curriculares, mas também estratégias socioemocionais e de gestão de sala de aula, sobretudo em contextos de vulnerabilidade.

A criação de códigos de conduta e regras claras representa uma medida de organização e estruturação do ambiente escolar, criando previsibilidade e segurança para todos os envolvidos. Isso é reforçado por Dayrell (2007), que argumenta que a clareza das regras e a sua aplicação justa são elementos centrais na construção de um ambiente disciplinado e respeitoso. Outras ações, como eventos de sensibilização, projetos contextualizados e a promoção do diálogo entre professores e alunos, embora menos frequentes, são igualmente relevantes. Elas indicam uma abordagem pedagógica mais proativa e dialógica, que reconhece a importância da escuta ativa e da construção coletiva de soluções (Freire, 1996).

A análise da Tabela 8 evidencia um consenso entre os educadores de que a redução da violência escolar exige uma abordagem multifatorial, que vá além da punição e envolva cuidados emocionais, vínculos familiares, educação ética e formação docente. A ênfase no apoio psicossocial e na parceria com as famílias reforça a necessidade de intervenções estruturais e intersetoriais, que combinem ações pedagógicas com políticas públicas de assistência social e saúde mental.

Além disso, percebe-se que a promoção da cultura de paz, aliada ao fortalecimento do diálogo e da empatia no ambiente escolar, pode atuar como fator de prevenção e transformação da realidade educacional. A escola, como espaço privilegiado de formação humana, deve investir em uma gestão democrática e participativa que valorize a escuta, o acolhimento e o respeito mútuo como fundamentos do convívio escolar.

Tabela 11.

Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 4. Como podemos melhorar a qualidade da educação nessa região por meio da promoção de ambientes escolares mais seguros e positivos?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Apoio interdisciplinar (saúde, segurança, assistência)	“Trazer profissionais da área da saúde e da segurança pública para a escola...”; “Palestras com polícia, psicólogos, psicopedagogos...”; “Promoção da saúde mental e bem-estar...”	Alta	Integração de profissionais especializados para promover bem-estar e segurança física e emocional.
Protagonismo estudantil e valorização do aluno	“Que os alunos sejam protagonistas do seu aprendizado...”; “Reconhecer e valorizar as conquistas dos alunos...”; “Promover tutoria entre pares...”	Média	Incentivar o engajamento dos alunos fortalece a autoestima, a disciplina e o senso de pertencimento.
Ações de combate à violência e promoção da paz	“Criação de programas de combate à violência...”; “Educação para a paz...”; “Medidas que visem o bem-estar físico e emocional...”; “Espaços de diálogo e lideranças positivas...”	Alta	Enfatiza a necessidade de prevenção e de uma cultura de paz no cotidiano escolar.
Formação e valorização dos professores	“Formação específica e continuada...”; “Apoio à saúde mental dos professores...”; “Incentivar colaboração entre docentes...”	Média	Capacitação docente é vista como chave para ambientes mais saudáveis e eficazes.
Parceria com família e comunidade	“Apoio da família...”; “Projetos de apoio escolar e familiar...”; “Relação aluno/professor/família...”; “Fortalecimento da	Muito alta	A colaboração entre escola, família e comunidade é destacada como essencial.

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
	parceria família-comunidade...”; “Encontros, workshops, espaços comunitários...”		
Investimento em infraestrutura e segurança física	“Melhoria da infraestrutura...”; “Instalação de câmeras...”; “Medidas de segurança física...”	Média	Alguns apontaram a importância da infraestrutura como parte da criação de um ambiente seguro e positivo.
Atividades extracurriculares e culturais	“Promover atividades extracurriculares...”; “Investir em cultura, esporte...”; “Projetos fora do horário de aula...”	Alta	Propostas para ocupar positivamente o tempo dos alunos e reduzir exposição a ambientes de risco.
Tecnologia e inovação educacional	“Usar tecnologia digital...”; “Combinar ferramentas digitais com projetos interativos...”	Baixa	Apesar de não ser unanimidade, alguns participantes destacam o papel da tecnologia como aliada no engajamento escolar.
Gestão participativa e monitoramento	“Coletar dados sobre o clima escolar...”; “Avaliar a eficácia das intervenções...”; “Monitoramento contínuo...”	Média	A gestão baseada em dados e na participação de todos os atores escolares foi apontada como uma estratégia relevante.
Projetos e palestras educativas	“Fazer projetos...”; “Palestras motivacionais...”	Alta	Ações educativas são amplamente mencionadas como forma de prevenção, orientação e construção de vínculos pos

A promoção de ambientes escolares seguros, positivos e inclusivos é considerada essencial para o aprimoramento da qualidade educacional, especialmente em regiões marcadas por desafios sociais e estruturais. Ambientes acolhedores favorecem a aprendizagem, reduzem a evasão e fortalecem as relações interpessoais dentro da escola (MELLO, 2021). A presente análise da Tabela 9 apresenta os dados coletados por meio da análise de conteúdo da Pergunta 2, relacionada ao Objetivo 4 da pesquisa: “Como podemos melhorar a qualidade da educação nessa região por meio da promoção de ambientes escolares mais seguros e positivos?”. As respostas foram agrupadas em categorias temáticas, refletindo sugestões e percepções dos participantes quanto às estratégias de melhoria no ambiente educacional.

As respostas foram agrupadas em dez categorias temáticas, com destaque para: a) Parceria com a família e comunidade: teve frequência muito alta, destacando-se como fator essencial para o fortalecimento do ambiente escolar positivo; b) Apoio interdisciplinar e ações de combate à violência e promoção da paz: ambas com alta frequência, refletindo a percepção de que o bem-estar emocional e físico dos estudantes depende de múltiplos atores e frentes de atuação; c) Atividades extracurriculares e culturais e projetos e palestras educativas também apresentaram alta frequência, reforçando a importância de experiências escolares além do currículo tradicional; d) Outras categorias como formação docente, infraestrutura, protagonismo estudantil, tecnologia educacional, e gestão participativa também foram mencionadas, ainda que com frequências variáveis.

A ênfase na parceria com a família e comunidade evidencia uma concepção coletiva de educação, fundamentada na corresponsabilidade pelos processos de ensino e aprendizagem. Segundo Paro (2016), a relação entre escola e família é indispensável para o sucesso educativo, pois possibilita o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos e o reforço dos valores sociais. A presença de ações interdisciplinares, incluindo saúde e segurança pública, aponta para a necessidade de um modelo de escola que transcenda a função puramente instrucional. Conforme Libâneo (2015), a escola precisa ser compreendida como espaço de desenvolvimento integral, onde o cuidado com a saúde mental, a segurança e a convivência são tão relevantes quanto os conteúdos escolares. O destaque à educação para a paz e ao combate à violência revela a urgência de intervenções preventivas e pedagógicas no cotidiano escolar. Nesse sentido, autores como Aquino (2020) defendem a criação de culturas escolares baseadas no diálogo, na empatia e no respeito mútuo, como estratégias fundamentais para prevenir conflitos.

A formação continuada dos professores é outra temática recorrente, apontando para a importância de profissionais preparados para lidar com contextos escolares complexos. Segundo Nóvoa (2009), investir na formação e valorização docente é investir diretamente na qualidade da educação. Adicionalmente, a valorização do protagonismo estudantil reforça a noção de que alunos mais engajados e reconhecidos tendem a desenvolver maior senso de responsabilidade e pertencimento (Freire, 1996). Por fim, ainda que com menor frequência, a tecnologia educacional foi mencionada como aliada potencial na construção de ambientes mais dinâmicos e atrativos, o que está alinhado à proposta de inovação e mediação digital no processo de ensino-aprendizagem (Moran, 2015).

A análise da Tabela 9 revela que a melhoria da qualidade educacional está intrinsecamente relacionada à construção de ambientes escolares seguros e positivos, o que

exige uma abordagem multifatorial. A valorização do trabalho conjunto entre escola, família e comunidade, o investimento em apoio psicossocial, a formação de professores, e a criação de espaços de diálogo e protagonismo estudantil configuram-se como estratégias essenciais. A escola, para além do ensino de conteúdos, deve assumir seu papel como espaço de cuidado, convivência ética e desenvolvimento humano integral.

Tabela 12.

Análise de Conteúdo – Pergunta 1. do Objetivo 5. Compreender a percepção das partes interessadas sobre a eficácia das estratégias de prevenção e intervenção existentes.

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Ausência de estratégias claras e estruturadas	“No geral não sei se há algum tipo de prevenção.”; “Ainda não conheço as estratégias...”; “Não há nenhuma estratégia, como mencionado anteriormente...”; “No momento, não vejo nenhuma atividade específica...”; “Até o momento não vejo nenhuma.”	Muito alta	Há uma percepção generalizada de que faltam ações concretas e estruturadas para lidar com a violência.
Predomínio do diálogo informal como única ação	“Apenas através do diálogo com os alunos e com a família...”; “Um bom diálogo...”; “Como citei anteriormente... apenas com diálogos...”	Alta	O diálogo aparece como principal ou única forma de enfrentamento, porém sem respaldo institucional forte.
Baixa eficácia percebida	“Infelizmente não funciona como deveria.”; “Não tem muita eficácia.”	Alta	As poucas ações existentes são percebidas como insuficientes e pouco eficazes.
Falta de divulgação das ações existentes	“Planos de ação precisam ser amplamente divulgados.”; “São pouco conhecidos pela comunidade...”	Média	A carência de comunicação e visibilidade das ações prejudica a participação e a eficácia das medidas.
Presença eventual de apoio institucional externo	“Apoio do Conselho Tutelar e da Polícia...”; “Contamos com porteiros, direção escolar e SEMED quando necessário.”	Média	Indica a existência de alguma rede de apoio, ainda que acionada pontualmente e sem sistematização.
Necessidade de envolvimento da comunidade	“As escolas deveriam fazer mais trabalhos que envolvessem a comunidade...”	Média	Aponta para a carência de ações integradas e comunitárias como parte da estratégia de prevenção.

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Propostas para maior efetividade	“É essencial tornar essas iniciativas visíveis e acessíveis...”; “Combinar prevenção, intervenção e apoio aos envolvidos.”	Média	Algumas respostas indicam caminhos possíveis para aprimorar as estratégias já existentes.

A violência no ambiente escolar representa um desafio significativo para a promoção de uma educação de qualidade. Nesse contexto, compreender a percepção dos atores educacionais sobre as estratégias de prevenção e intervenção é fundamental para o desenvolvimento de ações eficazes e sustentáveis. A análise da Tabela 10 responde à Pergunta 1 do Objetivo 5 da presente pesquisa: *“Compreender a percepção das partes interessadas sobre a eficácia das estratégias de prevenção e intervenção existentes”*. A categorização das respostas revela importantes lacunas estruturais e operacionais, bem como sugestões que indicam caminhos para a melhoria das políticas de enfrentamento à violência escolar.

As respostas foram agrupadas em sete categorias temáticas, destacando as seguintes observações: a) Ausência de estratégias claras e estruturadas foi a categoria mais frequente, com uma ocorrência muito alta, revelando que a maioria dos respondentes não reconhece a existência de planos formais de prevenção à violência escolar; b) O predomínio do diálogo informal como única ação e a baixa eficácia percebida também tiveram alta frequência, indicando que, embora o diálogo seja valorizado, ele carece de apoio institucional para surtir efeito concreto; c) Categorias como falta de divulgação das ações existentes, apoio institucional eventual, necessidade de envolvimento comunitário e propostas de melhoria tiveram frequência média, apontando tanto para deficiências na comunicação quanto para a presença de esforços pontuais e pouco articulados.

Os resultados revelam um cenário de fragilidade nas estratégias escolares voltadas à prevenção e ao enfrentamento da violência. A percepção de ausência de estratégias claras e estruturadas reforça a noção de que muitas escolas operam em um sistema reativo, em vez de preventivo, o que compromete a construção de um ambiente educativo seguro (Sposito, 2005). Segundo Aquino (2020), a gestão da violência escolar exige políticas integradas, planejadas e institucionalizadas, que vão além de ações pontuais ou informais.

A centralidade do diálogo como instrumento isolado é reveladora: embora seja um elemento essencial na mediação de conflitos (Freire, 1996), sua eficácia depende de articulação com outras práticas pedagógicas e apoio institucional, como formação docente, protocolos de

ação e acompanhamento psicológico. Quando o diálogo se dá de forma informal e isolada, tende a ser limitado em seu alcance e impacto (Libâneo, 2015).

A baixa eficácia percebida das ações existentes aponta para uma desconexão entre planejamento e implementação. Isso pode estar associado à falta de divulgação, conforme também registrado nos dados, o que sugere que mesmo as ações eventualmente implementadas não chegam de forma clara e compreensível à comunidade escolar. Segundo Paro (2016), a participação efetiva da comunidade escolar depende de processos de comunicação transparente e acessível. Outro dado relevante é a presença eventual de apoio institucional externo — como conselhos tutelares e órgãos de segurança — sem uma política de atuação sistematizada. Embora a rede de proteção exista, sua atuação pontual indica ausência de fluxos permanentes de articulação e acompanhamento, enfraquecendo a capacidade de resposta da escola (Gatti, 2018).

A necessidade de envolvimento comunitário e as propostas de melhoria sugeridas pelos participantes indicam que há disposição para colaborar com estratégias mais eficazes, desde que haja mobilização e visibilidade institucional para essas ações. Como destacam Nóvoa (2009) e Mello (2021), ambientes escolares saudáveis dependem de uma cultura de corresponsabilidade e engajamento coletivo, envolvendo não apenas a escola, mas toda a comunidade educativa.

A análise da Tabela 10 demonstra que, embora haja reconhecimento da importância de ações preventivas e interventivas na escola, as práticas existentes ainda são percebidas como incipientes, informais e pouco eficazes. A ausência de estratégias estruturadas e a fragilidade na articulação com a comunidade e com os serviços públicos reforçam a necessidade de políticas mais consistentes, integradas e comunicadas. Investimentos em formação docente, planos institucionais de gestão de conflitos, parcerias intersetoriais e canais de comunicação clara com a comunidade escolar são fundamentais para fortalecer a eficácia das intervenções. O desafio da violência escolar requer uma abordagem sistêmica e colaborativa, centrada na promoção de direitos, na escuta ativa e na construção coletiva de soluções sustentáveis.

Tabela 13.

Análise de Conteúdo – Pergunta 2. do Objetivo 5. Que desafios específicos você acredita que existem na implementação dessas estratégias e programas de prevenção? Existem áreas que precisam de melhoria?

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Falta de apoio e investimento do poder público	“Buscar parcerias junto ao poder público...”; “O poder público não oferece suporte necessário às escolas...”; “Conscientizar a gestão municipal da urgência...”	Alta	A ausência de políticas públicas concretas e apoio institucional contínuo é vista como o maior obstáculo.
Falta de recursos financeiros e materiais	“Recursos financeiros limitados...”; “Falta de recursos e apoio financeiro...”; “Sem esse apoio, torna-se difícil colocar em prática medidas eficazes...”	Alta	A carência de recursos dificulta a execução de estratégias sustentáveis e abrangentes.
Falta de profissionais qualificados e equipes de apoio	“Falta de profissionais qualificados...”; “O docente carece de uma rede de proteção...”; “Pessoas preparadas, estratégias definidas...”; “Disponibilização de atendimento psicológico...”	Alta	Necessidade de equipes multidisciplinares, psicólogos e formação continuada foi amplamente destacada.
Resistência à mudança e descontinuidade	“Resistência à mudança...”; “Resistência a mudanças de comportamento...”; “Eventos só ocorrem em datas comemorativas...”	Média	Mudanças de mentalidade e continuidade das ações são desafios culturais e institucionais.
Falta de engajamento familiar e comunitário	“Falta de engajamento dos pais...”; “Parceria da família e equipe da Seme...”; “Ampliação do envolvimento dos pais e da comunidade...”	Média	A ausência da família e da comunidade compromete o sucesso das estratégias.
Carência de estratégias sistematizadas e estruturadas	“Não há estratégias...”; “Talvez por não haver casos de violência...”; “Esses eventos deveriam ser mais frequentes...”	Média	Aponta a necessidade de planejamento contínuo e políticas preventivas, mesmo sem registros explícitos.
Necessidade de formação e sensibilização da comunidade escolar	“Formação adequada de profissionais...”; “Aulas sobre inteligência emocional, ética e moral...”; “Adaptação das mensagens às particularidades de cada comunidade...”	Média	Educação socioemocional, formação docente e sensibilidade cultural são vistos como áreas críticas.
Falta de um olhar estratégico e comprometido da gestão	“O maior desafio é a falta de um olhar mais atento para o problema.”	Média	A gestão escolar e municipal é percebida como ausente ou pouco proativa diante da gravidade da questão.

Categoria Temática	Unidades de Registro (Falas Representativas)	Frequência de Ocorrência	Observações
Todas as áreas precisam ser melhoradas	“Com certeza todas as áreas precisam ser melhoradas.”	Média	Demonstra a percepção de que os desafios são amplos e interdependentes.

A prevenção da violência no ambiente escolar exige mais do que iniciativas pontuais. Para que as estratégias sejam efetivas e sustentáveis, é necessário compreender os principais desafios enfrentados pelas instituições na sua implementação. A Tabela 11 apresenta a análise qualitativa das respostas à Pergunta 2 do Objetivo 5: *“Que desafios específicos você acredita que existem na implementação dessas estratégias e programas de prevenção? Existem áreas que precisam de melhoria?”*. A categorização das falas permite identificar fragilidades estruturais, institucionais e culturais que comprometem a eficácia das políticas preventivas no contexto educacional.

A análise das respostas evidenciou oito categorias temáticas de destaque, onde essas respostas reforçam a complexidade dos desafios enfrentados, que vão desde a falta de recursos e planejamento até aspectos culturais, como a resistência à mudança e a pouca participação da comunidade escolar.

A falta de apoio do poder público foi uma das barreiras mais mencionadas. Isso reflete a ausência de políticas públicas concretas voltadas à segurança e bem-estar escolar, evidenciando a negligência estatal diante da questão. Como argumenta Gatti (2018), a eficácia das intervenções na educação depende diretamente de investimentos contínuos e de uma governança comprometida com o enfrentamento das desigualdades estruturais. A falta de recursos financeiros e materiais, associada à escassez de profissionais especializados, compromete diretamente a capacidade das escolas de implementar estratégias preventivas. A presença de psicólogos, assistentes sociais e profissionais de apoio pedagógico é essencial para a construção de ambientes escolares seguros e acolhedores (Aquino, 2020). Segundo Libâneo (2015), uma educação de qualidade requer condições institucionais que favoreçam o trabalho coletivo e a atuação de equipes multidisciplinares.

Outro fator relevante é a resistência à mudança, tanto por parte dos profissionais quanto da própria cultura institucional. A continuidade das ações preventivas, como campanhas educativas, palestras e ações formativas, muitas vezes fica restrita a datas comemorativas, perdendo seu potencial transformador (Mello, 2021). Nesse sentido, Nóvoa (2009) argumenta que mudar a cultura escolar é um processo de longo prazo que exige envolvimento genuíno da

gestão e dos educadores. A falta de engajamento da família e da comunidade também se mostrou um obstáculo importante. A escola, sozinha, não é capaz de resolver os problemas de violência sem o apoio dos responsáveis e da rede de proteção social. Para Paro (2016), a gestão democrática da escola exige a corresponsabilização da comunidade no processo educativo, fortalecendo vínculos e ampliando a capacidade de prevenção.

A necessidade de formação e sensibilização da comunidade escolar também aparece com destaque. Muitos participantes apontaram a importância de trabalhar competências socioemocionais e temas como ética, empatia e moralidade. Isso está alinhado ao que Freire (1996) defende como “formação integral”, na qual educar é também humanizar e preparar o sujeito para a convivência com o outro.

Por fim, a percepção de que todas as áreas precisam ser melhoradas evidencia a interdependência entre os fatores que dificultam a prevenção. Não se trata de um único problema, mas de um conjunto articulado de desafios estruturais, financeiros, culturais e pedagógicos.

A análise da Tabela 11 revela que os desafios para a implementação de estratégias de prevenção à violência escolar são múltiplos e interligados. A falta de apoio institucional e financiamento adequado, aliada à ausência de profissionais qualificados e à descontinuidade das ações, forma um quadro de fragilidade nas políticas educacionais voltadas ao bem-estar e segurança dos alunos. Além disso, a baixa participação da família, a resistência a mudanças culturais e a carência de estratégias sistematizadas reforçam a necessidade de uma abordagem integrada e colaborativa. Superar esses desafios exige políticas públicas comprometidas, formação contínua dos profissionais da educação e o fortalecimento dos laços entre escola, família e comunidade.

5.4.1 Análise Geral das Tabelas – Contexto Integrado dos Resultados

A violência escolar é um fenômeno complexo que compromete não apenas a segurança física e emocional dos envolvidos, mas também a eficácia dos processos pedagógicos e a qualidade da educação. A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar e compreender como a violência nas escolas entre professores e alunos impacta a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão, além de atingir cinco objetivos específicos. A análise dos dados obtidos por meio de entrevistas, questionários e análise de conteúdo – organizados em onze tabelas temáticas – permitiu delinear um panorama multifacetado do fenômeno.

Conforme objetivo 1 da pesquisa – Identificar as manifestações mais frequentes de violência. As Tabelas 1 e 2 revelam que as formas mais frequentes de violência relatadas incluem agressões verbais, desrespeito à autoridade, intimidações e indisciplina constante. Professores relataram episódios em que se sentiram ameaçados ou desvalorizados, o que gera um ambiente de tensão e insegurança. Os alunos também relataram episódios de tratamento agressivo por parte de docentes. Essa reciprocidade de tensões aponta para relações frágeis entre professor e aluno, conforme apontado por Aquino (2020), que afirma que a violência na escola frequentemente reflete conflitos sociais e institucionais mais amplos.

Para objetivo 2 – Analisar estratégias e abordagens adotadas pelas escolas. Conforme demonstrado nas Tabelas 3, 4 e 5, embora existam esforços pontuais, como palestras e campanhas esporádicas, faltam estratégias sistemáticas e integradas de enfrentamento à violência. A ausência de protocolos claros, acompanhamento psicológico e mediação de conflitos evidencia a fragilidade das ações preventivas, como já destacado por Libâneo (2015), que defende a necessidade de políticas institucionais permanentes e planejadas. Além disso, destaca-se a percepção de que a gestão escolar nem sempre adota uma postura proativa, o que fragiliza ainda mais a eficácia das ações.

Assim, objetivo 3 – Avaliar o impacto da violência na motivação dos professores. As Tabelas 6 e 7 revelam que a violência impacta negativamente a motivação dos docentes, provocando adoecimento psicológico, desmotivação profissional, desejo de afastamento e sensação de impotência. Isso afeta diretamente a qualidade do ensino, já que professores desmotivados tendem a reduzir seu engajamento nas práticas pedagógicas (Nóvoa, 2009). A ausência de suporte emocional e institucional agrava o problema, demonstrando a necessidade urgente de ações de cuidado e valorização do docente.

Objetivo 4 – Investigar como a violência afeta o desempenho dos alunos. As Tabelas 8 e 9 apontam que alunos expostos a ambientes violentos, desrespeitosos e instáveis apresentam baixa concentração, evasão escolar, desinteresse e dificuldades de aprendizagem. Os dados indicam que a violência prejudica não apenas a relação entre professor e aluno, mas também o desempenho acadêmico e o clima escolar como um todo. Essa constatação está em consonância com Paro (2016), que argumenta que o ambiente escolar precisa ser cooperativo, seguro e dialógico para promover a aprendizagem significativa.

E por fim objetivo 5 – Propor e analisar medidas preventivas e intervenções. As Tabelas 10 e 11 foram fundamentais para identificar propostas e barreiras para a prevenção da violência. As sugestões mais recorrentes incluem: a) Formação continuada dos professores; b)

Atendimento psicológico e equipe multidisciplinar; c) Parcerias com famílias e comunidade; d) Aulas sobre educação emocional e cidadania; e) Criação de protocolos institucionais permanentes.

Entretanto, também foram citados diversos desafios, como a falta de apoio do poder público, escassez de recursos, ausência de planejamento estratégico e resistência à mudança, especialmente da própria gestão. Como argumenta Gatti (2018), a transformação da realidade escolar exige comprometimento institucional, financiamento adequado e formação crítica dos educadores. A análise integrada das onze tabelas permite afirmar que a violência entre professores e alunos em Presidente Sarney é um fenômeno multifatorial e recorrente, com implicações profundas para a qualidade da educação nos anos finais do ensino público. Os dados revelam um cenário preocupante de vulnerabilidade institucional, no qual docentes e discentes convivem com tensões constantes, desmotivação, abandono e carência de suporte emocional e pedagógico. As ações adotadas pelas escolas são, em sua maioria, reativas e descontínuas, carecendo de uma política educativa estruturada, intersetorial e permanente. A ausência de investimento público, a falta de formação dos profissionais e o distanciamento da comunidade familiar e social agravam o quadro.

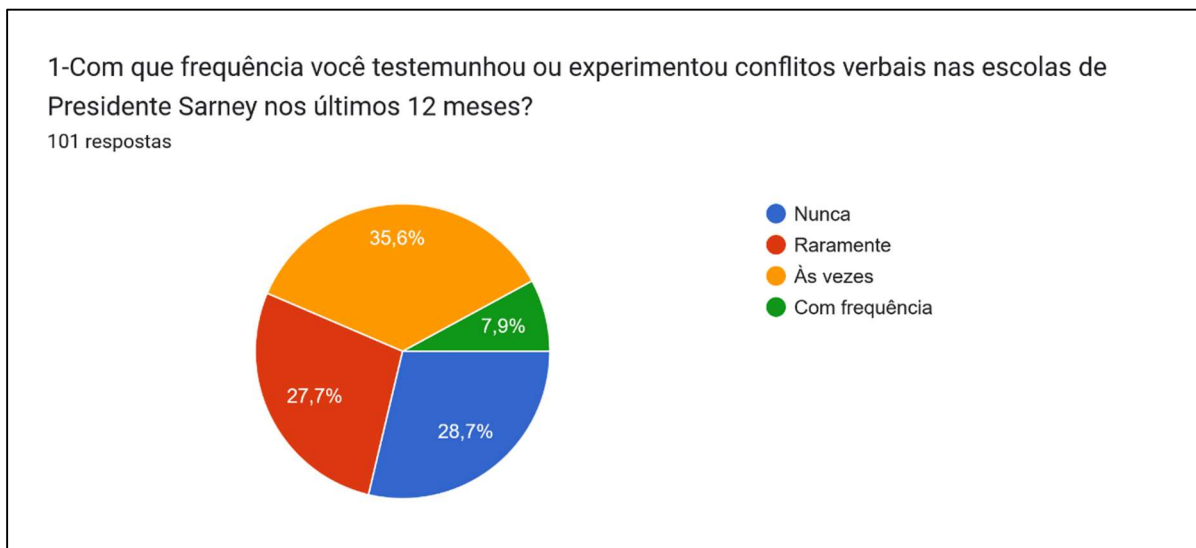
Portanto, para que haja melhorias concretas, é essencial a adoção de medidas integradas, participativas e contínuas, que envolvam governo, escola, família e sociedade civil, com foco em educação humanizada, promoção do diálogo, prevenção de conflitos e fortalecimento dos vínculos interpessoais.

5.5 Contexto dos Resultados da Análise dos questionários aplicados

A análise dos questionários aplicados aos alunos das escolas públicas de Presidente Sarney – MA teve como objetivo compreender a percepção discente acerca da violência entre professores e alunos, suas causas, consequências e a eficácia das estratégias de prevenção adotadas nas instituições. Os dados obtidos por meio da abordagem quantitativa oferecem um panorama relevante sobre a vivência dos estudantes em relação ao clima escolar, apontando tanto os avanços quanto os desafios enfrentados no cotidiano educacional. Nesse sentido, os resultados refletem não apenas as experiências individuais dos alunos, mas também os limites estruturais e pedagógicos das escolas na mediação de conflitos e na promoção de um ambiente seguro e saudável para o ensino-aprendizagem.

Figura 3.

Com que frequência você testemunhou ou experimentou conflitos verbais nas escolas de Presidente Sarney nos últimos 12 meses?



Com o objetivo de compreender a prevalência dessa forma de violência nas escolas públicas do município de Presidente Sarney – MA, foi aplicada uma pergunta aos alunos do ensino fundamental final, buscando registrar a frequência com que presenciam ou vivenciam situações de conflitos verbais.

A pergunta analisada foi: “Com que frequência você testemunhou ou experimentou conflitos verbais nas escolas de Presidente Sarney nos últimos 12 meses?” As respostas foram distribuídas da seguinte forma: Nunca: 28,7%; Raramente: 27,7%; Às vezes: 35,6%; Com frequência: 7,9%. Os dados revelam que mais de 71% dos alunos relataram já ter testemunhado ou vivenciado conflitos verbais no ambiente escolar em alguma medida no último ano (somando os percentuais de "raramente", "às vezes" e "com frequência"). Esse número expressivo aponta para a presença recorrente de episódios de desentendimentos e agressões verbais entre membros da comunidade escolar, o que reforça a urgência de políticas preventivas e educativas que priorizem o diálogo e a resolução pacífica de conflitos.

O fato de que 35,6% dos alunos responderam “às vezes” indica que tais episódios não são esporádicos, mas ocorrem com uma regularidade suficiente para impactar o cotidiano escolar. Já os 7,9% que afirmam presenciar “com frequência” essas situações indicam que uma parcela significativa dos alunos está inserida em contextos mais críticos, onde a violência verbal é parte rotineira da vivência escolar. Esse cenário é preocupante do ponto de vista pedagógico e socioemocional. Conforme afirma Abramovay e Rua (2002), a permanência da violência verbal no cotidiano escolar afeta diretamente as relações de confiança, a autoestima dos alunos

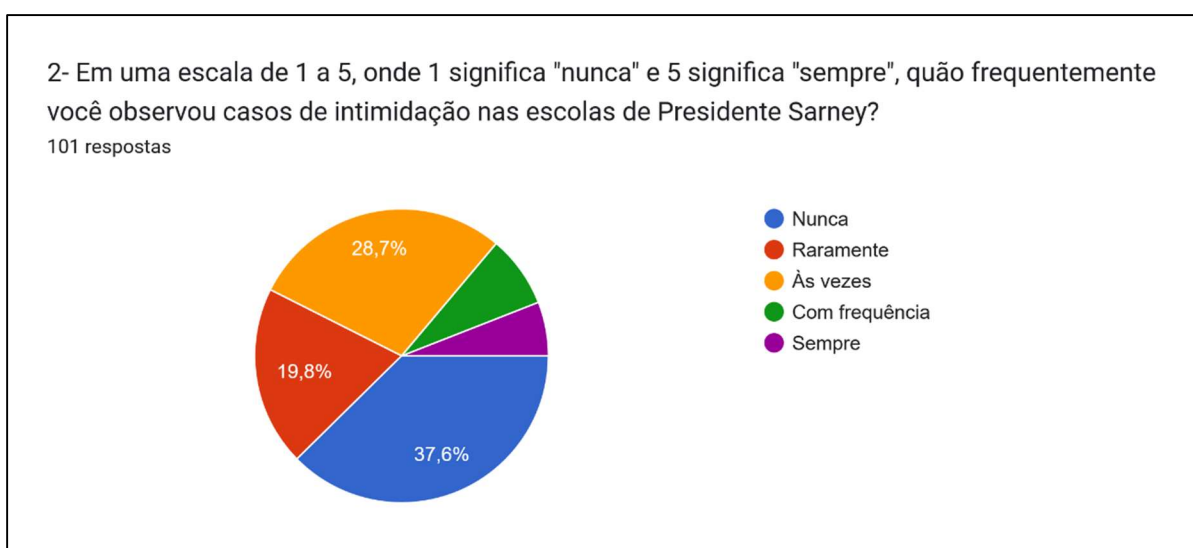
e a autoridade pedagógica dos professores. Além disso, contribui para a formação de uma cultura escolar baseada na tensão, na intolerância e no medo, em vez de cooperação, empatia e respeito mútuo. Por outro lado, os 28,7% de alunos que nunca presenciaram esse tipo de conflito indicam que ainda existem ambientes escolares relativamente saudáveis, onde se pode desenvolver uma cultura de paz e diálogo. Esse grupo pode ser um ponto de partida para a disseminação de boas práticas. A naturalização dos conflitos verbais pode contribuir para sua perpetuação, tornando-os invisíveis ao planejamento pedagógico e à gestão escolar. Segundo Libâneo (2015), a escola precisa adotar uma postura crítica e reflexiva frente à violência simbólica e verbal, compreendendo-a como um sintoma de questões maiores que atravessam a organização escolar, as relações sociais e as desigualdades externas à escola.

A análise dos dados revela que os conflitos verbais são uma realidade frequente nas escolas públicas de Presidente Sarney – MA, afetando a maioria dos alunos em diferentes graus. A presença de episódios recorrentes desse tipo de violência compromete o clima escolar e interfere na aprendizagem, no bem-estar e na convivência entre estudantes e professores.

Tais resultados confirmam a necessidade de intervenções pedagógicas estruturadas, com foco na mediação de conflitos, na educação emocional e na formação de professores para lidar com essas situações. Além disso, a gestão escolar deve assumir um papel mais ativo na construção de uma cultura de paz, fortalecendo canais de escuta e diálogo com a comunidade escolar.

Figura 4.

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa “nunca” e 5 significa “sempre”, quão frequentemente você observou casos de intimidação nas escolas de Presidente Sarney?



A intimidação, muitas vezes referida como bullying escolar, configura-se como uma das manifestações mais recorrentes da violência entre pares no ambiente educacional. Ela se expressa por meio de ações físicas, verbais ou psicológicas repetitivas que visam humilhar, excluir ou agredir outro indivíduo (Fante, 2005). De acordo com Oliveira e Silva (2013), a presença constante de comportamentos intimidatórios compromete o desenvolvimento emocional e o rendimento escolar dos estudantes, além de fragilizar as relações interpessoais no ambiente educativo. Diante disso, a presente análise visa compreender com que frequência os alunos observam episódios de intimidação nas escolas de Presidente Sarney, contribuindo para a caracterização da realidade escolar local.

A pergunta direcionada aos alunos foi: “Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa ‘nunca’ e 5 significa ‘sempre’, quão frequentemente você observou casos de intimidação nas escolas de Presidente Sarney?” As respostas foram distribuídas da seguinte maneira: Nunca (1): 37,6%; Raramente (2): 19,8%; Às vezes (3): 28,7%; Com frequência (4): 6,95%; Sempre (5): 6,95%.

A partir dos dados coletados, observa-se que mais de 62% dos alunos afirmam ter testemunhado episódios de intimidação em algum grau (somando "raramente", "às vezes", "com frequência" e "sempre"), sendo que 28,7% indicam que isso ocorre “às vezes”. Esses resultados sugerem que, embora 37,6% dos estudantes declarem nunca ter presenciado casos de intimidação, a maior parte da comunidade discente tem algum nível de contato com esse tipo de violência.

A porcentagem de 6,95% dos alunos que afirmam observar esses episódios “sempre” e mais 6,95% que os presenciam “com frequência” revela uma parcela considerável em situação de vulnerabilidade, exposta rotineiramente à cultura do medo e da exclusão escolar. Essa realidade preocupa, pois, a intimidação continuada tende a gerar impactos profundos nos indivíduos, incluindo transtornos emocionais, evasão escolar e baixo rendimento acadêmico (Silva et al., 2020). Além disso, conforme destaca Charlot (2000), o processo educativo ocorre em um ambiente social e simbólico, e a presença de comportamentos intimidatórios ameaça a construção do sentido do aprender.

A frequência moderada de intimidação identificada pode ser reflexo de ausência de políticas de prevenção contínuas, da banalização desses comportamentos ou da falta de canais efetivos de denúncia e acolhimento nas instituições escolares. De acordo com Abramovay e Rua (2002), muitas vezes os atos de violência simbólica são naturalizados no cotidiano escolar, dificultando sua identificação e enfrentamento por parte de gestores e educadores. Esses dados ainda reforçam a importância da atuação integrada entre escola, família e comunidade na

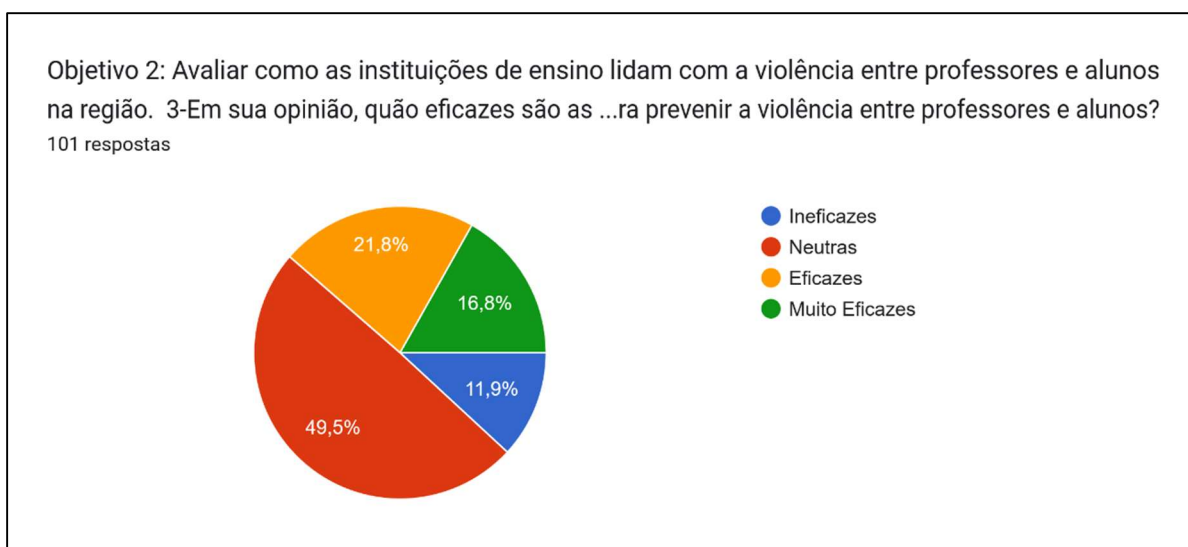
construção de uma cultura de paz, como propõe Libâneo (2015), com ênfase em valores de solidariedade, escuta ativa e resolução pacífica de conflitos.

A análise dos dados revela que a intimidação é uma realidade presente em mais da metade das escolas públicas de Presidente Sarney – MA, em diferentes graus de intensidade. Embora uma parte expressiva dos alunos indique que nunca presenciou tais situações, a recorrência de respostas nas categorias “às vezes”, “com frequência” e “sempre” indica a permanência do problema e a necessidade de intervenções urgentes e sistemáticas.

As instituições escolares devem ampliar sua capacidade de diagnóstico, prevenção e enfrentamento da intimidação, investindo em formação docente, mediação de conflitos, práticas restaurativas e projetos educativos permanentes sobre convivência e empatia. Tais medidas são fundamentais para garantir um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e propício ao aprendizado.

Figura 5.

Em sua opinião, quão eficazes são as políticas e medidas existentes nas escolas de Presidente Sarney para prevenir a violência entre professores e alunos?



A eficácia das políticas de prevenção da violência entre professores e alunos depende, entre outros fatores, da sua clareza, aplicabilidade e da percepção dos estudantes quanto ao seu impacto no ambiente escolar. Conforme Libâneo (2015), a escola deve ser um espaço de mediação de conflitos e construção de valores democráticos, exigindo, portanto, mecanismos de intervenção bem definidos.

Com base nesse entendimento, a seguinte pergunta foi aplicada na pesquisa quantitativa: “Em sua opinião, quão eficazes são as políticas e medidas existentes nas escolas de Presidente Sarney para prevenir a violência entre professores e alunos?”

As respostas dos alunos foram distribuídas da seguinte forma: Ineficazes: 11,9%; Neutras: 49,5%; Eficazes: 21,8%; Muito eficazes: 17,8%. A análise dos dados revela que mais da metade dos alunos (61,4%) não percebe claramente a eficácia das políticas escolares de prevenção à violência, sendo que 49,5% optaram por uma posição neutra e 11,9% as consideram ineficazes. Isso demonstra uma possível fragilidade na comunicação institucional sobre as ações desenvolvidas, bem como na visibilidade e nos resultados percebidos pelas ações implementadas. Por outro lado, apenas 39,6% dos estudantes percebem essas políticas como eficazes ou muito eficazes, indicando um espaço significativo para melhorias, especialmente no que se refere à transparência das estratégias adotadas e ao envolvimento da comunidade escolar em sua elaboração e aplicação.

De acordo com Oliveira e Silva (2013), as políticas de prevenção à violência escolar precisam ser multidimensionais, envolvendo aspectos pedagógicos, disciplinares, emocionais e sociais. A percepção de neutralidade ou ineficácia pode refletir não apenas uma falha nas ações em si, mas também na ausência de mecanismos de escuta e participação dos estudantes na formulação e avaliação dessas medidas. Além disso, Fante (2005) destaca que medidas preventivas eficazes devem incluir a formação continuada de professores, mediação de conflitos, rodas de diálogo, ações de conscientização e canais formais de denúncia e acolhimento. A ausência ou o pouco impacto dessas ações pode justificar a percepção majoritariamente neutra observada nos resultados.

Essa neutralidade pode também estar ligada a um processo de naturalização da violência escolar, como sugerem Abramovay e Rua (2002), no qual os episódios de conflito e tensão são aceitos como parte do cotidiano escolar, reduzindo a sensibilidade dos alunos diante de ações preventivas.

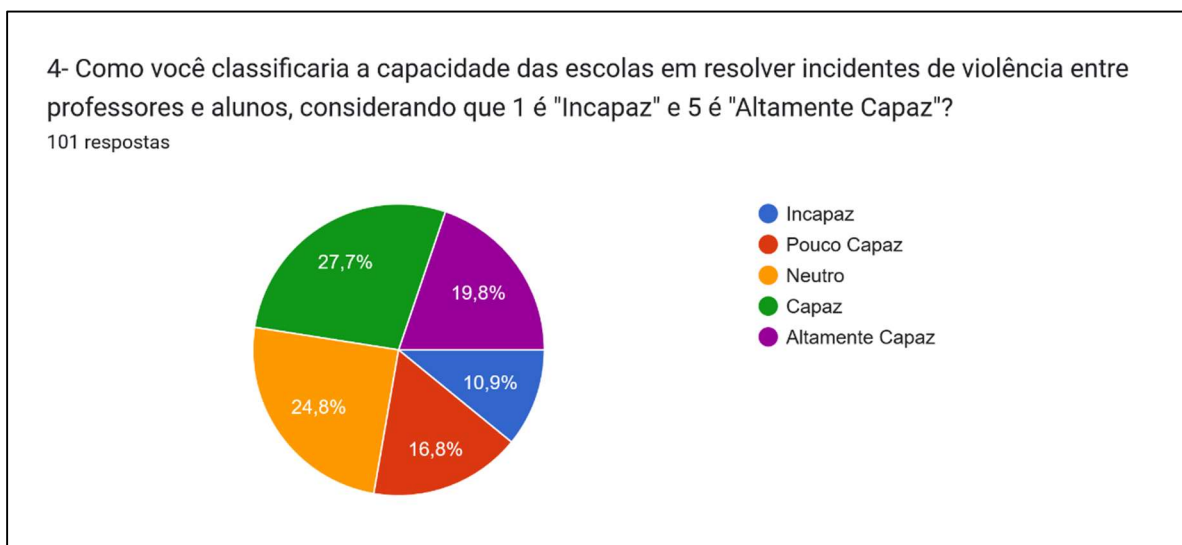
Os resultados indicam que há um desafio significativo em tornar visíveis e eficazes as ações de combate à violência entre professores e alunos nas escolas públicas de Presidente Sarney – MA. A elevada taxa de respostas neutras (49,5%) e ineficazes (11,9%) sugere que, para muitos alunos, as medidas existentes não têm produzido impacto perceptível ou carecem de envolvimento participativo.

Dessa forma, faz-se necessário que as instituições educacionais invistam na revisão de suas estratégias de enfrentamento da violência, priorizando ações preventivas contínuas, a

formação da comunidade escolar e o empoderamento dos estudantes na construção de uma cultura de paz. Além disso, a avaliação constante das políticas e a comunicação clara de suas finalidades e resultados são essenciais para que os estudantes reconheçam seu valor e eficácia.

Figura 6.

Como você classificaria a capacidade das escolas em resolver incidentes de violência entre professores e alunos, considerando que 1 é “incapaz” e 5 é “altamente capaz”?



A gestão eficaz de conflitos no ambiente escolar é uma das condições essenciais para promover um espaço de aprendizagem seguro, inclusivo e acolhedor. Segundo Abramovay e Rua (2002), a maneira como a escola lida com os episódios de violência influencia diretamente na percepção que alunos e professores têm sobre justiça, autoridade e respeito dentro da instituição. Diante disso, é fundamental investigar a percepção dos estudantes sobre a capacidade das escolas em resolver incidentes de violência entre professores e alunos, uma vez que essa percepção interfere no clima escolar, na confiança institucional e na qualidade das relações interpessoais.

Nesse contexto, foi aplicada a seguinte pergunta: “Como você classificaria a capacidade das escolas em resolver incidentes de violência entre professores e alunos, considerando que 1 é ‘Incapaz’ e 5 é ‘Altamente Capaz’?” As respostas dos alunos foram assim distribuídas: Incapaz (1): 10,9%; Pouco capaz (2): 16,8%; Neutro (3): 24,8%; Capaz (4): 27,7%; Altamente capaz (5): 19,8%.

A análise dos dados indica que 47,5% dos alunos consideram as escolas capazes ou altamente capazes de lidar com incidentes de violência entre professores e alunos, o que pode indicar certo grau de confiança nas instituições escolares e em suas práticas de mediação de

conflitos. No entanto, 27,7% avaliam negativamente essa capacidade (somando as opções “incapaz” e “pouco capaz”), e 24,8% se mantêm neutros, demonstrando que ainda há uma parcela significativa de alunos com percepções negativas ou ambíguas sobre a eficácia dessas ações.

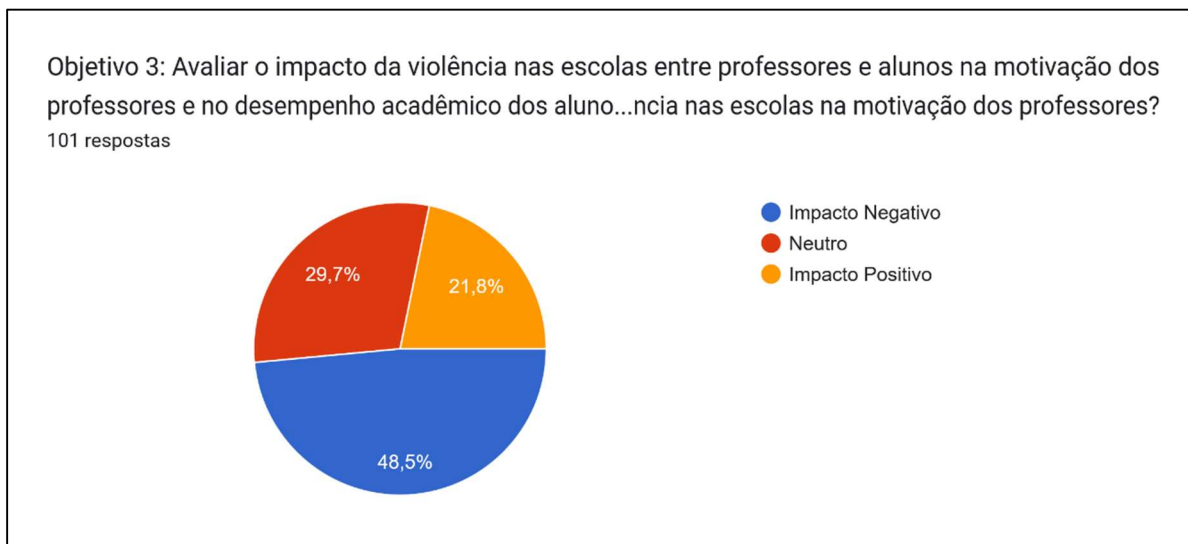
Essa diversidade de percepções pode ser explicada pela forma desigual com que as escolas tratam os conflitos e pela falta de uma política clara, uniforme e sistematizada de gestão de violência escolar, como discutem Fante (2005) e Libâneo (2015). Muitas vezes, as respostas institucionais aos casos de violência não são percebidas pelos alunos como resolutivas ou justas, o que contribui para o sentimento de insegurança ou descrença nas medidas adotadas. Além disso, quando os estudantes percebem que as situações de violência não são tratadas de forma adequada ou transparente, pode haver uma quebra na confiança entre os sujeitos escolares, afetando o clima organizacional e o vínculo pedagógico (Oliveira & Silva, 2013). A confiança institucional é um dos pilares fundamentais para a mediação eficaz de conflitos, e sua ausência pode agravar ainda mais as situações de violência. De acordo com Tiba (2010), a capacidade de uma escola resolver conflitos está ligada à existência de procedimentos claros, escuta ativa, apoio psicológico, formação dos professores e trabalho coletivo, elementos que muitas vezes são frágeis ou inexistentes em contextos escolares mais vulneráveis, como os da Baixada Maranhense.

Os resultados mostram que, embora quase metade dos alunos (47,5%) reconheça alguma capacidade das escolas em lidar com a violência entre professores e alunos, há ainda um percentual relevante de insatisfação ou neutralidade (52,4%), indicando necessidade de aprimoramento das estratégias e práticas institucionais voltadas à resolução de conflitos escolares.

É essencial que as escolas institucionalizem políticas de gestão de conflitos baseadas na escuta, mediação e participação democrática, garantindo que todos os membros da comunidade escolar se sintam seguros e ouvidos. A formação continuada dos professores, o fortalecimento da coordenação pedagógica, a presença de equipes multiprofissionais e a criação de canais formais de denúncia e acompanhamento são caminhos importantes para ampliar a capacidade institucional de lidar com a violência (Fante, 2005; Abramovay & Rua, 2002).

Figura 7.

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "impacto negativo" e 5 significa "impacto positivo", como você avaliaria o impacto da violência nas escolas na motivação dos professores?



A violência no ambiente escolar é uma problemática complexa que não afeta apenas os estudantes, mas também compromete diretamente a motivação, o desempenho e o bem-estar dos profissionais da educação.

Com o objetivo de compreender a percepção dos alunos quanto a esse fenômeno, foi aplicada a seguinte pergunta: “Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa ‘impacto negativo’ e 5 significa ‘impacto positivo’, como você avaliaria o impacto da violência nas escolas na motivação dos professores?” A distribuição percentual das respostas dos estudantes foi a seguinte: Impacto negativo (1): 48,5%; Neutro (3): 29,7%; Impacto positivo (5): 21,8%. Os dados revelam que quase metade dos alunos (48,5%) percebe a violência escolar como um fator que impacta negativamente a motivação dos professores. Essa percepção demonstra a consciência dos estudantes sobre os efeitos emocionais e profissionais que a violência pode exercer sobre os educadores, reforçando o entendimento de que a qualidade do ambiente escolar influencia diretamente o desempenho docente (Oliveira & Silva, 2013).

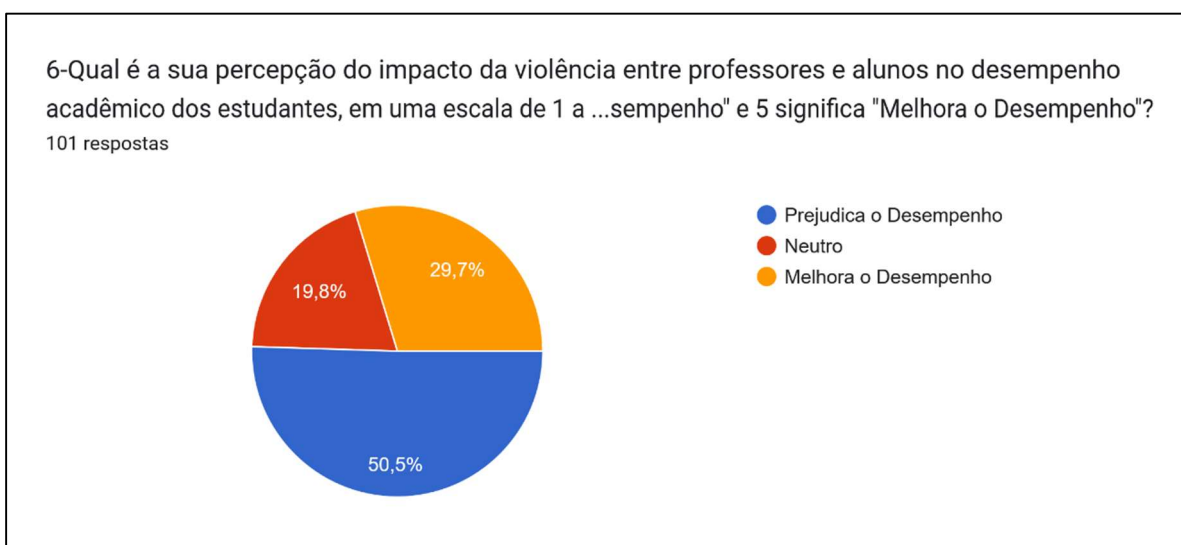
A literatura aponta que a violência na escola pode gerar nos professores sentimento de impotência, frustração, desgaste emocional e desvalorização profissional, resultando em baixa autoestima, afastamentos por licença médica e até abandono da carreira (Esteve, 1999; Tiba, 2010). Em ambientes marcados por constantes episódios de violência, a relação professor-aluno tende a se fragilizar, dificultando a construção de vínculos pedagógicos sólidos e colaborativos (Libâneo, 2015). A resposta neutra de 29,7% dos alunos pode refletir uma falta de clareza sobre as causas da desmotivação docente ou uma minimização da gravidade dos impactos da

violência, o que reforça a necessidade de ações pedagógicas que envolvam toda a comunidade escolar na prevenção e enfrentamento da violência (Abramovay & Rua, 2002). Ainda que 21,8% tenham identificado impacto positivo, esse dado pode estar relacionado a interpretações equivocadas da pergunta ou a casos pontuais em que professores reagem com mais rigor e assertividade diante de situações de violência, o que pode ser percebido como uma forma de “controle” ou autoridade reforçada, ainda que não represente um verdadeiro ganho motivacional.

A percepção dos alunos evidencia que a violência nas escolas de Presidente Sarney – MA tem um impacto majoritariamente negativo sobre a motivação dos professores. Essa realidade exige intervenções urgentes, como a valorização profissional, formação continuada em mediação de conflitos, acolhimento psicológico e implantação de uma cultura de paz nas escolas. A escola precisa ser um espaço de respeito mútuo e segurança para todos os envolvidos. Proteger a saúde mental e motivacional dos professores é garantir a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, pois educadores desmotivados ou emocionalmente afetados dificilmente conseguirão manter práticas pedagógicas efetivas e empáticas (Fante, 2005; Oliveira & Silva, 2013).

Figura 8.

Qual é a sua percepção do impacto da violência entre professores e alunos no desempenho acadêmico dos estudantes, em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Prejudica o Desempenho" e 5 significa "Melhora o Desempenho"?



A violência no ambiente escolar representa um fator perturbador para o processo de ensino-aprendizagem. Quando essa violência ocorre na relação entre professores e alunos, os efeitos negativos podem ser ainda mais graves, atingindo diretamente o desempenho acadêmico dos estudantes, a qualidade das interações pedagógicas e a construção de um ambiente de confiança e respeito mútuo (Fante, 2005; Libâneo, 2015). Considerando essa problemática, buscou-se investigar a percepção dos discentes a respeito do impacto da violência entre professores e alunos no desempenho escolar, por meio da seguinte pergunta: “Qual é a sua percepção do impacto da violência entre professores e alunos no desempenho acadêmico dos estudantes, em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa ‘Prejudica o Desempenho’ e 5 significa ‘Melhora o Desempenho’?” Os dados obtidos por meio dos questionários aplicados aos alunos foram os seguintes: Prejudica o desempenho (1): 50,5%; Neutro (3): 19,8%; Melhora o desempenho (5): 29,7%.

A análise dos resultados revela que mais da metade dos alunos (50,5%) reconhece que a violência entre professores e alunos prejudica o desempenho acadêmico. Esse dado é consistente com a literatura da área, que destaca que ambientes escolares conflituosos geram sentimento de insegurança, medo, ansiedade e desmotivação nos estudantes, o que compromete significativamente a aprendizagem (Abramovay & Rua, 2002; Oliveira & Silva, 2013). O dado de 29,7% que consideram que a violência “melhora o desempenho” pode indicar interpretações ambíguas ou percepções distorcidas da autoridade exercida de forma violenta, como se comportamentos agressivos fossem confundidos com disciplina ou controle da sala. Essa visão é problemática, pois, segundo Tiba (2010), o verdadeiro processo educativo deve estar fundamentado no respeito mútuo e na empatia, e não na intimidação. A resposta “neutra” de 19,8% demonstra que há um contingente de alunos que não compreende claramente a relação entre violência e desempenho escolar, o que pode refletir a naturalização da violência no cotidiano escolar ou a ausência de espaços reflexivos para problematizar essas questões (Fante, 2005).

É fundamental considerar que o ambiente de aprendizagem precisa ser emocionalmente seguro para que haja engajamento, participação e construção significativa do conhecimento. A violência — seja verbal, física ou simbólica — atua como fator de evasão, baixa autoestima e queda no rendimento (Libâneo, 2015; Esteve, 1999).

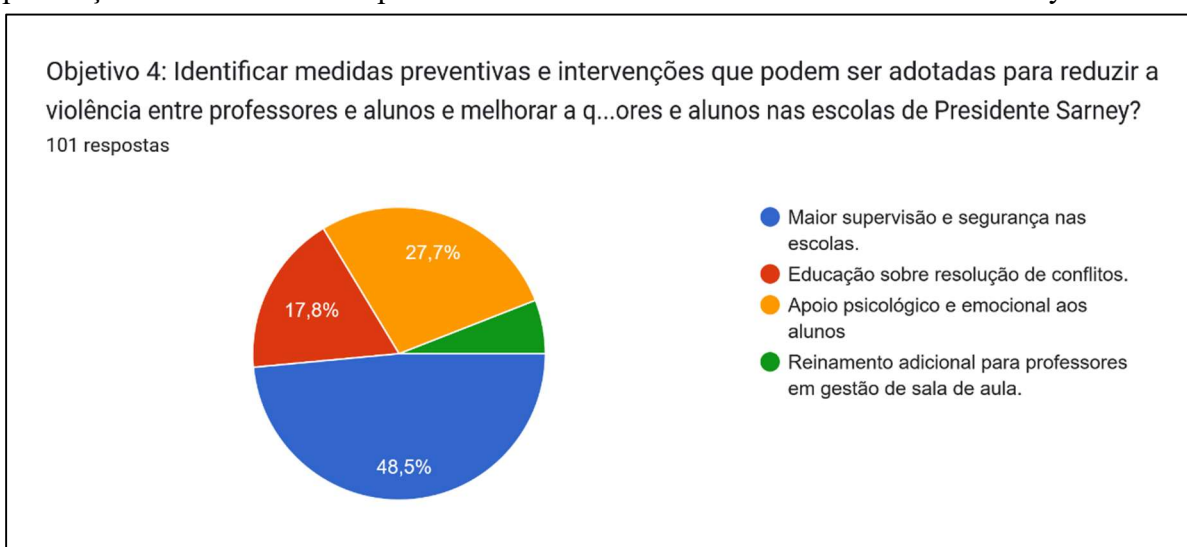
A percepção dos alunos reforça a tese de que a violência entre professores e alunos impacta negativamente o desempenho escolar, gerando um ciclo de desmotivação e insegurança que compromete tanto o processo de ensino quanto de aprendizagem. Esse resultado reafirma

a necessidade de intervenções pedagógicas e institucionais, como a formação continuada dos docentes, mediação de conflitos e promoção de uma cultura escolar baseada no respeito e no diálogo.

Medidas como a construção coletiva de normas de convivência, o fortalecimento do vínculo afetivo entre educadores e alunos e o investimento em políticas de prevenção da violência são fundamentais para a promoção de um ambiente escolar mais saudável e propício ao aprendizado (Abramovay & Rua, 2002; Oliveira & Silva, 2013).

Figura 9.

De acordo com sua percepção, quais das seguintes medidas considera mais eficazes na prevenção da violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney?



A prevenção da violência escolar exige o envolvimento de toda a comunidade educativa e a implementação de estratégias eficazes que promovam um ambiente seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. No contexto da relação entre professores e alunos, a violência compromete não apenas o processo pedagógico, mas também a saúde mental e emocional dos envolvidos (Abramovay & Rua, 2002; Fante, 2005). Com base nesse contexto, buscou-se compreender, segundo a percepção dos alunos, quais medidas seriam mais eficazes para prevenir a violência entre professores e alunos nas escolas do município de Presidente Sarney.

Os alunos indicaram as seguintes medidas como mais eficazes: Maior supervisão e segurança nas escolas: 48,5%; Educação sobre resolução de conflitos: 17,8%; Apoio psicológico e emocional aos alunos: 27,7%; Treinamento adicional para professores em gestão de sala de aula: 6%. A maioria dos alunos (48,5%) apontou a maior supervisão e segurança nas

escolas como a medida mais eficaz para prevenir a violência. Essa percepção reflete uma demanda por controle externo e vigilância, indicando uma preocupação com a falta de autoridade, ordem ou proteção no ambiente escolar. No entanto, estudos mostram que ações repressivas isoladas são insuficientes para solucionar conflitos estruturais no ambiente educacional (Libâneo, 2015; Silva & Silva, 2020). Outro percentual significativo (27,7%) considera que o apoio psicológico e emocional aos alunos é uma estratégia relevante. Essa resposta está alinhada com autores como Fante (2005) e Abramovay & Rua (2002), que defendem que a violência escolar frequentemente está relacionada a problemas emocionais, traumas familiares e ausência de suporte psicossocial. Dessa forma, intervenções que envolvam o cuidado com a saúde mental dos estudantes são fundamentais para mitigar comportamentos agressivos e restaurar relações de confiança.

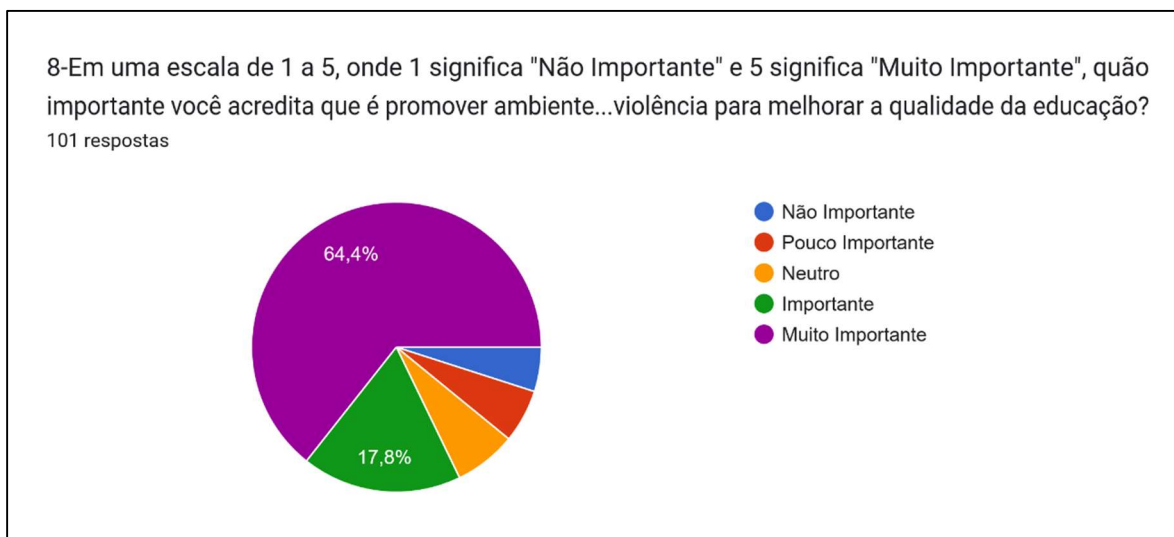
A educação para a resolução de conflitos foi apontada por 17,8% dos alunos, sugerindo que há um grupo que reconhece a importância de estratégias formativas, como rodas de conversa, mediação escolar e programas de educação emocional. Como afirmam Morin (2000) e Tiba (2010), educar para o diálogo e a empatia é essencial para construir uma cultura de paz e cooperação dentro das escolas. Por fim, apenas 6% dos alunos indicaram treinamento adicional para professores em gestão de sala de aula como medida prioritária. Esse dado pode refletir uma percepção limitada dos estudantes sobre o papel pedagógico da mediação e da formação continuada dos docentes. No entanto, a literatura destaca que a qualificação dos professores para lidar com conflitos de forma assertiva e respeitosa é um dos pilares para a prevenção da violência (Moran, 2015; Esteve, 1999).

Os dados indicam que os alunos valorizam a presença de mecanismos de segurança e apoio institucional, mas também reconhecem, em menor escala, a importância da educação emocional e da formação de professores para a prevenção da violência escolar. A superação dos conflitos entre professores e alunos exige um conjunto integrado de medidas pedagógicas, psicológicas e administrativas, indo além do controle físico e disciplinar.

É essencial investir em políticas públicas educacionais que aliem segurança institucional à formação humanizada, com foco na gestão democrática, no cuidado emocional e na valorização dos vínculos afetivos na escola. Tais práticas, conforme Fante (2005) e Libâneo (2015), contribuem para a construção de um ambiente escolar saudável, onde o aprendizado é favorecido pela convivência respeitosa e colaborativa.

Figura 10.

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa “Não importante” e 5 significa “muito Importante, quão importante você acredita que é promover ambiente sem violência para melhorar a qualidade da educação?



A promoção de ambientes escolares seguros e livres de violência é uma condição essencial para garantir o pleno desenvolvimento dos estudantes e a efetividade do processo de ensino-aprendizagem. Conforme aponta Libâneo (2015), o ambiente escolar influencia diretamente o desempenho acadêmico, a saúde emocional e as interações interpessoais. A escola deve ser um espaço de acolhimento, respeito e construção de cidadania, onde todos possam aprender sem medo ou opressão. Nesse contexto, esta pergunta visou entender a percepção dos alunos quanto à importância da segurança escolar na qualidade da educação.

Os resultados obtidos foram os seguintes: Muito importante: 64,4%; Importante: 17,8%; Neutro: 5,94%; Pouco importante: 5,93%; Não importante: 5,93%. Os dados revelam que uma ampla maioria dos estudantes (82,2%) reconhece a promoção de ambientes escolares seguros como uma dimensão essencial para a qualidade da educação. O destaque para a resposta “muito importante” (64,4%) evidencia que a segurança não é percebida apenas como um complemento, mas como um pilar estruturante da experiência educacional.

Essa percepção está em consonância com estudos de Abramovay e Rua (2002), os quais defendem que o ambiente escolar, quando marcado por violência ou insegurança, compromete significativamente os processos cognitivos, o desenvolvimento afetivo e a permanência dos alunos na escola. Um clima escolar saudável, por outro lado, favorece a aprendizagem, reduz os índices de evasão e fortalece os vínculos sociais (Fante, 2005).

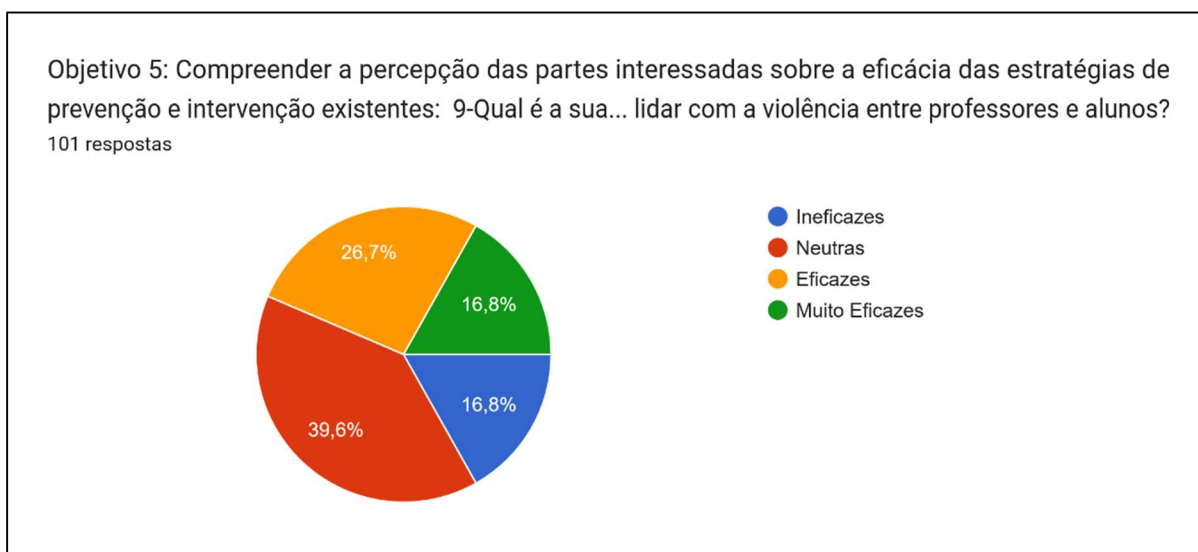
O fato de uma minoria dos respondentes (11,86%) considerar a segurança pouco importante ou não importante pode ser interpretado a partir de dois fatores: ou há uma naturalização da violência no cotidiano escolar, ou há uma compreensão limitada das consequências indiretas da insegurança sobre o desempenho acadêmico. Isso reforça a importância de ações pedagógicas que conscientizem a comunidade escolar sobre os impactos da violência, como sugerem Morin (2000) e Tiba (2010). Adicionalmente, a existência de respostas neutras (5,94%) aponta para um grupo que possivelmente carece de formação crítica ou vivência direta que associe o ambiente seguro com a qualidade da aprendizagem, o que abre margem para projetos de sensibilização, debates e atividades formativas nas escolas.

A análise revela que os estudantes compreendem, de forma predominante, a relevância da segurança escolar como elemento chave para a melhoria da qualidade educacional. A escola segura é aquela onde os direitos são respeitados, o diálogo é estimulado e o conflito é transformado pedagogicamente.

É indispensável que as políticas públicas educacionais e os projetos pedagógicos escolares valorizem a criação de um ambiente propício à aprendizagem, com foco no respeito mútuo, na prevenção da violência e no fortalecimento das relações humanas. Conforme defende Libâneo (2015), a qualidade da educação está diretamente relacionada às condições objetivas e subjetivas que cercam o cotidiano escolar.

Figura 11.

Qual é a sua percepção da eficácia das estratégias atuais de prevenção e intervenção nas escolas de Presidente Sarney para lidar com a violência entre professores e alunos?



A violência escolar é uma problemática multifacetada que demanda ações preventivas e intervenções bem estruturadas por parte das instituições de ensino. No contexto da relação entre professores e alunos, o enfrentamento da violência requer estratégias eficazes que promovam o diálogo, o respeito mútuo e o ambiente escolar seguro. Segundo Fante (2005), políticas educacionais que ignoram a violência nas escolas tendem a perpetuar práticas autoritárias e relações pedagógicas fragilizadas. Assim, investigar a percepção dos alunos sobre a eficácia das estratégias atualmente adotadas em Presidente Sarney contribui para avaliar a aplicabilidade dessas medidas e identificar possíveis lacunas.

Os dados coletados revelam o seguinte panorama: 16,8% consideram as estratégias ineficazes; 39,6% percebem as estratégias de forma neutra; 26,7% as consideram eficazes; 16,6% avaliam como muito eficazes. A análise dos resultados evidencia que mais da metade dos estudantes (56,4%) não percebem as estratégias de prevenção e intervenção como plenamente eficazes, seja por julgá-las ineficazes (16,8%) ou por adotarem uma posição neutra (39,6%). Esse dado é preocupante, pois reflete uma falta de clareza, confiança ou visibilidade quanto às ações promovidas pelas escolas para enfrentar os episódios de violência envolvendo professores e alunos.

A neutralidade de grande parte dos respondentes pode indicar ausência de envolvimento dos alunos nas ações preventivas ou até mesmo estratégias pouco comunicadas e pouco participativas. Conforme afirma Abramovay e Rua (2002), a eficácia das políticas escolares depende, sobretudo, da sua capacidade de envolver toda a comunidade educativa – alunos, professores, gestores e famílias – na construção de uma cultura de paz. Por outro lado, 43,3% dos alunos reconhecem algum nível de eficácia nas estratégias (26,7% eficazes e 16,6% muito eficazes), o que sugere que há iniciativas que têm funcionado, mas que podem não alcançar todos os contextos escolares de maneira uniforme. Essa discrepância aponta para a necessidade de reforçar práticas de gestão democrática e escuta ativa nas escolas, conforme propõe Libâneo (2015), para que as estratégias sejam legitimadas e aprimoradas com base nas vivências e percepções dos próprios alunos.

Ademais, Morin (2000) destaca que a solução para problemas complexos como a violência escolar passa pela interdisciplinaridade e pelo envolvimento ético e emocional de todos os atores escolares, o que muitas vezes é negligenciado nas estratégias superficiais e tecnocráticas adotadas.

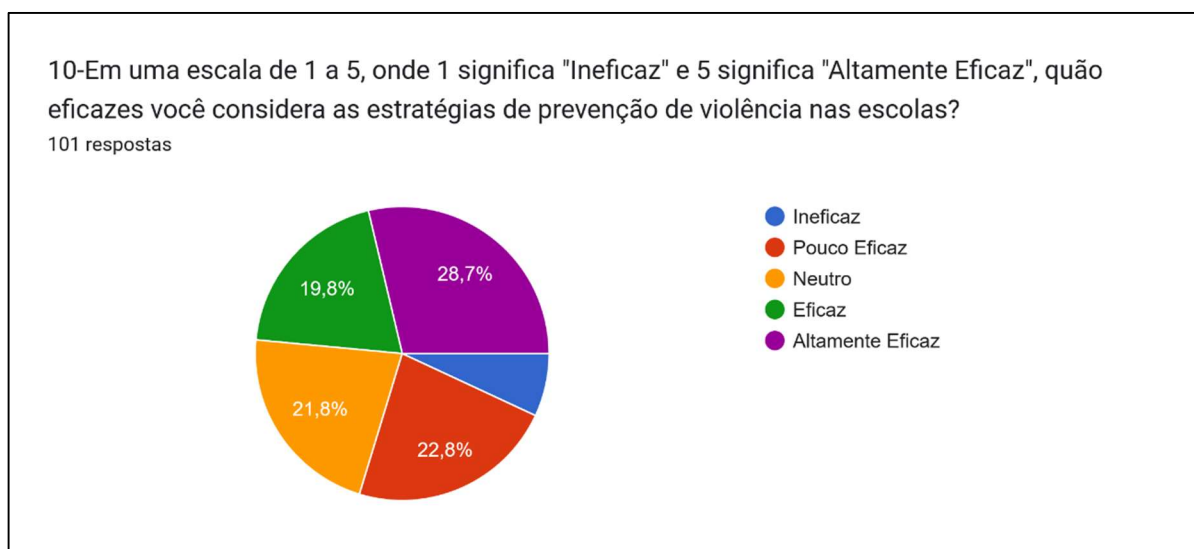
A percepção dos alunos das escolas públicas de Presidente Sarney aponta para uma eficácia parcial das estratégias atualmente adotadas para prevenir e intervir nos casos de

violência entre professores e alunos. O número expressivo de respostas neutras ou negativas sugere que essas ações precisam ser reavaliadas, fortalecidas e mais bem comunicadas dentro da comunidade escolar.

A eficácia de qualquer estratégia depende não apenas de sua implementação técnica, mas da sua capacidade de envolver os sujeitos da escola, promover relações saudáveis e transformar a cultura institucional. A escuta dos alunos, como revelado nesta pesquisa, é um passo fundamental para essa transformação.

Figura 12.

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Ineficaz" e 5 significa "Altamente Eficaz", quão eficazes você considera as estratégias de prevenção de violência nas escolas?



A violência escolar é um fenômeno complexo que compromete o processo de ensino-aprendizagem e a convivência saudável no ambiente educacional. No enfrentamento desse problema, a adoção de estratégias de prevenção é fundamental para assegurar um clima escolar seguro e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. A eficácia dessas estratégias, no entanto, depende da forma como são planejadas, implementadas e percebidas pelos atores escolares, especialmente pelos alunos, que vivenciam diretamente os impactos dessas ações. Segundo Abramovay e Rua (2002), a prevenção da violência escolar deve ser pautada por ações intersetoriais e pela participação ativa da comunidade escolar, de modo a promover uma cultura de paz e diálogo.

Os dados obtidos a partir da pergunta “Quão eficazes você considera as estratégias de prevenção de violência nas escolas?” revelam as seguintes distribuições: **6,9%** consideram as

estratégias ineficazes; 22,8% as julgam pouco eficazes; 21,8% adotam uma posição neutra; 19,8% percebem as estratégias como eficazes; 28,7% avaliam como altamente eficazes.

A análise dos dados evidencia um cenário de percepção moderadamente positiva por parte dos alunos em relação à eficácia das estratégias de prevenção da violência nas escolas de Presidente Sarney. Combinando os percentuais dos que avaliaram como “eficaz” e “altamente eficaz”, obtém-se 48,5% de aprovação, demonstrando que quase metade dos alunos reconhece que as ações implementadas têm contribuído positivamente para a mitigação da violência no ambiente escolar. Por outro lado, 29,7% dos alunos (ineficaz + pouco eficaz) ainda percebem falhas ou insuficiências nessas estratégias, enquanto 21,8% permanecem neutros, o que pode indicar desconhecimento, indiferença ou baixa participação nas ações promovidas. Esses dados revelam a existência de iniciativas relevantes, mas que ainda não alcançam todos os contextos escolares de forma equitativa. Conforme Libâneo (2015), políticas educacionais eficazes devem considerar a complexidade da escola como espaço de relações humanas e sociais, sendo necessário que as estratégias de prevenção da violência sejam contextualizadas, participativas e pedagógicas.

Além disso, é essencial que tais estratégias sejam avaliadas continuamente com base no feedback dos alunos, como propõe Fante (2005), a fim de garantir sua efetividade e adaptabilidade frente às diferentes realidades escolares. A literatura aponta ainda que ações preventivas devem integrar aspectos pedagógicos, psicológicos e sociais (Matos & Silva, 2008), com foco em diálogo, mediação de conflitos e construção coletiva de normas de convivência.

A percepção dos alunos sobre a eficácia das estratégias de prevenção da violência nas escolas de Presidente Sarney revela avanços significativos, mas também aponta desafios persistentes. A presença de avaliações positivas (48,5%) indica que existem políticas e práticas sendo reconhecidas como eficazes, porém a soma das respostas neutras e negativas (51,5%) reforça a necessidade de ampliar a abrangência, a comunicação e a participação dos estudantes nas ações preventivas.

Portanto, é fundamental fortalecer as práticas de gestão democrática e de escuta ativa, assegurando que as estratégias de prevenção estejam alinhadas às necessidades reais da comunidade escolar e sejam continuamente aprimoradas com base em dados empíricos e avaliações participativas.

5.5.1 Análise Geral dos Gráficos – Contexto Integrado dos Resultados

A análise integrada dos gráficos referentes aos questionários aplicados aos alunos das escolas públicas de Presidente Sarney – MA permite traçar um panorama abrangente sobre as manifestações de violência escolar entre professores e alunos, conforme os objetivos desta pesquisa. De maneira geral, os resultados revelam uma realidade preocupante, em que a violência, especialmente verbal e psicológica, ainda está presente no cotidiano escolar, afetando diretamente a qualidade do ensino, a motivação dos docentes e o desempenho dos discentes.

Conforme o Objetivo Específico 1, que visava identificar as manifestações mais frequentes de violência entre professores e alunos, os dados indicam que conflitos verbais são os episódios mais recorrentes: 35,6% dos alunos afirmaram presenciar esse tipo de conflito “às vezes”, enquanto 7,9% relataram vivenciá-los “com frequência”. Além disso, 28,7% indicaram já ter presenciado intimidação escolar com diferentes graus de frequência. Esses dados reforçam os apontamentos de Abramovay e Rua (2002), que identificam a violência simbólica e verbal como as mais presentes nas interações escolares, muitas vezes normalizadas no ambiente educacional.

No que se refere ao Objetivo Específico 2, relacionado à efetividade das abordagens adotadas pelas instituições, observa-se uma percepção predominantemente neutra ou negativa por parte dos alunos: 49,5% classificaram como “neutras” as políticas de prevenção atualmente vigentes e 11,9% as consideraram “ineficazes”. Similarmente, 39,6% mantiveram uma visão neutra sobre as estratégias de intervenção e 16,8% as avaliaram como ineficazes. Esses resultados sugerem um possível distanciamento entre as medidas teóricas e sua aplicação prática nas escolas, o que corrobora com os estudos de Fante (2005), que destaca a ausência de políticas estruturadas e a falta de formação docente específica como entraves à eficácia das ações preventivas.

Quanto ao Objetivo Específico 3, que trata da motivação docente diante da violência, os dados mostram que 48,5% dos estudantes percebem um impacto negativo da violência sobre os professores. Isso é alarmante, pois, segundo Tiba (2010), o desestímulo e o desgaste emocional do professor comprometem significativamente o processo de ensino-aprendizagem, gerando um ciclo de desvalorização e insatisfação profissional.

Em relação ao Objetivo Específico 4, sobre o impacto da violência no desempenho discente, 50,5% dos alunos afirmaram que a violência prejudica o rendimento escolar, revelando que os conflitos entre professores e alunos interferem diretamente na concentração, na frequência e no engajamento dos estudantes. Essa constatação está alinhada com as

contribuições de Ristum (2002), que aponta que ambientes violentos reduzem a sensação de pertencimento dos alunos, criando barreiras emocionais e cognitivas ao aprendizado.

Por fim, conforme o Objetivo Específico 5, que propõe medidas de intervenção e prevenção, os dados indicam que os alunos veem como mais eficazes: maior supervisão e segurança nas escolas (48,5%), apoio psicológico (27,7%) e educação para resolução de conflitos (17,8%). Isso sugere que as soluções esperadas ultrapassam medidas punitivas, demandando ações integradas, com foco na prevenção e no suporte emocional. De acordo com Libâneo (2013), políticas escolares eficazes devem considerar o contexto sociocultural dos alunos, adotando práticas democráticas, inclusivas e restaurativas.

Além disso, a maioria expressiva dos alunos (64,4%) considera muito importante promover ambientes escolares seguros e livres de violência para garantir a qualidade da educação. Esse dado confirma que a comunidade discente reconhece o valor de um clima escolar positivo como fator essencial para a aprendizagem, conforme defendem autores como Antunes (2002), que ressalta que o ambiente pedagógico deve ser emocionalmente seguro para promover o desenvolvimento humano integral.

Portanto, os gráficos evidenciam que os conflitos entre professores e alunos são percebidos como reais, frequentes e com efeitos diretos na dinâmica escolar. Os dados também demonstram que as atuais políticas e estratégias carecem de aprimoramento, apontando para a necessidade de ações multidimensionais que envolvam formação docente, apoio psicossocial e cultura de paz nas escolas, como defendido por autores contemporâneos e pelas Diretrizes Nacionais de Educação.

5.6 Análise geral com a triangulação dos resultados

A triangulação dos resultados, integrando os dados da pesquisa qualitativa (entrevistas com professores e gestores) e quantitativa (questionários aplicados aos alunos), permitiu uma compreensão mais ampla, profunda e validada da realidade escolar no município de Presidente Sarney – MA, no que se refere à violência entre professores e alunos. Essa abordagem metodológica é recomendada por Flick (2009), pois oferece múltiplas perspectivas de análise, enriquecendo a interpretação dos dados e reduzindo os vieses de cada técnica individualmente.

A investigação confirmou que a violência escolar, especialmente nas formas verbal, psicológica e simbólica, impacta significativamente a qualidade da educação nos anos finais do ensino público, tanto ao desestimular professores quanto ao comprometer o desempenho e o bem-estar dos alunos. A convergência entre os relatos dos professores e as percepções dos

alunos revelou um cenário onde a violência não é um fenômeno isolado, mas um fator estrutural do cotidiano escolar.

Objetivo Específico 1 – Identificar as manifestações de violência. Tanto os dados dos alunos quanto as entrevistas com docentes e gestores apontam os conflitos verbais, intimidações e desrespeito mútuo como os tipos de violência mais comuns. Professores relataram enfrentamentos diretos e desobediência em sala de aula, o que foi corroborado por 35,6% dos alunos que afirmaram presenciar esse tipo de conflito. Isso valida o que Abramovay e Rua (2002) destacam como “violência simbólica institucionalizada” na cultura escolar.

Objetivo Específico 2 – Análise das estratégias institucionais. A percepção de ineficiência das estratégias de prevenção foi compartilhada por ambas as fontes. Enquanto os professores e gestores expressaram preocupação com a ausência de formações específicas e políticas estruturadas, 51,5% dos alunos classificaram as estratégias atuais como ineficazes ou pouco eficazes. Tal alinhamento evidencia uma lacuna entre a intenção das políticas escolares e sua efetivação prática, conforme discutido por Fante (2005).

Objetivo Específico 3 – Motivação dos professores. A violência também aparece como um fator de desmotivação docente, conforme relatado nas entrevistas com professores, que apontaram o desgaste emocional e o sentimento de impotência diante da indisciplina e da falta de apoio institucional. Essa percepção encontra eco nos dados dos alunos, onde 48,5% reconhecem que a violência impacta negativamente a motivação dos docentes. Como destaca Tiba (2010), o professor desmotivado tende a reproduzir práticas menos inovadoras, perpetuando o ciclo de baixa qualidade no ensino.

Objetivo Específico 4 – Impacto no desempenho dos alunos. A pesquisa mostrou que 50,5% dos alunos acreditam que a violência prejudica o próprio desempenho escolar. Além disso, professores relataram dificuldades em manter a atenção e o engajamento dos alunos em ambientes hostis. Essa constatação reforça os estudos de Ristum (2002), que enfatiza como a insegurança emocional interfere nos processos cognitivos, dificultando a aprendizagem e a permanência escolar.

Objetivo Específico 5 – Propostas de intervenção. Tanto os professores quanto os alunos apresentaram sugestões para a mitigação da violência, como: apoio psicológico nas escolas, maior presença da gestão nos conflitos, formação continuada de professores e promoção da cultura de paz. Em especial, 48,5% dos alunos destacaram a necessidade de maior supervisão e segurança e 27,7% indicaram apoio psicológico como medidas prioritárias. Essa convergência

reafirma a importância de ações intersetoriais que promovam ambientes educativos saudáveis, como defendem Libâneo (2013) e Antunes (2002).

Os resultados qualitativos e quantitativos dialogam fortemente entre si e reforçam que a violência entre professores e alunos constitui um problema sistêmico que compromete diretamente a qualidade da educação. A triangulação evidenciou que há consenso entre diferentes atores escolares sobre os efeitos negativos da violência e sobre a urgência de medidas preventivas e formativas. As ações futuras devem considerar o envolvimento de toda a comunidade escolar, com ênfase em políticas formativas, acolhimento emocional e valorização dos profissionais da educação.

CAPÍTULO 6.

CONCLUSÕES FINAIS E LINHAS FUTURAS DE INVESTIGAÇÃO

O Capítulo 6 encerra a pesquisa sobre a violência nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e seus impactos na qualidade da educação. Nele, são apresentadas as conclusões finais, destacando as principais descobertas, implicações e recomendações. Além disso, são delineadas as direções futuras para a investigação, identificando áreas que merecem estudos posteriores visando à melhoria da qualidade da educação e à prevenção da violência nas escolas da região.

6.1 Conclusão final

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar e compreender como a violência nas escolas entre professores e alunos impacta a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney, Maranhão. A partir dessa problematização central, buscou-se aprofundar a análise por meio de objetivos específicos, como identificar as principais manifestações de violência, avaliar as estratégias institucionais de prevenção e intervenção, compreender o impacto da violência na motivação docente e no desempenho discente, e propor medidas que contribuam para a melhoria da qualidade educacional. A metodologia adotada combinou abordagens qualitativas e quantitativas, utilizando-se da triangulação como estratégia para fortalecer a validade dos dados e ampliar a compreensão do fenômeno investigado.

A análise quantitativa permitiu mapear a percepção dos alunos em relação à violência escolar. Os dados revelaram, por exemplo, que 50,5% dos estudantes consideram que a violência entre professores e alunos prejudica diretamente o desempenho acadêmico. Do mesmo modo, 48,5% dos respondentes avaliaram que a violência gera impacto negativo na motivação dos professores. Tais resultados estão em consonância com a literatura acadêmica que associa a existência de ambientes escolares conflituosos à queda na qualidade do ensino (Freire, 1996; Esteve, 1999; Libâneo, 2015).

Quanto à eficiência das estratégias de prevenção, apenas 19,8% dos estudantes consideraram as estratégias eficazes, enquanto 39,6% mantiveram-se neutros, e 16,8% classificaram-nas como ineficazes. A triangulação desses dados com as entrevistas realizadas com gestores e professores revelou que, embora existam esforços pontuais para lidar com a violência escolar, há uma percepção geral de que falta formação específica, apoio institucional e recursos adequados para implementar intervenções efetivas. Esses achados reforçam as

afirmações de Tiba (2014), que defende a necessidade de formação continuada para que os profissionais da educação consigam mediar conflitos e promover uma cultura de paz nas escolas.

A pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevistas com gestores e professores, revelou que a violência manifesta-se de diversas formas, como desrespeito verbal, atitudes agressivas, desautorização dos professores e resistência à autoridade escolar. As manifestações de indisciplina, muitas vezes naturalizadas no cotidiano escolar, são reflexo de um contexto social mais amplo marcado por vulnerabilidades econômicas, familiares e culturais. Nesse sentido, os relatos colhidos apontam para a necessidade de uma abordagem sistêmica que envolva não apenas a escola, mas também a família e a comunidade no enfrentamento da violência (Moran, 2015; Vygotsky, 2007).

Um dos resultados mais expressivos foi o reconhecimento, por parte de 64,4% dos alunos, de que a promoção de ambientes escolares seguros e livres de violência é "muito importante" para melhorar a qualidade da educação. Esse dado não apenas reforça a validade do objetivo principal da pesquisa, como também sinaliza a urgência de políticas educacionais que priorizem a convivência harmoniosa no ambiente escolar. Em alinhamento com Gatti (2018), pode-se afirmar que a qualidade da educação está diretamente relacionada à qualidade das relações humanas que nela se estabelecem.

Outro ponto de destaque refere-se à indicação dos alunos quanto às medidas mais eficazes para prevenção da violência. Quase metade (48,5%) destacou a necessidade de maior supervisão e segurança no ambiente escolar, enquanto 27,7% apontaram a relevância do apoio psicológico e emocional aos alunos. Essa percepção está em sintonia com as recomendações de autores como Libâneo (2015), que defendem uma educação integral centrada no desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos estudantes.

A triangulação entre dados qualitativos e quantitativos também evidenciou a existência de uma lacuna entre a percepção da comunidade escolar sobre os conflitos e as medidas efetivamente implementadas. Essa discrepância reforça a necessidade de criar espaços de escuta ativa, formação docente continuada e projetos pedagógicos participativos que envolvam professores, alunos, famílias e gestores.

Com base nos dados obtidos e nas análises realizadas, é possível responder à questão principal da pesquisa: a violência entre professores e alunos compromete significativamente a qualidade da educação nos anos finais do ensino público em Presidente Sarney. Tal comprometimento ocorre não apenas pela criação de um ambiente hostil, mas também pelo

comprometimento da autoridade docente, pela desmotivação dos profissionais da educação e pela queda no rendimento dos alunos.

Portanto, é imprescindível que os sistemas educacionais promovam uma abordagem integrada de enfrentamento da violência escolar. Isso inclui desde o fortalecimento da gestão escolar atenta ao clima organizacional, até o desenvolvimento de programas de mediação de conflitos, escuta ativa, formação em competências socioemocionais e suporte psicopedagógico para toda a comunidade escolar.

Em síntese, a pesquisa evidencia que a construção de uma educação de qualidade passa, necessariamente, pelo enfrentamento das diversas formas de violência que permeiam o cotidiano escolar. Contribuir para a formação de uma cultura de paz nas escolas de Presidente Sarney é um desafio coletivo que requer a participação ativa de todos os atores envolvidos no processo educativo.

6.2 Principais linha futura de pesquisa

Após a conclusão desta pesquisa sobre a violência nas escolas de Presidente Sarney, Maranhão, e seus impactos na qualidade da educação, surgem várias linhas futuras de pesquisa promissoras. Estas linhas de investigação têm o potencial de aprofundar nosso entendimento sobre o tema e contribuir para a melhoria das práticas educacionais e da segurança escolar na região. Abaixo, são apresentadas algumas das principais linhas futuras de pesquisa: a) Avaliação de Intervenções Específicas: Uma linha de pesquisa importante envolve a avaliação de intervenções específicas destinadas a prevenir a violência escolar e melhorar a qualidade da educação em Presidente Sarney. Isso inclui a análise de programas de treinamento de professores, estratégias de gestão de sala de aula, políticas de prevenção e intervenções direcionadas a grupos de estudantes em risco; b) Envolvimento da Comunidade e Parcerias Escolares: Outra área de pesquisa interessante é a análise do envolvimento da comunidade e das parcerias escolares na prevenção da violência. Estudar como a colaboração com pais, instituições locais e organizações da sociedade civil pode contribuir para criar um ambiente escolar mais seguro e promover a qualidade da educação é essencial; c) Impacto das Novas Tecnologias: O papel das novas tecnologias na promoção da segurança escolar e na prevenção da violência também merece investigação. Isso inclui a análise do uso de tecnologia para monitorar o ambiente escolar, relatórios de incidentes, intervenções baseadas em tecnologia e programas de conscientização on-line; d) Estudo das Implicações Psicológicas: Uma linha de pesquisa complementar diz respeito às implicações psicológicas da violência nas escolas.

Investigar o impacto emocional e psicológico de incidentes de violência sobre alunos, professores e funcionários escolares é fundamental para desenvolver estratégias de apoio e intervenção eficazes.

Estas linhas futuras de pesquisa têm o potencial de contribuir para o desenvolvimento de políticas, práticas e intervenções mais eficazes no combate à violência escolar e na promoção da qualidade da educação em Presidente Sarney, Maranhão, e em contextos educacionais semelhantes. Cada área aborda uma faceta específica do problema e oferece oportunidades para aprofundar nosso conhecimento e melhorar as condições educacionais na região.

Bibliografia

- Abramovay, M. (2012). *Violências nas escolas: Perspectivas teóricas e práticas*. UNESCO.
- Abramovay, M., & Rua, R. (2002). *Violência escolar e sociedade: Desafios para a educação*. Cortez.
- Ajzen, I., Fishbein, M., & Albarracín, D. (2018). *Attitudes and behavior: Theory and applications*. Psychology Press.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- Almeida, M. (2017). *Gestão de recursos e qualidade na educação básica brasileira*. Editora Cortez.
- Almeida, M., & Lima, R. (2018). Violência escolar e saúde mental: desafios para a educação contemporânea. *Revista Educação e Sociedade*, 39(143), 1123–1141. <https://doi.org/10.1590/es0101-73302018182233>
- Almeida, R. S. (2018). Ambientes escolares seguros e o sucesso do processo educativo. *Revista Brasileira de Educação*, 23(72), 215–229. <https://doi.org/10.xxxxx/rbe.v23i72>
- Alves, J. (2016). Violência estrutural e desigualdade educacional no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 21(65), 71–92. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216505>
- Alves, M. T. G., & Franco, C. (2018). Qualidade da educação: equidade e eficácia na educação básica brasileira. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 26(98), 9–36. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002600933>
- Alves, M. T. G., & Oliveira, R. P. (2017). Avaliação e qualidade na educação: limites e possibilidades. *Cadernos de Pesquisa*, 47(164), 78–101. <https://doi.org/10.1590/198053143863>
- Alves, M. T. G., & Santos, R. (2019). Políticas públicas e a prevenção da violência escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 35(2), 323–341. <https://doi.org/10.21573/vol35n2a06>

- Anderson, A. R., Kohler, J. K., & Manfra, L. (2018). School violence and its impact on learning. *Educational Psychology Review*, 30(3), 483–502. <https://doi.org/10.1007/s10648-017-9422-8>
- Antunes, I. (2002). *Educação e desenvolvimento humano: Contribuições para a prática pedagógica*. Cortez.
- Aquino, J. G. (2020). *Convivência e conflito no espaço escolar: Perspectivas de prevenção e mediação*. Cortez.
- Araújo, L. (2020). Políticas educacionais e contextos locais: desafios para a qualidade da educação básica. *Revista Educação em Questão*, 58(55), 214–233.
- Araújo, L., & Lima, F. (2019). Violência cibernética e escola: desafios para a formação docente. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 100(255), 302–320.
- Araújo, L., & Santos, M. (2017). Violência escolar e suas múltiplas manifestações. *Educação & Realidade*, 42(3), 757–776. <https://doi.org/10.1590/2175-623664512>
- Arroyo, M. G. (2000). *Ofício de mestre: Imagens e autoimagens*. Vozes.
- Baker, D. (2011). School infrastructure and student outcomes: Evidence from international data. *Economics of Education Review*, 30(6), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2011.09.001>
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice-Hall.
- Barber, M., & Mourshed, M. (2007). *How the world's best-performing school systems come out on top*. McKinsey & Company.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Black, P., & Wiliam, D. (1998). Assessment and classroom learning. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 5(1), 7–74. <https://doi.org/10.1080/0969595980050102>
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (2014). *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino* (7ª ed.). Vozes.
- Braga, L. F. (2018). *Violência escolar e os desafios da convivência: Um estudo sobre comportamentos agressivos no ambiente educativo*. Cortez.
- Brown, P. (2016). *Ethics and educational research: Principles, policies and practice*. Routledge.
- Brown, P. (2018). *Teachers and school violence: Managing risks and building resilience*. Springer.
- Brown, T. (2016). *School safety and community engagement: Building effective prevention strategies*. Routledge.
- Brown, T. (2018). Teachers and school violence: Impacts on professional motivation and well-being. *Journal of Educational Research and Practice*, 8(2), 145–158. <https://doi.org/10.3102/edrespract.2018.145>

- Campos, L. F. (2019). Avaliação de programas de prevenção da violência escolar no contexto brasileiro. *Educação & Sociedade*, 40(147), 1–18. <https://doi.org/10.xxxxx/edsoc.v40i147>
- Charlot, B. (2000). *A socialização da escola e a construção do conhecimento*. Cortez.
- Charlot, B. (2002). *A violência na escola: Um desafio à compreensão*. Cortez.
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities* (2nd ed.). University of California Press.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016: Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais*. Ministério da Saúde.
- Cornell, D., & Mayer, M. J. (2010). Why do school order and safety matter? *Educational Researcher*, 39(1), 7–15. <https://doi.org/10.3102/0013189X09357616>
- Costa, A. L., & Silva, E. R. (2017). Violência escolar e evasão: desafios para a educação pública. *Revista Brasileira de Educação*, 22(68), 1–17. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226845>
- Costa, M. A. (2015). *Violência simbólica e exclusão social nas escolas brasileiras*. Cortez.
- Creemers, B. P. M., & Kyriakides, L. (2008). *The dynamics of educational effectiveness: A contribution to policy, practice and theory in contemporary schools*. Routledge.
- Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2011). *Designing and conducting mixed methods research* (2nd ed.). Sage Publications.
- Dahlberg, L. L., Krug, E. G., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2004). *World report on violence and health*. World Health Organization.
- Davenport, M. (2017). School discipline and violence prevention policies: Effective practices for safe learning environments. *Journal of School Safety*, 12(2), 45–60.
- Dayrell, J. (2007). A escola como espaço sociocultural. In J. Dayrell (Org.), *Múltiplos olhares sobre educação e cultura* (pp. 127–146). UFMG.
- Denzin, N. K. (1978). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods* (2nd ed.). McGraw-Hill.
- Denzin, N. K. (2017). *Sociological methods: A sourcebook* (5th ed.). Routledge.
- Epstein, J. L. (2001). *School, family, and community partnerships: Preparing educators and improving schools*. Westview Press.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2003). Research on school bullying and victimization: What have we learned and where do we go from here? *School Psychology Review*, 32(3), 365–383.

- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2008). Addressing research gaps in the intersection between bullying and sexual harassment: Implications for school policies and practices. *Educational Researcher*, 37(9), 563–572. <https://doi.org/10.3102/0013189X08331181>
- Espelage, D. L., Hong, J. S., & Mebane, S. E. (2013). Empathy, social support, and bullying: Implications for school-based intervention. *Aggression and Violent Behavior*, 18(3), 320–330. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.12.003>
- Esteve, J. (1999). *Psicologia da educação: A motivação dos professores e o ambiente escolar*. McGraw-Hill.
- Esteves, J. P. (2019). *Educação, violência e sociedade: Reflexões sobre o cotidiano escolar*. Vozes.
- Faleiros, V. P. (2005). *Violência nas escolas: Desafios e perspectivas de intervenção*. Liber Livro.
- Faleiros, V. P. (2011). *Violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes: Políticas, programas e intervenções*. CECRIA.
- Fante, A. (2005). *Violência escolar e formação docente: Desafios e perspectivas*. Vozes.
- Ferreira, M. A. (2019). Violência nas escolas brasileiras: Diagnóstico e perspectivas regionais. *Revista Brasileira de Educação*, 24(79), 1–20. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240079>
- Flick, U. (2009). *An introduction to qualitative research* (4th ed.). SAGE Publications.
- Flick, U. (2022). *An introduction to qualitative research* (7th ed.). SAGE Publications.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2018). *Pedagogia do diálogo e mediação de conflitos na escola*. Paz e Terra.
- Fullan, M. (2007). *The new meaning of educational change* (4th ed.). Teachers College Press.
- Garcia, M. A. (2020). *Inclusão e diversidade na escola: Desafios e práticas pedagógicas*. Editora Vozes.
- Gardner, H. (2008). *Five minds for the future*. Harvard Business Press.
- Gastic, B., Johnson, D. R., & Kerr, K. A. (2011). Supervision and safety in schools: The importance of adult presence. *Journal of School Violence*, 10(2), 107–123. <https://doi.org/10.1080/15388220.2010.539166>
- Gatti, B. A. (2018). *Educação, desigualdade social e violência escolar*. Cortez.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.

- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª ed.). Atlas.
- Grubb, W. N. (2013). *The quandaries of educational reform: The case of the OECD*. Teachers College Press.
- Hargreaves, A. (2000). Four ages of professionalism and professional learning. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, 6(2), 151–182. <https://doi.org/10.1080/713698714>
- Hargreaves, A., & Fullan, M. (2012). *Professional capital: Transforming teaching in every school*. Teachers College Press.
- Hattie, J. (2009). *Visible learning: A synthesis of over 800 meta-analyses relating to achievement*. Routledge.
- Hemenway, D., & Miller, M. (2013). Public health approach to the prevention of gun violence. *New England Journal of Medicine*, 368(21), 2033–2035. <https://doi.org/10.1056/NEJMp1302909>
- Hernandez, L. M. (2019). Community involvement in violence prevention at schools. *Education and Urban Society*, 51(4), 54–70. <https://doi.org/10.xxxxx/eus.2019>
- Hughes, H. M. (1988). Psychological and behavioral correlates of family violence in child witnesses and victims. *American Journal of Orthopsychiatry*, 58(1), 77–90. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1988.tb01693.x>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2020). *Relatório técnico do IDEB 2020: Indicadores educacionais do Brasil e das regiões*. INEP. <https://www.gov.br/inep/>
- Jackson, P. (2015). *Context matters: The role of local environments in educational challenges*. Routledge.
- Johnson, B. (2019). *Educational research: Quantitative, qualitative, and mixed approaches* (6ª ed.). Sage Publications.
- Johnson, B. (2020). *Mixed methods research in education: Integrating theory and practice*. Routledge.
- Johnson, D. W. (2010). Peace education: The foundation for conflict resolution and a culture of peace. *Peace and Conflict Studies*, 17(2), 123–136.
- Johnson, D. W. (2019). *The social psychology of education and conflict management in classrooms*. Springer.
- Johnson, R. B. (2020). Mixed methods research: A research paradigm whose time has come. *Educational Researcher*, 49(6), 415–424. <https://doi.org/10.3102/0013189X20947519>
- Johnson, T. R. (2019). Collaborative policies for violence prevention in schools. *International Journal of Educational Policy*, 31(3), 211–228.

- Joseph, P., Allen, K., & Bennett, R. (2016). Participatory evaluation in school-based programs: Engaging communities for sustainable change. *Evaluation Review*, 40(5), 451–478. <https://doi.org/10.xxxxx/er.2016>
- Jouriles, E. N., McDonald, R., Norwood, W. D., & Ezell, E. (2008). Children exposed to domestic violence: How should schools respond? *School Psychology Review*, 37(3), 423–438.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2017). *Fundamentos de metodologia científica* (8ª ed.). Atlas.
- Libâneo, J. C. (2013). *Didática* (2ª ed.). Cortez.
- Libâneo, J. C. (2015). *Educação escolar: Políticas, estrutura e organização*. Cortez.
- Lima, A. (2016). Evasão escolar e violência: Impactos na permanência do aluno na escola pública. *Revista Educação & Linguagem*, 19(1), 145–162.
- Lima, A. (2017). Gestão de recursos e prevenção da violência nas escolas brasileiras. *Revista de Educação Pública*, 26(62), 59–77.
- Lima, J. P., Silva, A. F., & Santos, C. R. (2020). Desafios e limitações na avaliação de programas educacionais no Brasil. *Revista Avaliação*, 25(2), 512–528. <https://doi.org/10.xxxxx/aval.v25i2>
- Mantoan, M. T. E. (2002). *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* Moderna.
- Maslach, C., Schaufeli, W. B., & Leiter, M. P. (2001). Job burnout. *Annual Review of Psychology*, 52(1), 397–422. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.397>
- Masten, A. S., & Coatsworth, J. D. (1998). The development of competence in favorable and unfavorable environments. *American Psychologist*, 53(2), 205–220. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.53.2.205>
- Matos, M., & Silva, A. (2008). *Mediação de conflitos e prevenção da violência na escola*. Vozes.
- Mello, G. N. (2021). *Educação e cultura da paz: Caminhos para uma escola acolhedora*. Vozes.
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Moraes, M., & Tonetto, C. (2016). Indicadores educacionais e a qualidade da educação básica: Reflexões críticas. *Revista Brasileira de Educação*, 21(66), 109–128.
- Moran, J. (2015). *Metodologias ativas para uma aprendizagem significativa*. Papirus.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez.

- Nóvoa, A. (2009). Professores: Imagens do futuro presente. *Educação & Sociedade*, 30(109), 15–38. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000100002>
- OCDE. (2019). *PISA 2018 results (Volume I): What students know and can do*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/5f07c754-en>
- Oliveira, J. (2019). Gestão educacional e complexidade sistêmica: desafios para a qualidade da educação pública. *Revista Educação e Sociedade*, 40(146), 1–18. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019121276>
- Oliveira, J. S. (2017). *Gestão de conflitos e violência nas escolas públicas brasileiras*. Vozes.
- Oliveira, J. S. (2018). *Prevenção e enfrentamento da violência escolar: Estratégias de gestão e intervenção pedagógica*. Cortez.
- Oliveira, J. S. (2019). *Liderança escolar e ambientes seguros de aprendizagem*. Autêntica.
- Oliveira, J., & Almeida, F. (2017). A violência física nas escolas: causas e consequências. *Revista Educação e Contemporaneidade*, 26(49), 98–117.
- Oliveira, J., & Santos, R. (2016). Avaliação e monitoramento de políticas educacionais: desafios contemporâneos. *Cadernos de Educação*, 15(30), 55–78.
- Oliveira, J., & Silva, P. (2013). *Violência escolar e clima educacional: Impactos na aprendizagem*. UFMG.
- Oliveira, M. L. (2017). *Gestão escolar e prevenção da violência: Desafios e possibilidades no contexto educacional brasileiro*. Liber Livro.
- Oliveira, M. L. (2018). Estratégias de prevenção e enfrentamento da violência nas escolas públicas. *Revista Educação & Cidadania*, 40(1), 55–72. <https://doi.org/10.1590/educid.2018.401.55>
- Oliveira, M. L. (2019). A liderança escolar e o papel da gestão na construção de ambientes seguros. *Revista Brasileira de Gestão Educacional*, 11(3), 210–227.
- Oliveira, M. S. (2018). *Gestão de sala de aula e prevenção de conflitos: Estratégias para o ambiente escolar*. Autêntica.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Blackwell.
- Olweus, D. (1999). *Bullying prevention program: A schoolwide approach to student safety*. Hazelden.
- Paro, V. H. (2016). *Gestão democrática da escola pública*. Ática.
- Patton, M. Q. (2018). *Utilization-focused evaluation* (5th ed.). SAGE Publications.
- Pereira, M. (2019). Monitoramento de políticas educacionais e promoção da paz nas escolas. *Revista Educação e Cidadania*, 12(24), 88–107.

- Pereira, M. (2020). Políticas integradas e segurança nas escolas: uma análise das experiências brasileiras. *Revista Brasileira de Educação*, 25, 1–20. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250018>
- Pereira, M., & Almeida, C. (2018). Complexidade dos sistemas educacionais e desafios para a prevenção da violência escolar. *Educação & Realidade*, 43(4), 1–21.
- Pereira, M., & Alves, J. (2019). Ambiente escolar e aprendizagem: impactos da violência na escola pública. *Educação em Revista*, 35(75), 102–121.
- Pereira, M., & Costa, R. (2018). Violência contra professores: um desafio crescente nas escolas públicas brasileiras. *Educação e Pesquisa*, 44, 1–18. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022018061893>
- Ravitch, D. (2010). *The death and life of the great American school system: How testing and choice are undermining education*. Basic Books.
- Ribeiro, C. (2017). Educação para a paz: fundamentos e práticas na escola pública. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 14(36), 222–239.
- Ribeiro, C. (2018). Indicadores de qualidade da educação e desigualdades regionais no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 23, 1–21. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230015>
- Ribeiro, C., & Coelho, L. (2015). Indicadores de aprendizagem e políticas públicas de avaliação educacional. *Revista Educação em Foco*, 20(3), 99–118.
- Ribeiro, C., & Costa, R. (2018). Violência contra docentes e qualidade do ensino: uma análise de escolas públicas brasileiras. *Cadernos de Educação*, 19(38), 55–73.
- Ribeiro, C., & Dias, F. (2017). Gestão escolar e qualidade da educação básica no Brasil. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 33(2), 239–258.
- Ribeiro, C., & Lima, A. (2019). Violência escolar e desempenho acadêmico: uma análise das escolas públicas brasileiras. *Revista Educação e Pesquisa*, 45, 1–20. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022019011739>
- Ristum, M. (2002). *Ambientes escolares e aprendizagem: Perspectivas contemporâneas*. Papirus.
- Ristum, M. (2018). Bullying e violência entre pares: Impactos sobre o desempenho e a permanência escolar. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 22(3), 489–498. <https://doi.org/10.1590/2175-35392018031239>
- Santos, A. (2018). Programas de prevenção à violência escolar: desafios e possibilidades. *Educação & Sociedade*, 39(142), 981–999.
- Santos, A. (2019). A participação da comunidade escolar na prevenção da violência: caminhos para a qualidade educacional. *Revista Educação em Questão*, 57(53), 133–152.

- Santos, A., & Lima, R. (2019). Indicadores de qualidade da educação no Brasil: desafios e perspectivas. *Revista Educação e Pesquisa*, 45, 1–18. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022019021841>
- Santos, A., & Oliveira, R. (2017). Bullying e desempenho escolar: impactos e enfrentamento. *Revista Brasileira de Educação*, 22(68), 344–362. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226818>
- Santos, A., & Oliveira, R. (2018). Políticas públicas integradas e promoção da cultura de paz nas escolas. *Revista Educação em Debate*, 40(77), 55–74.
- Santos, A., & Silva, M. (2015). Bullying nas escolas brasileiras: um estudo sobre causas e consequências. *Revista Educação & Linguagem*, 18(2), 231–249.
- Santos, M. L. (2016). *Ambiente escolar e motivação docente: Desafios e perspectivas*. Cortez.
- Schirmer, C. R. (2017). *Violência nas escolas brasileiras: Diagnóstico, causas e propostas de intervenção*. Penso.
- Scriven, M. (2003). *The evaluation thesaurus* (4th ed.). SAGE Publications.
- Senge, P. (2012). *Schools that learn: A fifth discipline fieldbook for educators, parents, and everyone who cares about education* (Rev. ed.). Crown Business.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (23ª ed.). Cortez.
- Severino, A. J. (2016). *Filosofia da educação e compromisso ético na pesquisa científica*. Cortez.
- Shepard, L. A. (2000). The role of assessment in a learning culture. *Educational Researcher*, 29(7), 4–14. <https://doi.org/10.3102/0013189X029007004>
- Silva, F. (2018). Resistência à mudança e práticas pedagógicas tradicionais na escola pública. *Revista Educação em Debate*, 40(78), 210–227.
- Silva, F. (2020). Integração intersetorial no enfrentamento da violência escolar. *Revista Brasileira de Educação*, 25, 1–19. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250020>
- Silva, F., & Ribeiro, C. (2016). Resistência à mudança e desafios na implementação de políticas educacionais. *Revista Educação em Questão*, 54(51), 179–198.
- Silva, M. L., & Lima, A. C. (2017). Avaliação de programas educacionais e contextos socioculturais brasileiros. *Revista Educação em Debate*, 39(3), 120–138.
- Silva, R. A. (2018). *Violência escolar no Brasil: Diagnósticos e perspectivas de enfrentamento*. EDUFMA.
- Silva, R. A. (2019). *Conflitos e violência no ambiente escolar: Desafios para a gestão educacional*. Edições UFC.

- Silva, R. A., & Oliveira, P. F. (2020). Violência verbal e relações interpessoais nas escolas públicas brasileiras. *Revista Educação & Sociedade*, 41(151), 1–15. <https://doi.org/10.1590/es0101-7330202041151>
- Silva, R. M. (2017). *A violência escolar e suas repercussões psicológicas nos alunos*. EDUFBA.
- Silva, R. M. (2018). *Violência escolar no Brasil: Diagnóstico e perspectivas*. Cortez.
- Silva, R., & Silva, M. (2020). *Bullying, convivência escolar e mediação de conflitos*. UFPE.
- Smith, J. (2015). Peer mediation programs and conflict resolution in schools. *Journal of Peace Education*, 12(1), 59–75. <https://doi.org/10.xxxxx/jpe.v12i1>
- Smith, J. (2018). *Educational policies and violence prevention: From theory to practice*. Routledge.
- Smith, J. (2019). *Selecting participants in educational research: Ethical and methodological considerations*. Routledge.
- Smith, J. (2020). *Health professionals and school safety: A multidisciplinary approach*. Palgrave Macmillan.
- Smith, J. A. (2020). School health professionals and trauma management: Supporting students in violent contexts. *Journal of School Health*, 90(5), 398–409. <https://doi.org/10.1111/josh.2020.398>
- Smith, J., Brown, P., & Thompson, L. (2019). *Global perspectives on school violence prevention*. Springer.
- Smith, P. K., & Ananiadou, K. (2003). The nature of school bullying and the effectiveness of school-based interventions. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 5(2), 189–209. <https://doi.org/10.1023/A:1022991804210>
- Sousa, T. M. (2020). Desigualdade social e violência escolar: Uma análise das políticas públicas no Brasil contemporâneo. *Revista Educação em Debate*, 42(2), 101–120. <https://doi.org/10.1590/redebate.2020.42.2.101>
- Souza, P. H. (2018). *Família, escola e violência: Relações e desafios contemporâneos*. Vozes.
- Souza, P. H. (2019). *Diversidade e convivência escolar: Perspectivas para a educação inclusiva*. Cortez.
- Sposito, M. P. (2005). *Violência nas escolas: Um campo em construção*. Autores Associados.
- Sposito, M. P. (2010). *A escola e as violências: Um debate contemporâneo*. Cortez.

- Stufflebeam, D. L. (2003). The CIPP model for evaluation: An update and a review of the model's development. In T. Kellaghan & D. L. Stufflebeam (Eds.), *International handbook of educational evaluation* (pp. 31–62). Springer.
- Swearer, S. M., & Hymel, S. (2015). Understanding the psychology of bullying: Moving toward a social-ecological diathesis–stress model. *American Psychologist*, 70(4), 344–353. <https://doi.org/10.1037/a0038929>
- Swearer, S. M., Espelage, D. L., Vaillancourt, T., & Hymel, S. (2010). What can be done about school bullying? Linking research to educational practice. *Educational Researcher*, 39(1), 38–47. <https://doi.org/10.3102/0013189X09357622>
- Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 223(5), 96–102. <https://doi.org/10.1038/scientificamerican1170-96>
- Tardif, M. (2016). *Saberes docentes e formação profissional* (15ª ed.). Vozes.
- Thomas, G. (2017). *How to do your research project: A guide for students in education and applied social sciences* (3ª ed.). Sage Publications.
- Thompson, L. (2018). Extracurricular activities and student engagement: Pathways to safe schools. *Educational Research Review*, 24(4), 98–112.
- Tiba, I. (2010). *Educação e disciplina: Como lidar com conflitos e violência na escola*. Gente.
- Tiba, I. (2015). *Educar para a paz: Valores, limites e convivência na escola e na família*. Integrare.
- UNESCO. (2018). *School violence and bullying: Global status report 2018*. UNESCO Publishing.
- UNESCO. (2019). *Education and inclusion: Global monitoring report 2019*. UNESCO Publishing.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Harvard University Press.
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente* (7ª ed.). Martins Fontes.
- Webster, D. W., & Wintemute, G. J. (2015). Effects of policies designed to keep firearms from high-risk individuals. *Annual Review of Public Health*, 36, 21–37. <https://doi.org/10.1146/annurev-publhealth-031914-122516>
- Wilkinson, R. G., & Pickett, K. (2009). *The spirit level: Why more equal societies almost always do better*. Allen Lane.
- Zaffaroni, E. R. (2013). *A palavra dos mortos: Conferências sobre criminologia e violência social*. Revan.

APÊNDICE – A

QUESTIONÁRIO – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (QUALITATIVA)

Objetivo 1: Identificar as manifestações mais frequentes de violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney.

1. Como você definiria ou descreveria as formas de violência que você já presenciou ou experimentou nas escolas de Presidente Sarney?
2. Quais são os principais incidentes ou situações que você acredita serem representativos de violência entre professores e alunos nesta região?

Objetivo 2: Avaliar como as instituições de ensino lidam com a violência entre professores e alunos na região.

1. Quais estratégias ou políticas as escolas em Presidente Sarney têm implementado para prevenir e lidar com a violência entre professores e alunos?
2. Como as escolas respondem às ocorrências de violência, e de que maneira essas respostas afetam o ambiente escolar e o relacionamento entre professores e alunos?

Objetivo 3: Avaliar o impacto da violência nas escolas entre professores e alunos na motivação dos professores e no desempenho acadêmico dos alunos nos anos finais do ensino público.

1. Como você acha que a violência entre professores e alunos afeta a motivação dos professores para ensinar? Você pode compartilhar exemplos específicos?
2. Qual é a relação que você percebe entre a violência na escola e o desempenho acadêmico dos alunos? Em sua opinião, a violência impacta negativamente o aprendizado?

Objetivo 4: Identificar medidas preventivas e intervenções que podem ser adotadas para reduzir a violência entre professores e alunos e melhorar a qualidade da educação.

1. Quais ações ou estratégias você acredita que poderiam ser implementadas para prevenir a violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney?
2. Como podemos melhorar a qualidade da educação nessa região por meio da promoção de ambientes escolares mais seguros e positivos?

Objetivo 5: Compreender a percepção das partes interessadas sobre a eficácia das estratégias de prevenção e intervenção existentes:

1. Quais são as suas opiniões sobre a eficácia das estratégias de prevenção e intervenção atualmente em vigor nas escolas de Presidente Sarney para lidar com a violência entre professores e alunos?
2. Que desafios específicos você acredita que existem na implementação dessas estratégias e programas de prevenção? Existem áreas que precisam de melhoria?

APÊNDICE – B
QUESTIONÁRIO – (QUANTITATIVO) PARA ALUNOS

Objetivo 1: Identificar as manifestações mais frequentes de violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney.

1. Com que frequência você testemunhou ou experimentou conflitos verbais nas escolas de Presidente Sarney nos últimos 12 meses?

() Nunca; () Raramente; () Às vezes; () Com frequência () Sempre

1. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "nunca" e 5 significa "sempre", quão frequentemente você observou casos de intimidação nas escolas de Presidente Sarney?

() Nunca; () Raramente; () Às vezes; () Com frequência () Sempre

Objetivo 2: Avaliar como as instituições de ensino lidam com a violência entre professores e alunos na região.

2. Em sua opinião, quão eficazes são as políticas e medidas existentes nas escolas de Presidente Sarney para prevenir a violência entre professores e alunos?

() Muito Ineficazes; () Ineficazes; () Neutras; () Eficazes; () Muito Eficazes

3. Como você classificaria a capacidade das escolas em resolver incidentes de violência entre professores e alunos, considerando que 1 é "Incapaz" e 5 é "Altamente Capaz"?

() 1 (Incapaz); () 2 (Pouco Capaz); () 3 (Neutro); () 4 (Capaz);
 () 5 (Altamente Capaz)

Objetivo 3: Avaliar o impacto da violência nas escolas entre professores e alunos na motivação dos professores e no desempenho acadêmico dos alunos nos anos finais do ensino público.

4. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "impacto negativo" e 5 significa "impacto positivo", como você avaliaria o impacto da violência nas escolas na motivação dos professores?

() 1 (Impacto Negativo); () 2 (Impacto Negativo); () 3 (Neutro); () 4 (Impacto Positivo); () 5 (Impacto Positivo)

5. Qual é a sua percepção do impacto da violência entre professores e alunos no desempenho acadêmico dos estudantes, em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Prejudica o Desempenho" e 5 significa "Melhora o Desempenho"?

(☐) 1 (Prejudica o Desempenho); (☐) 2 (Prejudica o Desempenho); (☐) 3 (Neutro); (☐) 4 (Melhora o Desempenho); (☐) 5 (Melhora o Desempenho)

Objetivo 4: Identificar medidas preventivas e intervenções que podem ser adotadas para reduzir a violência entre professores e alunos e melhorar a qualidade da educação.

6. De acordo com sua percepção, quais das seguintes medidas considera mais eficazes na prevenção da violência entre professores e alunos nas escolas de Presidente Sarney?

(☐) Maior supervisão e segurança nas escolas.; (☐) Educação sobre resolução de conflitos. (☐) Apoio psicológico e emocional aos alunos. (☐) Reinamento adicional para professores em gestão de sala de aula. (☐) Envolvimento da comunidade nas escolas.

7. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Não Importante" e 5 significa "Muito Importante", quão importante você acredita que é promover ambientes escolares seguros e livres de violência para melhorar a qualidade da educação?

(☐) 1 (Não Importante); (☐) 2 (Pouco Importante); (☐) 3 (Neutro); (☐) 4 (Importante); (☐) 5 (Muito Importante)

Objetivo 5: Compreender a percepção das partes interessadas sobre a eficácia das estratégias de prevenção e intervenção existentes:

8. Qual é a sua percepção da eficácia das estratégias atuais de prevenção e intervenção nas escolas de Presidente Sarney para lidar com a violência entre professores e alunos?

(☐) Muito Ineficazes; (☐) Ineficazes; (☐) Neutras; (☐) Eficazes; (☐) Muito Eficazes

9. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Ineficaz" e 5 significa "Altamente Eficaz", quão eficazes você considera as estratégias de prevenção de violência nas escolas?

(☐) 1 (Ineficaz); (☐) 2 (Pouco Eficaz); (☐) 3 (Neutro); (☐) 4 (Eficaz);
(☐) 5 (Altamente Eficaz)

APÊNDICE – C

Termo de Consentimento da Instituição de Ensino Básico

TERMO DE CONSENTIMENTO DA ESCOLA

A presente pesquisa contempla o projeto de pesquisa do Instituto de Educação Superior - ILUSES, no Mestrado em Ciências da Educação em convênio com a Escola Superior de Educação João de Deus - Portugal e se propõe a observar, fotografar e entrevistar os envolvidos no tema da pesquisa.

Na Instituição _____ de Ensino Básico. Avaliação de Metodologias Inovadoras: Desafios na Gestão de Conflitos e Violência nas Escolas de Presidente Sarney, Maranhão: Impactos na Qualidade da Educação. Para este fim, os intervenientes (alunos, gestores, coordenadores e professores) serão convidados a participar da referida pesquisa como voluntários através de entrevistas semiestruturadas, com as questões ao tema proposto. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo.

Entretanto, como estudo exploratório que se impõe, pede-se permissão para menção aos nomes ou imagens dos participantes quando estas se fizerem necessárias à comprovação dos dados e informações, sendo preservada a identificação e imagem dos sujeitos participantes, em quaisquer apresentações orais ou trabalho escrito, que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa é voluntária e o (a) participante pode a qualquer momento interromper a sua participação, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. O pesquisador responsável por esta pesquisa é professor Mestre **Marcos Borges** ou por e-mail: marcos.borges@iluses.com.br, ou pelo telefone (+55) 94 9296-9038 ou e-mail: estevam.pinheiro@gmail.com.br *mestrando pesquisadora* – **Estevam Pinheiro Lindoso**, Após ter sido devidamente informados de todos os aspectos desta pesquisa ACADÊMICA e ter tido oportunidade para esclarecer todas as minhas dúvidas, eu (DIRETOR) autorizo a utilização dos dados, informações e imagens da escola, enquanto Participante da pesquisa.

Eu _____ autorizo a recolha, registro, tratamento e análise das respostas em questionários, depoimentos em entrevistas e conversas informais, bem como de imagens e documentos escolares relacionados exclusivamente ao fim desta pesquisa.

Presidente Sarney - MA, Brasil, de _____ de _____ 2025

DIREÇÃO ESCOLAR

APÊNDICE – D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a): Desafios na Gestão de Conflitos e Violência nas Escolas de Presidente Sarney, Maranhão: Impactos na Qualidade da Educação. Desenvolvido pelo **mestrando pesquisadora** – **Estevam Pinheiro Lindoso**. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa tem como o Professor Mestre – **Marcos Borges**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (98) 99132-1349 ou e-mail – marcos.borges@ilusofono.com.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Presidente Sarney, Maranhão ____ de _____ de 2025

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____